



volume 3

it girl

GAROTA
SEM LIMITE

Cecily von Ziegesar

da autora de

gossip girl



A Waverly Academy está pegando fogo! O charmoso Easy Walsh agora é namorado de Jenny, mas, infelizmente, ele era o ex da bela Callie, colega de quarto da sua atual. Tinsley, é claro, usa a traição em seu benefício e, para piorar, as amigas não dividem mais o mesmo quarto: Jenny ficou com Callie e Tinsley com Brett! Mas se no amor e na guerra vale tudo, o que vai acontecer quando Easy for ver Jenny no meio da noite e encontrar Callie? E se um segredo misterioso de Tinsley for revelado?

**Oh, que teia emaranhada tecemos, quando decidimos
engendrar mentiras!**
— Sir Walter Scott

1

AS WAVERLY OWLS NÃO BEIJAM MENINOS EM PÚBLICO.

Uma chuva fria e cinzenta salpicava as imensas vidraças do estúdio de belas-artes. Em vez de se concentrar na enorme folha de papel jornal esparramada na mesa diante dela, Jenny Humphrey viu-se pensando na cena de amor de *Ponto final*, quando Jonathan Rhys Meyers praticamente devora com a boca a cabeça de Scarlett Johansson debaixo de um dilúvio no campo. É claro que, se fosse com ela, seria o sexy primeiranista da Waverly Academy Easy Walsh devorando a cabeça dela. (E, como no filme, seria verão no interior da Inglaterra e não um dia de outono gelado no norte do estado de Nova York.) O primeiranista sexy da Waverly Academy Easy Walsh — que por acaso era seu namorado.

Na semana passada, a Sra. Silver de cabelo frisado convidou Jenny, Easy e Alison Quentin para participarem de seu curso eletivo de Desenho de Figura Humana nas tardes de quarta-feira. Ela os havia puxado de lado depois da aula de retratos e, com uma voz orgulhosa e um brilho nos enrugados olhos azuis, disse, “Vocês são meus astros”. Ao participarem do curso de Desenho de Figura Humana, raciocinou ela, eles poderiam compreender melhor o corpo e aprimorar os talentos já impressionantes. Jenny ficou emocionada — era totalmente lisonjeiro se ver destacada depois de apenas algumas semanas de aula e ouvir que era talentosa. E a idéia de ter que passar um tempinho a mais com Easy também não doía nadinha.

Ao chegar ao estúdio depois do almoço, Jenny sentou-se perto da porta. No meio da sala, havia uma grande plataforma a cerca de trinta centímetros do chão, com uma única cadeira. As mesas estavam dispostas em semicírculo em torno da plataforma. Seus olhos varreram a sala, na esperança de ver a adorável cabeça de cachos castanhos escuros de Easy. Ela reconheceu algumas pessoas. Parker DuBois, o veterano da França (ou era da Bélgica?), sobre o qual as meninas estavam sempre cochichando, uma indiana alta de seu time de hóquei de grama, uma garota que ela e Brett passaram a chamar de a Dama de Preto. Por fim ela localizou Easy perto dos armários de suprimentos. Ele a estava fitando enquanto ela vasculhava a sala e lhe deu um pequeno aceno, fazendo seu coração palpitar. Como se ele já não estivesse palpitando.

Quando não estava sonhando acordada com os olhos na vidraça chuvosa, Jenny achava a aula de duas horas maravilhosamente desafiadora. A cada cinco minutos, a Sra. Silver pedia a um aluno diferente para subir e posar segundo suas instruções. Totalmente vestido, é claro, então não era realmente uma coisa que constrangesse, embora Jenny não gostasse da idéia de toda a turma desenhando seus peitos gigantescos. Por sorte, ela não foi chamada. Mas Easy foi. A Sra. Silver o fez sentar na cadeira e amarrar os sapatos, e Jenny não conseguiu deixar de pensar que desenharia melhor se ele tirasse a camisa. Antes do fim da aula, a Sra. Silver circulou pela sala e escolheu os melhores esboços do dia (de Easy, Parker e da Dama de Preto) para a exposição da galeria dos alunos na sexta-feira, que não por acaso coincidia com o Fim de Semana do Conselho Diretor da Waverly.

Quando os alunos foram dispensados, o vento estava mais intenso e lá fora parecia uma completa monção. Ainda bem que ela estava com as galochas Jeffery Campbell com seu moderno desenho multicolor floral. Uma graça, sim — mas prático também. Ela leu na revista *Real Simple*, numa tarde chuvosa em que passou folheando os periódicos na biblioteca da Waverly (em vez de decorar conjugações verbais em latim), que era bom para a psique vestir alguma coisa brilhante e colorida em dias úmidos e melancólicos. Jenny tomara a fundo o conselho e o usou como uma desculpa para comprar as galochas e uma adorável capa de vinil vermelho Benetton que achou online — era de tamanho infantil e ficou meio apertada no peito, mas usá-la lhe dava vontade de sorrir.

Até parece que ela precisava de *mais um* motivo.

Jenny se levantou e retirou as alças da mochila das costas da cadeira.

— Deixou cair alguma coisa? — Ela ouviu uma voz baixa falar atrás dela enquanto algo tocava delicadamente suas costas. Jenny girou o corpo e lá estava Easy, brandindo seu guarda-chuva rosa-claro como uma espada de esgrima.

— Quer emprestado? — ofereceu ela, recuando um passo para deixar que o resto da turma saísse.

— Não é bem a minha cor. — Easy largou a bolsa de carteiro de lona no chão e vestiu o blazer marrom da Waverly. O manual da Waverly, que Jenny estudara religiosamente antes de chegar ao colégio interno até perceber que ninguém o levava a sério, dizia que todos os blazers da Waverly tinham de estar “adequadamente conservados”. Sabe-se lá o que isso queria dizer. Jenny tinha certeza de que o blazer de Easy, com seu timbre meio descosturado, punhos puídos e um amarrotado permanente, não seguia essa regra.

— Não sei não. Você fica bem de marrom, e marrom fica só a alguns tons do rosa no círculo cromático da Sra. Silver — brincou ela, pegando o guarda-chuva dele.

Ele se inclinou para ela como quem conspira.

— Você fica ótima em todas as cores.

Jenny tossiu para disfarçar o sorriso de pateta que sentiu abrir em seu rosto.

— E — continuou Easy — você fica especialmente gata com cinza carvão nas bochechas. — Ele colocou a mão na parte inferior das costas de Jenny e a levou para fora do estúdio.

— Como é? — Jenny olhou seu reflexo em uma das caixas de exposição de escultura que ladeavam o corredor. Havia um borrão cinza na bochecha direita. Ai! Lá estava ela, pensando que seria romântico se estivesse sozinha no estúdio de belas-artes com Easy, e o tempo todo ele estava se perguntando quando ela ia perceber a sujeira na cara. Jenny rapidamente pegou um lenço no bolso dos jeans e passou na bochecha. Ela precisava de um pouco de água, mas não ia cuspir na frente de Easy. Nojento. Ela deu de ombros e andou ousadamente pelas portas principais, saindo na tarde chuvosa. — A chuva vai lavar.

Ela abriu o guarda-chuva e o segurou acima da cabeça dos dois enquanto eles desciam a

escada do prédio de belas-artes.

— Aonde você vai agora? — perguntou Jenny, andando na ponta dos pés para dar a Easy um pouco mais de espaço. Embora já pudesse sentir o cabelo encrespando com a umidade, Jenny podia apreciar a beleza do chuvisco gelado. O pátio da Waverly ainda conseguia ficar estonteante — a grama parecia artificialmente verde, e todos os tons vivos de vermelhos e laranja dos enormes carvalhos estavam encobertos numa linda névoa cinzenta. Parecia um cartão-postal. E ela morava ali.

Easy deu um tapinha no bolso da camiseta listrada de marrom e branco Abercrombie & Fitch. Era tão fina que provavelmente se desintegraria na próxima vez em que fosse lavada. Jenny reprimiu o impulso de passar as mãos pelo peito dele — para sentir a camiseta, é claro.

— É melhor dar um pulo nos estábulos e ver a Credo. Ela fica meio nervosa com a chuva.

— Dê uma cenoura a ela por mim. — O dia em que conheceu Credo foi a primeira vez em que Jenny montou num cavalo na vida — ou beijou Easy Walsh. O tempo parecia voar na Waverly. Cerca de uma semana e meia se passou desde que Easy voltou mais cedo da festa do Café Society de Tinsley Carmichael em Boston e levou Jenny até o penhasco para ver o sol nascer. Eles conversaram, se beijaram e se abraçaram. Foi... celestial. Foi uma daquelas coisas que você não espera que um dia vá acontecer ou, pelo menos, não se você é uma segundanista baixinha de cabelos crespos e peitos gigantes chamada Jenny Humphrey.

Easy sorriu para Jenny e chutou um dos refletores molhados que iluminavam as topiarias retorcidas que circundavam o prédio.

— Você podia vir comigo — sugeriu ele, um olhar tímido cruzando seu rosto, como se ele estivesse pensando em fazer em alguém, que não Credo, uma longa e agradável massagem.

Jenny girou o guarda-chuva no alto, brincalhona. Mais uma tarde chuvosa nos estábulos com Easy — sozinhos? Parecia tentador demais. Ela sacudiu a cabeça devagar.

— Sabe que eu adoraria ir, mas não deve ser uma boa idéia. Tenho um trabalho enorme de inglês para entregar na sexta e tenho que passar um tempo sendo produtiva com meu laptop na biblioteca.

Ela não queria parecer uma mala, mas estava tirando boas notas e queria continuar assim. Jenny pousou a mão livre na cintura de Easy; o contato com a pele dele lhe provocou uma descarga de adrenalina maior do que a que ela sentiu quando marcou o primeiro gol no jogo do fim de semana passado contra a Briarwood Academy. Peraí, ela estava dispensando o cara para *estudar*? Mas essa garota é maluca?

— Acho que posso esperar — disse Easy no lindo sotaque arrastado do Kentucky. — Já que você insiste. — Seus olhos azulescuro encontraram os de Jenny e um arrepio lhe correu pela espinha até os dedões dos pés em suas galochas berrantes.

— Vamos fazer alguma coisa bem divertida no fim de semana — prometeu Jenny enquanto eles seguiam pelo caminho de cascalho para o Dumbarton. — Vamos cavalgar na sexta e depois jantar. Quem sabe eu posso experimentar um meio-galope?

Easy sorriu.

— Ótimo. Vou dizer a Credo que você estará pronta para um desafio.

— Não! — gritou Jenny, batendo o quadril em Easy e expulsando-o da proteção do guarda-chuva. — A última vez já foi desafio suficiente.

Easy mergulhou de volta à proteção do guarda-chuva e passou o braço no dela.

— Então vou acompanhá-la até seu quarto.

Só a menção da palavra *quarto* a fez enrijecer. Em parte, ou talvez grande parte do motivo para a recente dedicação aos estudos de Jenny se devia ao fato de ela ficar

apavorada com a possibilidade de ficar sozinha com a colega de quarto, Callie Vernon. Até a biblioteca velha e abarrotada parecia uma alternativa mais animadora. Antes Jenny morava em um quarto com Callie, Tinsley e Brett Messerschmidt. Mas depois que Tinsley e Callie foram flagradas voltando de fininho para a Waverly após a festa que deram na suíte presidencial no Boston Ritz-Bradley, o reitor Marymount separou as meninas. A primeira semana depois que Brett e Tinsley se mudaram do quarto 303 para o 121 do Dumbarton foi a mais desagradável na vida de Jenny — pior ainda do que a vez em que ela ficou menstruada num acampamento nos bosques de Vermont com o pai e teve que usar os antigos absorventes que pareciam fraldões vendidos na loja mais próxima. Callie tinha um jeito humilhante de olhar através de Jenny, não como se a ignorasse, mas como se ela sequer existisse. Provavelmente era a única maneira de Callie lidar com o fato de que sua nova colega de quarto tinha roubado o coração de seu namorado. Se Jenny fizera ou não de propósito, não tinha importância para Callie. Ela *fez* e pronto.

Num fim de tarde, Jenny voltava da biblioteca e encontrou Callie enfiando as roupas recém-lavadas no armário. (Toda a galera rica manda lavar a roupa na Fluff 'n' Fold da cidade. Jenny se sentia uma plebéia total por usar as máquinas do porão.) Ela percebeu que as mechas normalmente longas e louroarruivadas de Callie tinham sido cortadas em camadas pouco abaixo dos ombros. Depois de se debater muito, Jenny enfim disse, “Caraca, seu cabelo está incrível!” e foi totalmente sincera. Mas Callie limitou-se a bocejar e procurar manchas de batom nos dentes pelo espelho.

Desde o fim de semana de Boston, a única vez em que Callie falou com ela foi desagradável, para dizer o mínimo.

— Esse vestido é novo? — perguntara Jenny numa tarde, esperando resposta nenhuma, como sempre. Afinal, a pergunta era insensata. Desde o rompimento com Easy, todas as roupas de Callie eram novas. Sacolas amarfanhadas da Saks, Barneys e Anthropologie formavam uma pilha alta na lixeira todo dia, e caixas de sapatos da Missoni e Michael Kors estavam começando a se empilhar, ainda fechadas, ao lado da porta do armário de Callie. Callie se virou, o cabelo novo caindo no lugar certo como se tivesse nascido desse jeito, e disse, como uma rainha:

— É. E se houvesse alguma chance de caber em você, eu ficaria preocupada de você *roubar* — antes de marchar para fora do quarto, deixando Jenny de boca escancarada. E então ela fazia o máximo para dar a Callie o espaço que ela precisava, adquirindo o hábito de acordar cedo, tomar banho, vestir-se e escapulir, tudo antes que Callie chegasse a tirar dos olhos a máscara de seda roxa e saísse da cama. Era um jeito de viver exaustivo e clandestino, e Jenny estava ficando cansada de sempre ter de deduzir quando Callie estaria fora do quarto para ela poder se esgueirar para dentro.

— Você está bem? — Easy levantou a gola do blazer para se proteger da chuva. A água empoçava no alto de seu Doc Martens de cor indefinida — pretos? Vermelho-escuro? Cobertos de terra? Um cadarço amarelo e puído caía frouxo e se arrastava atrás dele, já enlameado, enquanto ele arrastava os pés no cascalho do passadiço com a ponta do sapato. Até os sapatos dele eram lindinhos.

— Acho que sim. — De repente Jenny largou o guardachuva na grama ao lado da passagem e ergueu o rosto para o céu chuvoso, deixando que as gotas frias caíssem em sua pele. Ela sentia falta de Nova York, um pouquinho. Suas novas galochas seriam perfeitas para esparramar a água das poças que neste momento deviam estar se formando na frente de seu prédio na West End Avenue com a rua 99.

Easy não pareceu se importar com o banho improvisado. Aproximou-se e, quando virou o rosto para ele, Jenny viu seus olhos faiscando com a chuva, um cacho castanho escuro colado em sua testa.

— Você é tão, tão bonita. — Ele se inclinou para baixo e passou delicadamente o nariz no dela, antes de beijá-la.

A verdade era que ela também odiaria ver outra garota com Easy. Não podia culpar Callie. Apesar de seu lindo corte de cabelo e roupas novas e da moda, Callie ainda estava magoada. Mas Jenny não pôde evitar. Easy era incrível e, se ela tivesse de desistir de sua amizade com Callie para ficar com ele, assim seria. Ele valia totalmente a pena.

— Você está tocando — murmurou Jenny suavemente, afastando-se de Easy enquanto sentia o telefone vibrar no bolso do blazer dele.

— Não ouvi nada. — Easy sorriu, colocou as duas mãos na cintura de Jenny e a puxou para ele.

— E se for importante?

— Mais importante do que isso? — murmurou ele. — Impossível!

E eles ficaram assim, beijando-se na chuva, na frente do Dumbarton, por um bom tempo. Jenny subiu no primeiro degrau da escada e ainda teve que erguer um pouco o queixo para encontrar o olhar de Easy. E pela milionésima vez, ela afugentou a idéia de que devia ter sido mais fácil para Callie beijá-lo — ela era uns 17 centímetros mais alta do que Jenny.

Mas se ela estava tendo tanta dificuldade para não pensar em Callie e Easy, e se era *ela* que estava com ele, a coitada da Callie devia mesmo se torturar com isso. Ou talvez fosse melhor ter Easy uma vez e depois perdê-lo do que jamais tê-lo. Jenny não tinha certeza. E ela sem dúvida não queria descobrir.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

AlanStGirard: Acabo de ver um momento intenso: Marymount tomando uma xícara de chá com a Srta. Rose no CoffeeRoasters — não foi ela que vc flagrou se agarrando com ele no Ritz?

TinsleyCarmichael: Você é tão eloquente. Mas não.

AlanStGirard: Por que não conta, droga?

TinsleyCarmichael: Pq os segredos valem mais do q as fofocas, bobão. E tenho a sensação de que esta informação pode vir a calhar um dia desses.

AlanStGirard: Sabe de alguma sujeira minha?

TinsleyCarmichael: Rá. Se vc soubesse... Apenas fique na minha lista branca, ASG.

UMA WAVERLY OWL TIRA PROVEITO DE EVENTOS FORTUITOS

- E aí, princesa – gritou Heath Ferro enquanto, num rompante, abria a porta do quarto no segundo andar do alojamento Richards que dividia com Brandon Buchanan, os Pumas vinyage azul-marinho ensopados e guinchando alto no antes limpo piso de carvalho. – Ai. – piou ele quando viu as cortinas fechadas e Brandon enroscado sob o cobertor extremamente afetado de chenille pêssego. – A Bela Adormecida ainda está dormindo?

Babaca, xingou Brandon no travesseiro. Talvez uma pessoa normal com autopercepção entrasse um quarto, percebesse as cortinas fechadas, o aparelho Hummacher Schlemmer Sound Oásis sintonizado em “Noite de verão”, o corpo sob as cobertas a pensasse, Talvez eu não deva estar fazendo barulho feito um idiota. Ao que parecia, era demais pedir isso a Heath.

- Vá se foder, Ferro – grunhiu Brandon enquanto levantava a cabeça do travesseiro para fuzilar Heath com os olhos. O problema de Heath – ou um dos seus problemas – era que ele era ocupado demais consigo mesmo para dar a mínima se o colega de quarto estava dormindo, estudando ou afundando em autopiedade. Heath só foi produzido em um volume: alto.

- Não tem treino, cara? – Heath acendeu a lâmpada e a toca escura foi inundada de luz fluorescente. Brandon puxou a cobertura para cobrir o rosto.

Treino. É, ele tinha treino. E como era o capitão júnior do time de squash, devia tirar a bunda da cama e aparecer. Mas a idéia de bater uma bola de borracha idiota num espaço de 5 x 5 metros com outro cara suado – bom, bom, ele não estava a fim disso hoje. Brandon tinha surpreendentemente matado a última aula do dia – o dia cinzento e chuvoso o depressiu e o fez querer ficar enroscado na cama aconchegante, tirando um longo cochilo para talvez não acordar nunca mais.

Tá legal, isso era meio mórbido. Mas ele se sentia assim desde o fim de semana retrasado, quando Callie Vernon o humilhara completamente ao mandar, na frente de todos na festa do Ritz-Bradley, que ele assistisse a um filme pornô gay. É claro que ele tinha sido meio superprotetor demais – mas Callie estava bancando a completa imbecil, pulando na mesa e tirando as roupas feito uma bêbada para tentar acompanhar Tinsley. Brandon sempre ficava irritado ao ver o pouco respeito que Callie tinha por si mesma e o quanto ela estimava o possível sociopata Tinsley. Ele não conseguia evitar – era mortal para ele ver Callie agindo como um clone desmiolado. Ele pedira a ela para voltar ao quarto dele para conversarem com privacidade. Ou talvez fazer um pouquinho mais do que conversar. Mas Callie fez pouco dele, gritando para que a deixasse em paz. Bom, se era assim que ela queria, tudo bem. Ele estava cansado de ficar obsecado por Callie. Além disso, ela claramente não superou o metido a artista do Easy Walsh. Ele sabia que a única razão para ela subir naquela cômoda e faezr o pequeno strip-tease era ter flagrado Easy admirando o corpo de Tinsley e isso a matou. Brandon achava Tinsley e Easy repugnantes – e é claro que Callie idolatrava os dois. Ele não ia esperar que ela percebesse que eles eram sebosos desalmados e voltar correndo para ele.

Se ao menos ele tivesse alguma coisa melhor para fazer...

Brandon atirou para longe o cobertor ultramacio e ficou descalço no chão frio de madeira. Já estava vestido para o treino, com o moletom Adidas azul-marinhocom faixas laranja nas laterais e uma das camisetas Lacoste brancas que comprou às dúzias – gostava de u’s-las para treinar, mas depois que as axilas ficavam com manchas de suor, ele as jogava fora.

- Não fique de calcinha froxa, Ferro. Eu só estava tirando uma soneca.
- Você disse “calcinha” e “soneca” na mesma frase!! – Heath riu como um maníaco enquanto tirava a camiseta branca Diesel, ensopada de chuva, com as palavras EM PÂNICO MORAL impressas na frente, enrolava e atirava na cabeça de Brandon. Que ótimo. Era difícil imagina a moral de Heath em pânico – ele não tinha nenhuma. Brandon atravessou o quarto até a cômoda, suspirando ao pisar nas pegadas lamacentas deixadas por Heath, e pegou na gaveta um par de meia de ginástica Adidas brancas elegantemente enroladas. Sua resposta mordaz a heath foi eliminada indefinidamente pelo chiado do seu Treo preto na mesa de carvalho do lado.
- Callie? Brandon abriu o celular e viu o número do pai. Reprimindo um gemido, ele atendeu.
- Boa tarde, pai.
- Você parece sonolento. – A voz sonora do Sr. Buchanan continha um toque de acusação. – Espero não tê-lo acordado. Mas nem imagino por que você estaria dormindo no meio de um dia de aula.
- Que ótimo. Ele parecia ainda mais frio do que o normal. Deve ser a esposa megapiranha de vinte e poucos anos e interesseira limpando os bolsos dele.
- Eu estava me arruando para o treino. Alguma coisa errada? – o Sr. Buchanan era um homem fatigado, mais velho do que a idade que tinha, mas Brandon pensava que é isso que acontece quando se começa uma nova família quando, legalmente, já se está na terceira idade. Os fedelhos dos irmãos gêmeos de Brandon, Zachary e Luke, eram mais irritantes que Tom Cruise drogado. Não admira que o pai trabalhasse tanto.
- O Sr. Buchanan ignorou a pergunta do filho ou não a ouviu.
- Vou jantar com o reitor Marymount nesta sexta-feira. Gostaria que você fosse. Leve a Callie.
- O reitor Marymount? De que porra o pai dele estava falando?
- Você virá... aqui? – perguntou Brandon, confuso.
- O Sr. Buchanan suspirou e Brandon pôde ouvir um barulho de trem ao fundo. Ele devia estar indo da cidade para Greenwich.
- Brandon, espero que preste mais atenção a seus estudos do que a seu pai. Eu tenho reuniões do conselho diretor na Waverly o fim de semana todo. Eu lhe contei sobre isso há meses.
- Fim de Semana do Conselho Diretor – repetiu Brandon. – Desculpa, eu esqueci – acrescentou ele, embora soubesse que o pai jamais mencionou o fato. Era sempre melhor assumir a culpa do que esperar que o pai admitisse a dele. Mas que merda – jantar com o reitor Marymount? Será que ele realmente merecia esse tipo de castigo? E Callie?
- Pelo visto ele não era o único esquecido aqui. – Hummmm... E talvez você tenha esquecido que eu terminei com Callie... tipo há um ano?
- Você nunca me disse nada – resmungou o sr. Buchanan depois de uma pausa. – Muito bem, então. Leve outra pessoa. Não quero que sejamos só nós três. Isso seria... muito monótono, não concorda?
- Você acha?
- É, tudo bem, vou levar alguém. – Os pais são umas aberrações. – Olha, pai, tenho de ir para o treino.
- Tudo bem, espero que vença. Faça reserva para as oito horas naquele lugar... aquele francês. – O Sr. Buchanan desligou antes que Brandon pudesse repetir que era um treino, e não um jogo. Não se vence num treino.
- Você disse mesmo as palavras mágicas? – perguntou Heath no segundo em que Brandon atirou o telefone na bolsa de nylon do squash. Heath estava sorrindo como uma

criança de 5 anos que acabara de ouvir o jingle de um caminhão de sorvete.

- Hein?

- Fim de Semana do Conselho Diretor – repetiu Heath, a expressão elevada se espalhando pelo rosto. Ele ainda não tinha vestido uma camisa e estava parado no meio do quarto só com um calção de futebol vermelho da Nike coberto de manchar de grama.

– Sabe o que isso significa.

- Sei, Um bando de gente antiquada rica e convencida vem à cidade e faz com que os pobres filhos sobrecarregados comam pernas de sapo no Lê Petit Coq com a porra do reitor. Significa tortura.

- Não, imbecil – interrompeu Heath, pegando uma bola de futebol e fazendo embaixadinhas habilidosas com o joelho. – Significa que um bando de gente antiquada rica e convencida vem à cidade, e todo mundo fica tão ocupado fazendo de tudo para que eles fiquem felizes que nem percebem o que estão fazendo as porras dos alunos mais-inteligentes-do-que-eles-pensam. E isso – Heath sorriu – significa feeeees-TA! – Ele concluiu chutando a bola na estante de Brandon e fazendo o que estava na prateleira de cima escorregar para o chão.

Brandon revirou os olhos. Heath vinha sendo meio impossível desde o final de semana de Boston, quando a sociedade secreta de Tinsley tomou a brilhante decisão de fazer de Heath o próximo alvo masculino. Como se seu ego gigantesco pudesse inflar mais.

Brandon saiu da festa cedo, depois que Callie o sacaneou de forma humilhante na frenet de todos, mas ouviu boatos sobre o que aconteceu depois. Supostamente, Callie Tinsley e Heath subiram no terraço e dançaram ali nus... Mas ninguém parecia ter certeza. Só do que sabia era que quando todos acordaram de ressaca e se sentaram no chão do quarto do hotel de manhã os três tinham ido embora. Parecia muito suspeito para Brandon, mas ele e Callie não estavam exatamente se falando – e a última coisa que ele queria no mundo era ouvir que ela realmente fez alguma coisa tão idiota quanto dormir com Heath Ferro. Porque ela não teria feito isso, né?

Heath pegou o Blackberry e apertou um botão na discagem rápida.

- Já está tentando marcar um encontro para o fim de semana? – zombou Brandon, colocando o blusão impermeável amarelo vivo. Na verdade, era ele que precisava de um encontro. Quem no mundo ele ia convidar para ir jantar com o pai e o reitor Marymount?

Marymount?

- Até parece – brincou Heath. – estou ligando para meu amigo da Rhinecliff Liquors. O que é uma festa sem uns refrescos?

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

SageFrancis: A Smail já liberou do treino?

BennyCunningham: Acabei de checar meu mail... vamos no encontrar na Lasell, 4 em ponto.

SageFrancis: A Stairmaster com a melhor vista dos gatos do futebol fazendoalongamento é minha!

BennyCunningham: Não sei como um ginásio nojento de suor poder deixar vc excitada...

SageFrancis: Isso porque vc nunca ficou com ninguém num chuveiro do vestiário masculino.

BennyCunningham: Ah, é? Com quem?

SageFrancis: Acho que vai ter que esperar por outro jogo da verdade para descobrir.

UMA WAVERLY OWL NÃO MEXE NOS PERTENCES DA COLEGA DE QUARTO – ELA PODE ENCONTRAR ALGUMA COISA.

Os dias de chuva sempre deixavam Callie Vernon insuportavelmente sonolenta e ela mal conseguia manter os olhos abertos durante a aula de história americana avançada, algo que o Sr. Wilde, o pedante professor de trinta e poucos anos, parecia não perceber. Normalmente, sua voz grave de barítono e o sorriso sempre meio torto eram suficientes para prender a atenção de Callie, mas não quando as duas da tarde pareciam nove da noite – caía um dilúvio lá fora. O treino de hóquei foi cancelado, o que parecia bom, mas na verdade não era nenhuma dádiva, em nenhum sentido da palavra. Treino cancelado significava que todos tinham de ir para o Lasell, o centro de educação física antiquado, e passar uma hora nas esteira e outros aparelhos, que Callie odiava. Por mais magra que quisesse ser, ela não suportava andar sem sair do lugar enquanto todas piavam através do vidro para os meninos que corriam pelo ginásio. Além disso, o Lasell cheirava a chulé. E num dia de chuva como esse, todos os outros times também teriam o treino cancelado e o ginásio estaria cheio de meninos gatos, suados e fedorentos. O Sr. Wilde dispensou a turma. Callie, piscando rapidamente para se livrar do sono, passou por ele na soleira da porta; ele abriu seu sorriso torto.

- Parece que você precisa de um cochilo. – Isso contava como permissão de um professor para matar o treino, não é? Ou pelo menos para se atrasar?

E assim, uma hora depois, quando acordou de sua siesta da tarde, uma palavra que sua mãe lhe ensinara a usar em vez de cochilo (porque esta última tinha uma conotação de preguiça), Callie bocejou e pulou para fora da cama, vestida somente com a calcinha preta Calvin Klein e uma camisetinha stretch da mesma cor. Podia andar por ali nua, se quisesse, uma vez que agora praticamente morava sozinha. Desde que Tinsley e Brett se mudaram, ela mal via Jenny. Callie acordava todo dia em um quarto vazio e se arrastava para a cama após sua rotina noturna de Pilates, depois de passar o dia todo sem que visse a colega de quarto baixinha e peituda. E era exatamente assim que ela queria que fosse.

Ela podia ter desconfiado de que Jenny estava dormindo em outro lugar – uma idéia que a teria deixado louca de ciúme, como se a baixinha Jenny Humphrey consaeguisse entrar de fininho no alojamento dos meninos toda noite e fazer sexo ilícito e selvagem com Easy Walsh. Mas felizmente, toda manhã, o cheiro no ar de ginseng e mel da loção Frederic Fekkai Curl Enhancing garantia a Callie que a pestinha da colega que roubava namorados tinha dormido na própria cama. Ou talvez ela fosse só do tipo que acorda supercedo.

Jenny na verdade parecia ter medo dela. E devia ter mesmo.

Não que a vida de Callie não tivesse melhorado sem Easy Walsh. Desde que eles terminaram (ela se convencera de que era mútuo e de que ela não levava um chute na sua bunda magrela), Callie conseguira tirar A em sua última prova de biologia, marcar seis gols nos últimos dois jogos de hóquei e paquerar cada cara bonitinho e solteiro do campus. Na quinta passada, ela recebeu permissão especial para pegar o trem para Manhattan para uma “emergência médica” e passou a tarde na Bergdorf-Goodman, seguida de liquidações no Garment District. Ao sair do trem na estação de Rhinecliff, os braços carregados de sacolas de roupas Theory (prévia da coleção!), com as novas espadrilles plataforma Christian Louboutin de laço sexy no tornozelo e adoráveis borboletas bordadas na ponta, o cabelo com o novo corte, louro e mais curto com cheiro do Red Door Salon e sibilando no ombro, ela se sentiu... mais leve. E livre! Embora

teria se sentido muito mais leve se Easy não estivesse namorando a colega de quarto. Melhor ainda, se ele não estivesse namorando ninguém.

Callie olhou-se no espelho da cômoda e sacudiu a cabeça, gostando de como ficava o novo corte de cabelo quando em movimento. Ela apostava que Easy ia gostar.

Porra. Era tão difícil se livrar dos sentimentos que ficaram vivos e pulsando por mais de um ano. Só porque Easy de repente concluiu que estaria melhor com uma segundanista baixinha, boba e de cara rosada com os peitos do tamanho de uma stripper, ela devia simplesmente superar? Era duro. Por vinte meses, Easy tinha sido o homem em seus pensamentos enquanto ela se arrastava para a cama à noite. Quando viu um vestido de noiva branco e lindo numa revista, foi com Easy que ela sonhou usar. Callie suspirou. Ela o aceitaria de volta em meio segundo.

Callie sentiu o rosto esquentar. Tinsley era a única com quem ainda podia falar de como doía o rompimento. Em vez de ficar entediada com isso, Tinsley dava a impressão de que gostava de ouvir. Ela quase parecia mais chateada com Jenny do que a própria Callie.

Lá fora, a chuva parecia ter diminuído um pouco. Callie bocejou mais uma vez e decidiu acabar logo com essa merda e ir para o ginásio. Os exercícios liberavam endorfinas, os únicos antidepressivos naturais. Já que não dava pra pôr as mãos no Paxil da mãe, podia muito bem pular numa esteira. Da primeira gaveta de sua cômoda abarrotada (a que ela usava para suas roupas de educação física, uniformes de hóquei e outras coisas de ginástica). Callie pegou uma calça de ginástica Adidas by Stella McCartney e vestiu.

Elástico de cabelo, elástico de cabelo, pensou Callie enquanto olhava o tampo da cômoda. Ela sempre os perdia. Para onde é que todos eles iam, porra? Sentindo-se culpada, ela olhou a cômoda de Jenny. Era quase tão bagunçada quanto a sua. Talvez elas pudessem ser amigas, se Jenny não tivesse se revelado uma ladra de namorados cheia de tramóias e facadas nas costas.

Sem hesitar, Callie andou até a cômoda de Jenny e procurou pela lata de Altoids cheia de elásticos de cabelo. Mas sua mão parou no ar quando ela via uma folha de caderno dobrada com a letra J. Ela tocou a carta e a borrou. Carvão.

Seu coração bateu dez vezes mais rápido. Ela pegou a folha de papel num rompante e examinou a caligrafia de oito anos de idade que conhecia de Easy – só ele podia fazer uma letra J praticamente ilegível. Ela parou por um momento para se debater sobre as implicações morais de ler o bilhete de outra pessoa antes que sua curiosidade levasse a melhor.

No papel, não havia palavras, só um desenho a lápis. Era uma acricatura de um sujeito de cabeça gigante, cabelos escuros e desgrenhados, vestindo jeans surrados com buracos nos joelhos e uma camiseta com o símbolo da paz. Era fácil adivinhar quem devia ser. Easy. Ele estava mandando um beijo.

Antes que soubesse o que estava fazendo, Callie amassou a folha de papel numa bolinha minúscula e apertada. Ela olhou a palma da mão por um segundo, antes de enfiar a bolinha no bolso com fecho da calça, que existia só para a chave do armário da educação física. Seus olhos dispararam pelo quarto, procurando alguma coisa para quebrar, rasgar ou atirar na parede ou... Ela viu a lata de Altoids e pegou um punhado de elásticos de Jenny e os atirou no quarto um por um, no estilo estilingue, para todo lado. Sua incrível fúria se dissipou com o desaparecimento dos elásticos nas pilhas de roupas de grife amassadas e amontoadas no chão.

Pegando a bolsa de ginástica, Callie saiu pela porta e voou pelos dois lances de escada de madeira até o quarto de Tinsley e Brett – precisava desesperadamente de alguém, AGORA!, que lhe dissesse que ela era muito mais bonita do que a Jenny, aquela anã de

peito grande e que Easy ia se arrepender pelo resto da vida por ter terminado com ela. Mas enquanto ela acelerava pelo canto, parou numa derrapada. Porra. Bem na frente do quarto de Tinsley e Brett estava Jenny, ainda vestida nos jeans ultra-escuros e apertados enfiados num adorável par de galochas floridas e uma capa de chuva de vinil vermelha da moda. O cabelo crespo e curto estava colado na testa, e a pele clara e perfeita, escorregadia de água. Ela podia estar horrorosa se as bochechas não estivessem coradas e um sorriso presunçoso e bonitinho não estivesse empoleirado nos lábios vermelho-rubi. Sua mão segurava um marcador e estava postada para escrever algo no quadro de avisos de plástico pendurado na porta de Tinsley.

- Ah, oi! – Jenny olhou, sobressaltada. – Eu, er, estava deixando um bilhete para Brett. – Suas bochechas ficaram ainda mais coradas e Callie ficou parada ali, em silêncio.

Tinsley deve ter ouvido as duas porque, meio segundo depois, antes que Callie tivesse tempo de ignorar Jenny, a porta se abriu. Tinsley ali estava, numa calça de ioga preta e sutiã esportivo da mesma cor. Ela avaliou a cena objetivamente, primeiro dando a Callie um sorriso rápido e depois concentrando seus olhos violeta em Jenny, que tinha dado um passo assustado para trás, ainda segurando o marcador vermelho aberto. Tinsley tombou a cabeça de lado, como se tentasse imaginar o que Jenny podia estar fazendo na sua porta.

Jenny praticamente derreteu no silêncio e nos olhares de murchar das duas meninas mais velhas.

- Er, a gente se vê na educação física, eu acho... – Sua voz suave falhou enquanto ela recuava para a escada.

- Esse marcador é meu? – perguntou Tinsley friamente.

- Ah, desculpe. – Jenny refez os passos e entregou o marcador a Tinsley, puxando a mão como se tivesse medo de se queimar. – Pode dizer a Brett... deixa pra lá – corrigiu ela, lembrando-se de repente que Tinsley e Brett também não estavam exatamente se falando. – É melhor eu ir.

Callie e Tinsley a encararam enquanto ela desaparecia no corredor. Depois Tinsley colocou a mão no braço longo e magro de Callie.

- Não se preocupe. Ela vai ter o que merece. – Os olhos violeta e maliciosos de Tinsley cintilaram. Ela era ardilosa e a vingança era sua diversão preferida. Era óbvio que já tinha um plano para Jenny ter o que “merecia”.

Mas Callie não achou graça. A verdade era que ela não queria pegar Jenny.

Ela só queria Easy de volta no lugar a que pertencia.

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: BriannaMesserschmidt@elle.com

De: BrettMesserschmidt@waverly.edu

Data: Quarta-feira, 2 de outubro, 16h04

Assunto: Que felicidade

Bree

Já tem um tempo que não sei de você. Espero que sua chefe não esteja dando uma de O diabo veste Prada pra cima de você. As coisas estão ido bem por aqui, na boa e velha Waverly – embora eu esteja planejando ser uma coruja meio traidora neste fim de semana e torcer pelo time da St. Lucius no jogo dos ex-alunos de Jeremiah – mas eu

realmente vou torcer só por ele. Ele tem sido incrível ultimamente e pretendo recompensá-lo em breve... Vou manter você informada.

Não se preocupe, vou ser para sempre sua

Maninha

;)

A SEDE ESPORTIVA ESTÁ DISPONÍVEL COM HORA MARCADA PARA AS WAVERLY OWLS PRATICAREM ATLESTISMO INDOOR.

Brett Messerschmidt não teve tempo para ver o e-mail entre as aulas da tarde porque não terminou a tradução da parte que lhe cabia de *Metamorfoses* de Ovídio para a aula de latim do último período. Ela estava numa turma intermediária e, até três semanas antes, tinha se xingado por fazer o teste de latim para iniciantes, que era ministrado pelo sensual Sr. Dalton. Com ênfase no era. Devido a uma alteração do tipo sexual com um aluna chamada Brett, ele foi demitido e não estaria mais disponível para aulas particulares e íntimas regadas a vinho. Brett agora estava grata pela matéria ser ministrada por uma Sra. Graver de quarenta e poucos anos e meio assexuada, e não por alguém com quem ela quase – quase – dormiu. Ainda assim, a semana e meia passada com um Jeremiah tão-apaixonado-por-ela quase apagou todas as lembranças de com se fez de babaca completa com o Sr. Dalton. Quase.

Depois da aula, ela pegou a capa de chuva verde com cinto Pasha & Jô e correu para a sede esportiva na esperança de treinar chutes antes que o resto do time de hóquei chegasse lá. Mas havia um bilhete colado nas pesadas portas de metal, dizendo que o time devia se encontrar no ginásio Lasell. Voltar pelo campus todo nessa chuva de frisar cabelo? Brett empurrou a porta – estava destrancada. Ela sorriu e sacou o celular. Trinta e cinco minutos depois, ela estava deitada em um dos colchonetes azuis de salto com vara ao lado de Jeremiah. Os corpos afundavam no colchonete como se eles estivessem esparramados no mais macio colchão queen size do mundo. A sede esportiva, onde todos os times da Waverly guardavam seu equipamento, parecia espectral e romântica.

- Nunca tinha visto esse lugar por dentro. – Jeremiah olhou o teto alto de vigas com as mãos atrás da cabeça. A chuva martelava sem parar no telhado de alumínio. Brett virou-se para olhá-lo, grata por sua saia cigana de estampa indiana exclusiva ser propositalmente amassada. Uma mecha curta de cabelo ruivo – a parte que sempre conseguia cair em seu rosto por mais fivelas que ela usasse – pendia bem diante de seus olhos e parecia que ela estava olhando Jeremiah através de uma cortina vermelha e fina. Antes de conhecê-lo, os atletas não faziam o tipo de Brett. Ela sempre se sentia atraída por homens mais velhos – bem vestidos, sofisticados, talvez até europeus – como Gunther o suíço que conheceu numa viagem de esqui, com quem ela supostamente perdeu a virgindade. Pelo menos essa era a história que ela contava. Mas agora, que as coisas estavam indo tão bem com Jeremiah, ela queria esclarecer qualquer mal-entendido que ainda existisse entre os dois. Quando começaram a namorar no ano passado, depois de se conhecerem na festa de primavera de Heath Ferro na casa de campo dos pais dele em Woodstock, ela não foi exatamente verdadeira. Ele achou que ela era a garota experiente, vivida e madura que fingia ser desde que chegou na Waverly. Esse pressuposto incluía o fat (ou não-fato) de que ela não era virgem. Ela não tentou corrigir o mal-entendido, mesmo depôs de ele ter confidenciado que ele ainda era virgem. Brett sabia que era idiotice e imaturidade fingir ser uma coisa que não era, mas isso a deixava mais confiante sobre o relacionamento dos dois. Ela gostava de ser aquela que ditava as regras, aquela que traçava os limites, que fazia e acontecia. Além disso, ela não estava pronta para contar a verdade a Jeremiah ou perder a virgindade. Mas agora as coisas eram diferentes.

- Não vai ter problemas por matar o treino para ficar com a namorada? – perguntou ela timidamente, puxando os dedos com delicadeza no peito largo de Jeremiah. Ele era

tão... delicioso. Brett Continuou tocando de leve porque, devido a uma semana inteira de jogos de futebol americano, todo o corpo de Jeremiah estava cheio de hematomas das pancadas. Este ano ele era o quarterback do St. Lucius então era muito agarrado.

E por falar em agarrar, pensou Brett. Ela rolou para Jeremiah.

- Tá tudo bem. – Seus olhos verde-azulados percorreram o rosto de Brett. – O campo de treino inunda quando chove desse jeito. Só tínhamos de passar algumas horas no ginásio esta noite.

- É, eu também devia fazer isso. – Brett fez uma careta. – Mas eu odeio a porra do ginásio. Todos aqueles atletas bobalhões... sem querer ofender... babando para as meninas com os shortinhos Puma. É meio nojento.

- Peraí, acha que eu sou um atleta? – perguntou Jeremiah numa falsa surpresa.

- Você é o quarterback da hora, meu amor. Isso não faz de você automaticamente um atleta? – Brett entortou o pescoço e tocou os lábios dele com os dela, sem beijá-lo exatamente. – Mas é um atleta lindinho.

- Acho que assim é um pouco melhor. – Ele a beijou, com um pouco mais de intensidade. – E eu gosto quando você me chama de “meu amor”. – Saiu meu amorrr com o forte sotaque de Boston de Jeremiah. Como Brett podia ter se cansado disso? Agora parecia-lhe tão exótico e ainda mais sexy quando ela pensava que era assim que John F. Kennedy devia ser. Oooh. Os Kennedy. Jeremiah era praticamente feito na mesma fôrma – bom, sem todos aqueles escândalos de sexo e drogas. A família dele era equilibrada demais para isso.

- Ei. – Ela empurrou o cabelo castanho avermelhado que ficava meio comprido para trás da orelha. – Quais são os planos para o fim de semana?

- Ah, gata! – Jeremiah tirou as mãos da cabeça e as esfregou no peito. – Vai ser demais. Primeiro vamos dar uma surra na galera da Millford na festa dos ex-alunos, depois vamos cair na farra feito astros do rock. Assstros do rock.

- Astros do rock, hein? – Brett sorriu. Parecia divertido. Ela andava estudando muito ultimamente e era bom pensar em outra festa. Ela não ficou triste por perder a festinha no Ritz-Bradley na outra semana, depois de Tinsley tê-la expulsado de seu clube exclusivo para meninas. Ela se divertiu muito mais ficando com Jenny e, é claro, Jeremiah, quando ele entrou de fininho no Dumbarton. Mas desde a troca forçada de quartos, ter que dividir um quarto exclusivamente com a ex-melhor amiga Tinsley Carmichael levou Brett a fazer muito mais dever de casa do que faria normalmente. No início ela tentou ao máximo evitar o quarto, passando as tardes na biblioteca, mas depois percebeu que isso significava a vitória de Tinsley. E então ela começou a fazer o dever de casa no quarto do alojamento com Tinsley, as duas se ignorando totalmente. Era meio foda, mas Brett não ia ceder. Afinal, Tinsley tinha roubado o Sr. Dalton bem debaixo do nariz dela. É claro que acabou sendo uma bênção disfarçada. Mas roubar deliberadamente a paixonite da amiga era um comportamento total de traidora, e merecia um castigo grave.

O fim de semana dos ex-alunos da St. Lucius parecia a oportunidade perfeita para relaxar.

- Bem que eu podia netrar nessa.

- É claro que pode – concordou Jeremiah. – Você será a mais gata de lá.

Ele era um amor. Ela plantou outro beijo nele.

- Então acho melhor eu começar a planejar o que vou vestir. – Brett estava empolgada com a oportunidade de conhecer alguns dos amigos de Jeremiah. Talvez até pudesse juntar Callie com um deles. Caraca, o que ela estava pensando? Callie mal estava falando com ela. Brett claramente fora marcada como traidora por ser amiga de Jenny. Ela podia passar sem a amizade de Tinsley – desde que ela voltou da África do Sul,

naquele outono, ela anda insuportável. Mais desagradável e ainda mais indiferente, se isso for possível. Mas era estranho não ser mais próxima de Callie. Ela sentia falta de ouvi-la balbuciar dormindo. Às vezes Callie tinha conversas inteiras consigo mesma. O quarto estava silencioso demais sem ela.

- O que você acha de jantar com meus pais? – Jeremiah parecia tímido, como se de jeito nenhum pudesse esperar que Brett suportasse esse fardo.

- Está brincando? – Ela praticamente guinchou, sentando-se. – Eu adoro a sua família. – Talvez ela usasse o colar de pérolas de água fresca que encontrou na Pimpernel's - embora em geral fosse frescura demais para o gosto mais excêntrico de Brett, ela teve um desejo desesperado de fazer compras na semana passada e arrastou Jenny a uma boutique. Elas experimentaram vestidos supercaros que não pretendiam comprar e ignoraram a carranca da vendedora loira que deixou claro que não apreciava as atividades das Waverly Owls – a não ser aquelas como Callie, que pagavam contas ali. As pérolas não eram normalmente coisa de Brett, meio debutantes demais para ela, mas estas tinham um formato moderno e singular, e ela podia imaginar alguém como Sienna Miller atirando-as no pescoço para dar vida a um vestido preto e sem graça. As pérolas tinham um quê divertido e eram perfeitas para um jantar com os Mortimer, que eram überclassudos.

Não se importa? – Jeremiah se mexeu no colchonete, levando Brett a escorregar para mais perto dele. Ela certamente não se importava com isso. – Pelo menos podemos arrancar um bom jantar deles.

Brett colocou sua pequena mão com anel de ouro na de Jeremiah e se inclinou para ele.

- E depois podemos sair... e, er, nos divertir um pouco.

Jeremiah beijou seu rosto e deixou a boca ali, para que ela pudesse sentir as palavras enquanto ele as pronunciava.

- Gostei da idéia.

Ele era tão lindo. Ela queria pular em cima dele. Ah, meu Deus. Agora não, Brett lembrou a si mesma. Todo seu corpo se tensionou com a expectativa. St. Lucius certamente venceria o grande jogo e Brett ficaria na lateral torcendo para Jeremiah, vestida numa roupa que mataria de inveja as meninas do St. Lucius. Depois Jeremiah faria o touchdown vencedor e os torcedores tomariam o campo, e ela correria pelo gramado (observação: não usar salto agulha) e atiraria os braços nos ombros acolchoados de Jeremiah, e ele iria girá-la e lhe dar um daqueles beijos teatrais de final de filme. Eles iam jantar com a família dele, no equivalente do St. Lucius ao Le Petit Coq, e Brett deixaria os Mortimer tontos com seu conhecimento sobre assuntos internacionais (observação: dar uma olhada em alguns exemplares da Newsweek na biblioteca), enquanto tentava não derreter com os olhares sensuais a arrasadores que Jeremiah lançaria a ela do outro lado da mesa. Depois dos beijos no rosto de au revoir ao Sr. E à Sra. Mortimer, ela e Jeremiah iriam a algum lugar reservado, romântico e perfeito para eles perderem a virgindade juntos.

Ela aninhou a cabeça no ombro de Jeremiah e, enquanto ele apertava suas costas, ela agradeceu ao destino e a seu bom senso por não ter dormido com o Sr. Dalton. Era para Jeremiah que ela estava se guardando. E ela só precisava esperar mais alguns dias.

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

De: HeathFerro@waverly.edu

Para: beerdude101@hotmail.com

Data: quarta-feira, 2 de outubro, 18h49

Assunto: Entrega de mercadorias

Mano,

Obrigada pelo retorno – seis barris pequenos devem dar para o começo da noite. Lembra onde você deixou da última vez? Ande um pouco mais – o sexto prédio na estrada de acesso é o Dumbarton, o adorável alojamento feminino. Encontro você nos fundos.

Meia noite. Uuu-uuuu!

H

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

HeathFerro: Ai, calouro, lembra do favor que me deve?
Estou cobrando.

JulianMcCafferty: Ué, que favor?

HeathFerro: Não ter te dado uma surra por ser um calouro inútil!

JulianMcCafferty: Que hilário. O que vc quer?

HeathFerro: Envolve pegar alguns barris de cerveja nos fundos do Dumbarton. Talvez a gente tenha sorte e elas façam uma festa de calcinha são luar.

JulianMcCafferty: Já que é assim...

HeathFerro: Eu sabia que não ia resistir. Me encontra lá embaixo à meia-noite, a não ser que tenha que ir pra caminha cedo...

JulianMcCafferty: Vou levar meu cobertor.

UMA WAVERLY OWL ESTÁ SEMPRE DISPOSTA A AJUDAR UM COLEGA NECESSITADO

Tinsley Carmichael abriu a janela de seu quarto no primeiro andar, encolhendo-se quando ela rangeu alto, antes de perceber que ela não dava a mínima que fosse quase meia-noite e Brett tivesse acordado. Ela olhou o corpo inerte da colega de quarto, enterrada sob o edredon rosa-choque de estampa indiana, e quase sorriu ao ver como Brett sempre dormia como se estivesse em coma. Elas aprenderam a dormir com os rncos e a falação sonâmbula de Callie.

Tinsley suspirou e passou a perna no para peito, deixando a perna com pijama para fora. Ela se encostou no caixilho e sacudiu um cigarro do maço novo de Marlboro Ultra Lights. Depois de uma noite longa e cheia de tensão, era glorioso fumar. Ela devia ser uma das únicas meninas acordadas agora no Dumbarton. Depois de escovar os dentes, ao voltar para o quarto, ela passou pela menina quietinha do quarto vizinho – usando um roupão marrom escuro feio e carregando uma toalha preta e grossa no ombro. Hummm, ta legal. Era tipo a vigésima vez que Tinsley a via indo para o banho quando todo mundo no alojamento estava dormindo. É claro, isso era normal. E como Pardee nunca disse nada sobre essa garota claramente desrespeitar o toque de recolher, ela ou deve saber alguma coisa sobre Pardee (talvez Tinsley não fosse a única que a tenha pegado andando com um reitor casado?) ou Pardee a deixava quebrar as regras porque era a única maneira de a manter fora do manicômio.

O relacionamento de Brett e Tinsley como colegas de quarto só perdia para o de Callie e Jenny em termos de loucura. Este ano Brett estava na lista negra de Tinsley, depois de duas enormes ofensas de cortar a amizade. Primeiro, ela era toda cheia de amores com Jenny Humphrey, como se tivesse sido a Jenny quem salvou a pele de Brett no ano passado, assumindo a culpa pelo incidente flagradas-no-campo-com-Ecstasy. E depois toda história do Sr. Dalton – Brett praticamente estava dormindo com o cara e não se deu ao trabalho de contar a ela. Tinsley não resistiu, teve que tentar roubar o Sr. Dalton. A deslealdade entre melhores amigas a deixava louca.

E talvez fosse por isso que ela estava se sentindo uma adolescente meio má - não culpada, só má – pelo modo como a saga do Sr. Dalton acabou se desenrolando. Só o que ela queria era que Brett a recebesse de volta à Waverly de braços abertos – era demais esperar isso de uma das supostas melhores amigas? Ela ficou magoada coma frieza de Brett e então ela atacou – pegou meio pesado, é verdade. Mas Brett não tinha de levar tudo tão a sério. Até parece que ela ia se casar com o Dalton ou coisa assim. Além de tudo, como resultado direto de Tinsley roubar Dalton, Brett voltou com Jeremiah. Então, na verdade, tudo tinha dado certo. Brett devia agradecer a ela de joelhos!

Tinsley meio que estava gostando da briga, especialmente agora que Brett revidava à altura. No começo, Brett passou alguns dias evitando o quarto, mas então era como se tivesse percebido que estava perdendo ou coisa assim, e começou a ficar mais por lá, ouvindo música alto, tagarelando ao celular com Jeremiah ou com a irmã, desafiando Tinsley a dizer alguma coisa. Brett até levou as nerds do grupo de estudos de química uma noite para fazer cartões de equações e símbolos químicos – e Tinsley teve simplesmente de ficar sentada em silêncio à mesa, ignorando-as enquanto elas bradavam coisas como a lei de Faraday da eletrólise e reação de glicose. Nerds! Hoje à noite mesmo, ela e Brett ficaram sentadas em suas mesas a um metro e meio de distância, escrevendo trabalhos em seus laptops e ouvindo os iPods. Brett acabou indo

para a cama primeiro, em silêncio, é claro.

Tinsley suspirou. Era tudo um jogo. E Brett seria a primeira a desistir.

Do lado de fora da janela, alguma coisa se mexeu. Tinsley bateu as cinzas no arbusto abaixo e semicerrou os olhos – ela era praticamente cega sem as lentes de contato.

Parecia que havia duas figuras perto da estrada de acesso que passava atrás do Dumbarton e dos outros alojamentos femininos, e ao lado, parecia haver um esquadrão de ÓVNIS brilhantes. Mas o que... Era Heath??

O coração de Tinsley começou a bater um pouco mais rápido. Alguma coisa estava acontecendo. Ela olhou para trás e viu Brett, praticamente em coma, depois ergueu o chaveiro Tiffany, como Zippo platinado e o apito de emergência (que seu pai a fez prometer que estaria com ela o tempo todo – embora ela agora estivesse na Waverly e não na África do Sul). Ela o colocou nos lábios e soprou rapidamente.

As figuras pularam mas, antes que pudessem fugir, Tinsley acenou seu braço pálido e fino para eles e mostrou um sinal de paz.

- É você, HF? – sussurrou Tinsley na noite fria e escura enquanto Heath corria em sua direção. Ela semicerrou mais os olhos para a figura ao lado dele. Parecia aquele calouro gato e superalto que sempre andava com os meninos mais velhos. Julian? Ótimo. Sua noite definitivamente estava melhorando.

- Ah, garota! – Heath exclamou num tom um pouco mais alto do que um sussurro. – Que bom te ver!

- O que vocês estão fazendo aqui? – perguntou Tinsley, baixando os olhos friamente. Ela se sentia muito sensual, sentada na janela com o pijama Hanro de seda branca, fumando um cigarro, feito um personagem tirado de uma peça de Tennessee Williams. – Já passa um pouco, hummm, do toque de recolher.

- A gente gosta de viver perigosamente – respondeu Julian, bocejando. Tinsley virou a cabeça para ele. Ele era tão lindo, como lembrava, mesmo com sua visão embaçada.

- A, é? Procurando cogumelos de novo? – Tinsley chutou a perna pendurada na parede de tijolinhos do Dumbarton e jogou o cigarro na grama embaixo.

Heath se aproximou com seu tênis e pisou na guimba.

- Olha, temos um problema aqui. – Havia certa preocupação na cara totalmente relaxada de Heath. Ele apontou para os ÓVNIS. – Temos seis meios-barris que precisam de um lar.

Tinsley olhou os monturos prateados e cintilantes. Seis meios-barris?

- Por que vocês trouxeram para cá?

Julian sorriu e passou a mão no cabelo louro e desgrenhado.

- Um presente para você? Uma oferenda?

Pode parar com a palhaçada por um minuto, meu caro? – Heath parecia estar à base de comprimidos de cafeína ou algo do tipo. – Podemos pensar numa solução para o problema e deixar a paquera para depois?

- Por que não botam no terraço? – sugeriu Tinsley inocentemente, dando de ombros e indicando a escada de incêndio no canto do prédio, que levava até o terraço. Seria divertido de assistir. – Ninguém vai encontrar lá.

- Brilhante! – Heath bateu na testa. – Eu sabia que você ia pensar em alguma coisa. – Ele empurrou Julian para os barris. – Pegue um. Vamos subir pela escada de incêndio. Os meninos são tão burros. Sem acreditar, e sentindo um prazer um pouco exagerado, Tinsley ficou olhando os dois carregarem desajeitados um dos barris de cerveja pela escada de incêndio enferrujada e frágil, tentando desesperadamente não fazer barulho. Ela deu uma risadinha. Será que estavam chapados ou eram só uns idiotas?

Quando eles voltaram ao chão, Tinsley tinha mudado de idéia.

- Olha, acabei de ouvir a anormal do quarto ao lado indo para o banho. – Talvez a

menina quietinha que só tomava banho quando ninguém mais estava por perto fosse de alguma utilidade. Ela ficaria honrada. – Eu posso abrir a porta dos fundos para vocês... Vocês podem entrar de fininho no quarto dela. Ela mora sozinha. Aposto que eles vão caber debaixo da cama.

Ela levou todo o tempo do mundo calçando os confortáveis chinelos Uggs (ela odiava as botas, mas os chinelos eram bons) e se arrastou pelo corredor, descendo a escada de mármore frio até a porta dos fundos do Dumbarton. Heath e Julian esperavam por ela, arfando de terem carregado os barris para o local.

- Vocês estão em péssima forma – sussurrou Tinsley, espremendo-se na porta para que os meninos pudessem passar, cada um deles carregando um dos pesados recipientes nos braços.

- Então por que não nos ajuda? – sussurrou Heath de mau humor, com os tênis, molhados de orvalho, guinchando nas tábuas corridas.

- Acho que eu já fiz mais do que o suficiente. – Ela os levou pelo corredor, observando, enquanto eles passavam pelo banheiro, que o chuveiro ainda estava aberto.

- Quem toma banho à meia noite? – Heath olhava as portas fechadas à medida que passavam, imaginando as meninas adormecidas e nuas dentro deles. Ele tinha se esquecido de ficar rabugento e parecia perfeitamente feliz.

- Ninguém que você queira conhecer. – A luz vazava por baixo da porta fechada do quarto da Garota do Banho e Tinsley a abriu. Era um quarto pequeno, que antigamente devia ter sido armário de depósito, arrumado e organizado como uma cela de monge. A cama era sustentada por gigantescos blocos de concreto, erguendo-a uns bons 30 centímetros do chão de madeira.

- Legal – sussurrou Heath, passando as mãos no lençol suave, que exibia um enorme logo do Super-homem. Ou talvez fosse do Batman. Tinsley odiava toda essa merda de super-heróis, mas Heath parecia estar prestes a se atirar ali e começar a pular. Tinsley tirou a mão dele da cama.

- Pare de babar para a Mulher-Gato e comece a fazer alguma coisa de útil. Não tem alguns barris para esconder? – Ela levantou a beira do lençol e se abaixou para olhar embaixo da cama. Completamente vazia. Caramba, a menina não tinha porcaria nenhuma. – Está vazio aqui embaixo... Eles vão caber.

- Mulher-Gato? – Heath riu enquanto colocava delicadamente seu barril no chão e o empurrava para baixo da cama. – Ela tem um morcego nos peitos... é a Batgirl!

- Quer dizer, tipo a Alicia Silverstone? – Julian endireitou o corpo depois de colocar o barril no lugar.

Heath gemeu.

- Não, essa foi uma degeneração cruel da verdadeira Batgirl, que tem intelecto de gênio, habilidades soberbas de hacker e mais artes marciais...

Julian e Tinsley trocaram olhares. Tinsley pegou Heath pela mão e o puxou para a porta.

- Você sabe que eu adoro ouvir você ficar todo poético com os quadrinhos e tudo isso, mas ela já deve ter passado xampu e condicionador, então podemos nos concentrar aqui?

- Tá legal. – Heath foi para a porta, dando uma última olhada prolongada por sobre o ombro. Julian parecia se divertir. Na verdade, Tinsley percebeu que ele sempre tinha essa expressão, como se a vida em geral o divertisse. Enquanto voltavam na ponta dos pés pelo corredor e saiam pela porta, um feixe de luz bateu no rosto de Julian e Tinsley se esqueceu de ter ciúme de Heath Ferro devaneando com uns amassos com a mane da vizinha só para que ele pudesse rolar na cama da nerd.

Só no que ela conseguia pensar era em fazer uma ótima primeira impressão aos olhos de

Julian. Mesmo que ele fosse só um calouro, ela ia fazer com que ele se apaixonasse por ela.

De: J.L.Walsh@lockwoodwalshbarristers.com

Para: EasyWalsh@waverly.edu

Data: Quinta-feira, 3 de outubro, 8h12

Assunto: Jantar

E,

Tentei ligar, mas não tive resposta. To na cidade para o Fim de Semana do Conselho Diretor. Vou encontrá-lo para jantar na sexta à noite no Petit Coq. Oito em ponto. Estou fazendo reserva para três. Leve Callie

J.L.W.

UM WAVERLY OWL JAMAIS ESQUECE QUEM É SUA NAMORADA

Na quinta de manhã, Easy Walsh atravessou o pátio, mal vendo as poças que ficaram da chuva da véspera que seus Golas marrons e castanhos evitaram minuciosamente. Seus olhos estavam colados no caderno Moleskine que ele usava para tomar notas nas aulas do Sr. Wilde. O problema era que ele em geral ficava mais interessado em desenhar o que via do lado de fora da janela – um esquilo gordo tentando enfiar o focinho num maço amarrotado de cigarros, duas meninas de top jogando Frisbee, Heath ferro lendo a revista People – em vez de prestar atenção no que seu professor tinha a dizer sobre o Destni Manifesto e os Artigos da Confederação. Easy folheou as páginas com desenhos e sua escrita quase indecifrável e suspirou. Vinte minutos de esforço não iam ajudá-lo a passar nesta prova.

Embora soubesse da prova há duas semanas, Easy não conseguira escolher estudar. Simplesmente havia muitas coisas muito mais importantes. Como podiam esperar que ele grudasse nos livros quando as folhas mudavam de cor nas árvores e Credo podia sentir o cheiro fresco do outono e praticamente implorava a ele para levá-la para cavalgar? Quando o inverno chegasse, ficaria frio demais para pintar em seu esconderijo secreto no bosque. Ele precisava tirar proveito disso agora. Ele não entendia as pessoas que passavam a vida toda fazendo coisas que pensavam que deviam fazer – elas não eram felizes, eram?

Ele fechou o bloco e acendeu um Marlboro vermelho.

O e-mail de seu pai esta manhã o irritara mais do que ele gostaria de admitir. Ele ainda não contara ao pai sobre o término com Callie. Não que ele um dia tenha se confidenciado com o pai. Easy e o pai eram extremos opostos. Jefferson Linford Walsh, formado na Waverly, na Vanderbilt e na Faculdade de Direito de Yale, sócio de uma importante firma de advocacia no Sul, pai de quatro meninos, três deles até agora seguindo seus passos quase à perfeição, enquanto o mais novo era um fodido metido a artista que mal conseguia estudar para sua primeira prova importante de história avançada.

Easy pegou o celular e discou o número privativo do pai.

- J.L.Walsh falando – ribombou a voz do pai com o sotaque do Kentucky mais pronunciado do que o de Easy.

Easy soltou uma baforada de fumaça e a olhou flutuar para as árvores.

- Pai. Oi.

- Parece que você está fumando – observou o pai, renunciando a saudações mais comuns do tipo “Como você está? Bom dia! Que bom ouvir sua voz, filho!”
easy jogou o cigarro no chão.

- É bom falar com você também.

O Sr. Walsh suspirou.

- Espero que não esteja telefonando para tentar se livrar de nosso compromisso de jantar na sexta à noite.

Compromisso de jantar? Jamais tenha um pai advogado.

- Não, tudo bem para o jantar. – Easy se deitou numa mesa de piquenique próxima a ele. O sol quente tinha secado a mesa depois do dilúvio de ontem, mas o tempo ainda estava meio úmido através de seus jeans e do blazer. Ainda assim, era muito mais fácil falar com J.L.Walsh quando se estava deitado. – Mas não estou mais namorando com a Callie. Eu estou meio que saindo com...

- Está brincando comigo? – A voz do pai se elevava uma oitava quando ele ficava

aborrecido. Easy sentiu o corpo tenso e o cérebro mandou uma desculpa para seus lábios antes que ele pudesse evitar. Por sorte o pai ladrava ordens a plenos pulmões e Easy percebeu que ele estava falando com a secretária.

- Bom, então, ela terá de ser convidada minha – continuou o pai, a voz voltando ao tom natural. Easy podia ouvi-lo rabiscando em um de seus famosos blocos amarelos. – Eu gosto da Callie. Gostaria de vê-la.

- Pai...

- Verei os dois às oito em ponto. Estou ansioso para o jantar. Mais alguma coisa? Havia mais alguma coisa? Easy não estava interessado em entrar numa discussão gigante sobre isso, principalmente porque, quanto mais Easy protestava, mais o pai insistia. Melhor deixar rolar. O pai podia reclamar da ausência de Callie o quanto quisesse enquanto comia o seu coq au vin.

- Então a gente se vê. – Easy desligou o telefone e o colocou no bolso traseiro dos seus Levi's largos. Deitou-se de costas na mesa de piquenique e fechou os olhos, respirando fundo várias vezes o ar fresco do outono e meditando sobre como estava ferrado.

- Tirar um cochilo antes d aprova te ajuda a lembrar das coisas? – Uma voz de mulher interrompeu os devaneios de Easy. Ele se ajeitou e semicerrou os olhos. Callie estava parada ao lado da mesa, usando um cardigã branco com um vestido azul de mangas curtas e decote em V que podia parecer vulgar em algumas meninas, mas ficava ótimo em Callie, cujos seios, depois de ela aparentemente ter parado, desapareceram. Ela se balançava em um de seus pares típicos de sandálias de salto pontudas com jeito de caras, o novo corte de cabelo curto deixando-a mais nova e mais bonita do que Easy estava acostumado.

Ele pestanejou. Será que ela estava aqui para dar uma dura nele? Embora eles estivessem na mesma turma de história, era uma turma grande e Callie se sentava na frente, com o resto das meninas que queriam uma visão desimpedida do Sr. Wilde, que era o professor garanhão do campus antes da chegada do Sr. Dalton. Easy tendia a chegar atrasado e escapar no segundo em que a aula terminava, principalmente agora, que ele evitava Callie. O término foi tão feio, que mesmo semanas depois ele não conseguia deixar de querer evitá-la – não tanto por ele, mas por Lea. A Waverly era um lugar pequeno e era notoriamente difícil evitar as pessoas, mas ele queria fazer o que pudesse para que Callie tivesse espaço. Talvez ela esfriasse a cabeça e não o odiasse tanto. Ou talvez ela parasse de odiar Jenny, que era possivelmente a pessoa menos abominável do mundo. Callie era apavorante quando ficava irritada. Uma vez, quando ele esqueceu o aniversário de seis meses dos dois ela pegou o exemplar dele de *On the Road* e rasgou uma a cada cinco páginas. Mas agora aqui estava ela, parada diante dele, sorrindo?

Easy se sentou e balançou os pés no banco abaixo.

- Não, acho que não tem jeito para mim.

- Se você quisesse impressionar o Sr. Wilde tanto quanto eu, talvez tivesse se preparado para a prova. – Ela passou a cara bolsa de couro cor de mel de um braço para outro.

- Mas será que ninguém aprendeu a lição ainda, sobre ficar obcecado com professores jovens e bonitos? – Ele revirou os olhos.

- O Sr. Wilde é casado. E tem, tipo assim, duas filhinhas – assinalou Callie. – E além disso ele é velho. Ele tem tipo 35 ou algo assim.

Easy se viu rindo, algo que parecia bom depois da conversa tensa que tivera com o pai. Era bom ver Callie de bom humor – um humor que não incluía Callie resmungando com ele porque o vira paquerando outra ou dando uma dura nele por jogar Xbox com os meninos em vez de ligar para ela e ouvi-la tagarelar sobre sua mais recente compra na Barneys. Mas agora ela parecia... mais suave. Será que afinal seriam amigos? Era meio

chato ser íntimo de alguém por tanto tempo e de repente não haver mais nada. Ele se sentiu bem conversando com ela de novo.

- Trinta e cinco não é velho. – Easy passou as mãos no rosto. – Experimente 48. É aí que os homens ficam velhos. E rabugentos.

- Hein? – um olhar confuso apareceu no rosto de Callie. – você falou com seu pai agora ou coisa assim?

- É. Como sempre, encantador. – Um cacho rebelde caiu nos olhos de Easy e ele o tirou. – Ele virá este fim de semana para as reuniões do Conselho Diretor. E ele... er... convidou você para jantar conosco na sexta-feira – Easy se viu acrescentando.

- Ele convidou, é? – Ela parecia surpresa, mas satisfeita. – Nem acredito que ele lembra meu nome!

- Ao que parece, você causou uma boa impressão nele. Deve ser uma coisa das mulheres do Sul. – Callie podia ser totalmente charmosa quando queria. Quando a conheceram no Fim de Semana da Família na primavera passada, os pais de Easy ficaram completamente apaixonados pelo sotaque da Georgia de Callie, o jeito confiante, o cabelo louro arruivado comprido e a capacidade de tornar a conversa animada e pensar no que dizer mesmo nos momentos mais constrangedores. Ele sabia que ela estava acostumada a ter de bater papo nos horríveis jantares políticos e nos eventos sociais da mãe governadora e que ela meio se divertia. Enquanto os pais dele a bajulavam, provavelmente imaginavam um casamento grande e elegante na mansão da governadora. Francamente.

- Você... – Callie começou a falar, depois parou e mordeu o lábio inferior rosa algodão-doce. – Quer dizer, se for facilitar a sua vida, terei prazer em ir. – Seus olhos castanhos, pela primeira vez, pareciam completamente desprovidos de segundas intenções. – Se você quiser.

Ela estava sendo muito... legal. Passou pela cabeça de Easy uma imagem do que seria o jantar com o pai, sozinho – perguntas intermináveis sobre cada curso que ele estava fazendo, perguntas sobre as notas, querendo saber sobre as suas preparações para o teste SAT, seus planos para a universidade, sua carreira, o Futuro. Depois ele imaginou Callie ali, fazendo o velho pai derreter, perguntando a ele sobre a firma de advocacia, contando histórias divertidas sobre a campanha política da mãe, talvez até fazendo J.L. Walsh rir e agir como um ser humano.

Não havia muitas alternativas.

- Bom, er, se não se importar... isso seria... hummm... ótimo.

Callie sorriu.

- Legal. Ficarei feliz em ver o velho J.L. de novo. – Ela olhou o relógio prata e diamante frouxo no pulso magro. Olhou para o Farnsworth Hall, os assombrando como um fantasma. – Precisamos entrar. Ele vai passar a prova logo.

Easy gemeu e se levantou. A prova. Ele pegou a bolsa de lona verde militar suja e a pendurou no ombro.

- Que ótimo.

- E olha só, não se preocupe, não vou contar a Jenny. – Ela passou as duas mãos no cabelo na altura do ombro e Easy se obrigou a desviar os olhos de seu pescoço elegante e bonito, de repente tomado de culpa.

Mas então ele tentou imaginar a doce Jenny à mesa com o pai, tentando responder a todas as perguntas com que ele a bombardearia, uma depois da outra, no estilo advogado, até que ela irrompesse em lágrimas. Jenny não sabia que o pai dele podia ser medonho; ela sem dúvida precisava passar por uma preparação intensa antes de se submeter a uma coisa tão exigente como um jantar com ele.

E Callie já conhecia o pai de Easy e sabia lidar com suas exigências tempestuosas. E meio que parecia que... eles agora eram amigos. Tinha alguma coisa de errada em levar uma maiga para jantar fora com o pai?

Mas enquanto deslizava para sua carteira no fundo da sala, ele sentiu a boca do estômago afundar e suspeitou de que não se devia inteiramente à prova de história que estava prestes a fazer.

De: TinsleyCarmichael@waverly.edu

Para: CallieVernon@waverly.edu

BennyCunningham@waverly.edu

VerenaArneval@waverly.edu

CelineColista@waverly.edu

SageFrancis@waverly.edu

AlisonQuentin@waverly.edu

Data: Quinta-feira, 3 de outubro, 17h55

Assunto: Calcem as sandálias de festa

Senhoras,

Por uma guinada fortuita do destino, algo especial acaba de cair em nosso colo, ou melhor, em nosso terraço... E devemos aproveitar nossa boa sorte!

Festa do barril, no terraço do Dumbarton, oito da noite. Shhh... Pardee vai receber umas amigas hoje... Nós as vimos com várias garrafas de um vinho tinto muito vagabundo, então vocês sabem o que isto significa. Acho que é seguro dizer que ela desaparecerá em combate.

Por favor, contem a Emily Jenkins que a presença dela é solicitada – acho que está na hora de aceitarmos uma nova sócia no Café Society.

Bjs,

Tinsley

QUANDO NÃO É CONVIDADA A UMA FESTA, UMA WAVERLY OWL SE DIVERTE SOZINHA.

- Crazy Daisy ou Maliblu? – perguntou Brett, erguendo dois vidrinhos de esmalte de unha de cores vivas Pinkie Swear para Jenny examinar. As duas estavam esparramadas no chão do quarto 303 do Dumbarton, encostadas na cama extra, aquela que antes era ocupada por Tinsley Carmichael. A cama antiga de Jenny fora devolvida ao depósito do porão e ela assumira a cama de Brett – a idéia de dormir na cama em que Tinsley tinha sido expulsa lhe dava arrepios. Todo o equipamento necessário para a manicure doméstica estava espalhado entre as duas: tigelas de água morna com sabão para amaciar as cutículas, bastão de cutícula de laranjeira. Lixa de unha, loção cremosa para as mãos, pilhas de bolas de algodão, frascos de base clara, cotonetes, removedor de esmalte. Era como o Rescue Salon ou, pelo menos, o mais perto que se podia chegar disso na Waverly.

Mais cedo, Brett sugerira uma noite de manicure e pedicure e Jenny ficou emocionada. Ao que parecia, era algo que Callie, Tinsley e Brett faziam o tempo todo, e Jenny ficou feliz por Brett agora se sentir à vontade com ela para ajudá-la nessas tarefas. Mas Jenny imaginava que as noites de manicure nunca foram tão tranquilas como esta. Pelo que Jenny tinha visto das interações das três, elas estavam sempre carregadas de tensão e competitividade subjacente. Parecia que cada uma delas estava desesperada para parecer a mais cool e mais sofisticada das três. Até Brett podia ficar completamente dedicada a superar Tinsley e Callie.

- Hummm, o Maliblu é meio modernoso demais para mim. – Jenny franziu o nariz para o frasco azul cintilante. – Não acho que possa ter unhas azuis. – Os dedos de seus pés, enfiados confortavelmente em uma daquelas almofadas de espuma para separar os dedos, estavam pintados num vermelho cereja vivo. Vanessa Abrams, a namorada do colégio do seu irmão Dan que agora morava no antigo quarto de Jenny no apartamento do pai na West End Avenue, era o tipo de garota que podia usar esmalte azul escuro. Com a cabeça raspada e o guarda-roupa preto, parecia quase natural nela. Como se ela algum dia tivesse ido à pedicure.

- Pensei que as artistas fossem ousadas – brincou Brett e apertou o vidrinho na palma da mão de Jenny, com cuidado para não borrar a base ainda molhada.

Jenny pegou o esmalte e o examinou. Às vezes ela podia ser bastante sem graça. Porque não experimentar uma coisa nova?

- Acha que brilha no escuro?

- Acho que você vai ter que ficar com Easy sozinha para testar isso. – Brett já havia colocado a cor azul nos dedos dos pés e os mexia, feliz.

- A gente deve sair para jantar amanhã à noite – confessou Jenny, apertando o pincel na unha do polegar e vendo o esmalte se espalhar. Era menos Manic Panic, mais amora-preta, e não era assim tão ruim. – Vai ser legal... Acho que não o tenho visto muito ultimamente.

- E o quanto do Easy você quer ver? – perguntou Brett sugestivamente, sacudindo do rosto uma mecha de cabelo ruivo, tentando não usar as mãos.

Neste exato momento, a porta se abriu e Callie entrou, com um vestido azul-claro estonteante Michael Kors e sandálias de couro Jimmy Choo caramelo que provavelmente ainda nem apareceram nas páginas da Vogue. Jenny e Brett trocaram um olhar, mas Callie claramente fingia que não tinha ouvido o nome do ex-namorado. Na

verdade, para choque absoluto de Jenny, Callie até meio que olhou para ela. Não era bem um sorriso, mas não era o mesmo olhar de você-não-existe-para-mim que Callie andava lhe lançando nas últimas semanas, desde que descobriu sobre Easy e Jenny.

Quem sabe ela estava quebrando o gelo?

- Ei, Cal – disse Brett, observando enquanto Callie contornava as duas meninas no chão e ia para seu armário. – Gostei do vestido... e dos sapatos. São novos?

Callie abriu a porta do armário e parou ali, imersa em pensamentos, como se não tivesse ouvido Brett.

- Quê? – disse ela um segundo depois enquanto, num movimento só, tirava o vestido pela cabeça e o atirava sem o menor cuidado na prateleira do antigo armário de Tinsley, de que ela tomara posse no segundo em que as coisas de Tinsley foram transferidas para baixo. – Ah, hummm, é. São novos.

Brett e Jenny trocaram um olhar. Os olhos castanhos de Jenny se arregalaram e ela murmurou para Brett as palavras “Tudo é novo”. Brett assentiu, parecendo preocupada. Aparentemente, Callie era famosa por gastar demais sempre que se sentia deprimida. No ano passado, quando repetiu na prova final de química, ela estourou o cartão de crédito Visa platinado na Saks.com, embora tivesse um limite imensurável. Jenny podia ver os olhos de Brett percorrendo as pilhas de caixas de sapatos. O suficiente para construir uma aldeia de papelão. Se o pai anarco-comunista de Jenny visse isso, ia sacudir a cabeça e resmungar alguma coisa ácida sobre o consumo exagerado. No fundo, Jenny pensava que era meio exótico tratar a depressão de uma forma tão extravagante.

Jenny se encostou na cama e olhou enquanto Callie ficava parada diante do armário, as omoplatas ossudas projetando-se ainda mais que o normal. Obviamente ela precisava se preocupar em tomar porres quando estava em deprê. Ela pegou no armário um vestido malva leve, cuja etiqueta Jill Stuart ainda estava pendurada no zíper.

- Pode fechar pra mim, B.? – disse ela distraída, olhando por sobre o ombro nu, o cabelo louro arruivado sibilando na nuca. Ela abriu um sorriso amarelo na direção de Jenny enquanto Brett fechava o zíper.

- Peraí... Ainda está com a etiqueta. – Brett se inclinou e pegou o cortador de unha onde estava, ao lado dos pés de Jenny. – Bonito vestido. Aonde você vai? – Tiras fininhas de fio prateado cintilavam na luz enquanto Callie girava num círculo.

- Ah. – Ela se examinou no espelho de corpo inteiro ao lado do armário abarrotado. Franziu o nariz com culpa, mas claramente não se sentia culpada. – Desculpe. Só a sociedade secreta.

Tudo bem, pensou Brett, seus sentimento de ternura por Callie evaporando de imediato. Se ela ia continuar sendo puxa-saco da Tinsley, podia muito bem fechar a porra do vestido sozinha.

Brett se sentou no chão na frente de Jenny, tentando não demonstrar sua irritação. Ela bocejou.

- Divirta-se. – Ela fez com que a voz parecesse o mais desinteressada possível, como se elas estivessem falando sobre a aula de latim e não sobre uma festa.

Peraí um minutinho... Esse barulho era de gente andando no terraço?

- Eu convidaria você para ir – disse Callie, pegando um par de brincos de ouro branco da caixa de jóias de cetim, a voz gotejando uma falsa doçura que até o paria social mais surdo poderia perceber. – Mas... – Ela se interrompeu.

- É totalmente gentil de sua parte. – Brett abriu o vidro de Crazy Daisy e respirou fundo. Não ia deixar que Callie a irritasse e estragasse suas unhas. Jenny se ocupava fingindo estar completamente envolvida em aplicar uma camada de base nas unhas dos pés, mas Brett sabia que ela tentava ao máximo não rir. – A gente está meio ocupada aqui mesmo.

Callie não mexeu os olhos enquanto passava cuidadosamente o delineador Dior nos olhos em Precious Violet.

- Ta. Faezr as unhas. Divirtam-se. – Ela piscou dvagar no espelho, depois fechou com ruído a tampa do delineador.

Os olhos verdes de Brett se estreitaram, mas ela manteve um tom brincalhão na voz enquanto uma gota de esmalte pêssego pingava do pincel e caía em seu joelho nu.

- É claro que não é o mesmo que fazer strip-tease para Heath Ferro nem nada tão de classe assim – observou ela brevemente, dando uma cutucada sobre a última festa da sociedade. – Mas pelo menos vou ficar com as unhas bonitas de manhã!

- É, ta legal. Divirta-se muito. – Quando Callie abriu a porta do quarto, uma música dance o invadiu. – Até mais! – Sua voz vibrava de falsidade quando ela bateu a porta.

- Essa foi boa – Jenny riu. – Quer dizer, pelo menos ela olhou para mim.

Brett ficou meio nervosa.

- Não sei não. Só espero que ela não esteja tentando ser alguém que não é, sabe? –

Agora Callie estava mais parecida com Tinsley do que a própria Tinsley, e a idéia de duas Tinsleys zanzando pelo campus era verdadeiramente apavorante.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

YvonneStidder: Qual é a do terraço? Tenho um baita concerto. Não consigo ouvir meu sax.

KaraWhalen: É a Tinsley etc, um barril de cerveja ou coisa assim.

YvonneStidder: Cerveja no terraço? Legal! Fui!

KaraWhalen: Boa sorte nessa. Só pra piranhas.

YvonneStidder: Ei, nós também moramos aqui.

KaraWhalen: Moramos, é?

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

SageFrancis: Já pro terraço, sua cretina de sorte.

EmilyJenkins: Já não era sem tempo! O que vou vestir??

Meu Marc Jabocs?

SageFrancis: Qualquer coisa. Só lembre de puxar o saco da Tinsley.

EmilyJenkins: Meninos também?

SageFrancis: Hummm, não. E nada de Parker duBois também. Mas de qualquer jeito, ele não ta nem aí pra você.

EmilyJenkins: Tanto faz. To dentroooooo!!!!

UMA WAVERLY OWL NÃO POUSA NO TERRAÇO DE NENHUM PRÉDIO DA ESCOLA

A noite de quinta-feira estava quente e a festa no terraço começou a ferver assim que o sol caiu no horizonte. Tinsley ficou de olho no barril no terraço o dia todo, para ter certeza de que estava escondido com segurança na sombra e substituindo o gelo quando ele derretia no cooler. Parada agora no terraço com as botas de couro de um dourado metalizado Giuseppe Zanotti e a saia de seda creme Gold Hawk com debrum de crochê, combinada com uma camiseta branca simples, e o vento leve ondulando a saia nas coxas, ela se sentia... em paz. O que, traduzindo, significava – entediada. O terraço tabu do Dumbarton era surpreendentemente sem graça: as paredes de tijolinhos protegiam as meninas da visão da copa de algumas árvores e só. As folhas coloridas pareciam majestosas desbotando no poente. Majestosas e um tédio.

Tinsley se recostou na cadeira plástica de jardim, uma da meia dúzia que Sage e Celine surrupiaram do depósito no porão, e bebeu sua cerveja gelada. Todas as meninas do Café Society estavam ali e ela quase se esquecera de que a baixinha Jenny Humphrey e a cretina da Brett um dia fizeram parte deste grupo. Quase. Irritava Tinsley que Brett Messerschmidt parecesse não se deixar afetar por sua exclusão social. Ela esperava que a ex-amiga fosse excluída por todo mundo na Waverly depois que soubesse que ela estava em desavença permanente com Tinsley Carmichael. Mas as coisas não aconteceram assim. Brett parecia estar se saindo bem, ainda andando com as outras meninas quando Tinsley não estava por perto, com se ela não tivesse entrado na lista negra. Tinsley ainda esperava que Brett se atirasse no chão, beijasse as pontas de suas botas e lhe implorasse para que recomeçassem tudo. Mas Brett parecia tão... bem resolvida.

Talvez fosse porque Brett está apaixonada de novo por Jeremiah. É claro que a namorada do quarterback sempre seria popular – isto é, desde que eles estivessem juntos.

A porta de metal do terraço bateu, interrompendo os pensamentos de Tinsley. Era Callie, usando um dos lindos vestidos novos.

- As índias estão ficando inquietas lá embaixo – disse ela sugestivamente a Tinsley enquanto passava animada por um bloco de concreto. – Todas querem invadir nossa festa. Bom, não a Jenny e a Brett – corrigiu-se Callie amargamente, os lábios franzidos num biquinho cor-de-rosa. – Elas estão no meu quarto, num momento gay, fazendo as unhas uma da outra ou coisa assim.

Tinsley ajeitou a saia creme e respirou fundo. Deu uma olhada no cenário – Alison Quentin e Verena Arneval dançavam com a música que vinha do iPod de Tinsley. Benny Cunningham e Celine Colista estavam amontoadas em volta do barril, tentando bolar um novo jogo de bebida – um jogo que já não tivesse sido feito mil vezes. Sage Francis batia papo com Emily Jenkins, a mais nova associada, uma coisa que Tinsley começou a se arrepender no segundo em que Emily apareceu no terraço usando o que parecia um vestido de formatura da Macy's de 1991.

Tinsley suspirou alto. Não queria admitir em voz alta, mas essa festa estava... uma droga. Ela estava com tédio. Tédio. Tédio. Tédio.

- Bom, pro inferno. – Ela se levantou. – Vamos convidá-las a entrar.

A boca rosa de Callie se abriu de surpresa.

- Está falando sério?

- E por que não? – Tinsley andou sem o menor cuidado para a porta, derramando pelo caminho a cerveja que bebia.

- Porque é tipo assim... Yvonne, a nerd da banda britânica, e aquela garota do cabelo pegajoso que tem, tipo uma foto da Jewel na porta dela, e também...

Tinsley parou e deu um tapinha de leve no rosto de Callie.

- Não seja ta esnobe, meu bem. – Seus olhos violeta faiscaram de diversão. Isso podia ser interessante. – Há muita cerveja para todas.

- Que seja. – Callie revirou os olhos.

Sentindo-se imprevisível e magnânima, uma palavra do teste de aptidão do SAT que ela jamais pensou que um dia usaria para descrever a si mesma, Tinsley abriu a porta rangente de metal. Várias meninas saíram do caminho às pressas, mas algumas voltaram, eternamente otimistas. Bom, por que não dar alguma emoção a elas?

- Ei garotas. – Os olhos de Tinsley varreram com habilidade os rostos vagamente conhecidos – meninas que ela vira nas aulas, no refeitório ou talvez até no banheiro, escovando os dentes na pia ao lado. Meninas que ela não conhecia realmente e meninas que ela não estava terrivelmente interessada em conhecer. Ela reconheceu que Yvonne, a nerd de banda de sua turma de italiano, com o corpinho de passarinho e o cabelo louro comprido, podia ser bonita se não usasse roupas tão ridículas.

Magnânima. Tinsley forçou seus lábios vermelhos com gloss a dar um sorriso.

- Por que não participam da festa? A noite está ótima.

- É mesmo? – piou Yvonne. – Você não se importa?

Meu Deus, pensou Tinsley. Será que teria que implorar?

- Claro que não – disse Tinsley entre dentes. – Entre. Convide todas as outras... Será um lance de vínculo do alojamento. – De imediato ela se lembrou de que Callie disse que Brett e Jenny estavam tendo uma festinha manicure, uma das coisas que as três costumavam fazer em tempos melhores. Tempos em que elas realmente se falavam. De jeito nenhum permitiria que aquelas traidoras viessem a esta festa, fosse do alojamento todo ou não. – Vou contar no terceiro andar.

Yvonne e algumas amigas abobalhadas correram para baixo, ansiosas para espalhar a boa nova às outras bobonas do Dumbarton. Tinsley sorriu consigo mesma ao andar pelo corredor do terceiro andar, ignorando deliberadamente o quarto 303. Mas não resistiu a parar por um segundo na frente dele, só para ver se estavam falando dela. O quarto estava em silêncio, a não ser pelo zumbido baixo de um secador de cabelo. Mas que decepção.

Uma hora depois, aproximadamente 25 meninas se espremiavam no terraço e se esparramavam pelas cadeiras de jardim, tagarelando animadas. Quanto mais as meninas bebiam, mais baixa a música parecia – então o volume do iPod era aumentado constantemente. Mas todas estavam felizes demais por esvaziar o barril e dançar em volta da unidade de ar-condicionado central para perceber. As estrelas estavam aparecendo e Tinsley se deitou de costas em uma das espreguiçadeiras acolchoadas ao lado de Callie.

- Você tem que admitir que essa foi uma ótima idéia. – A voz de Tinsley era sonhadora e ela passou por sua cabeça que talvez a festa fosse melhor se alguns meninos estivessem presentes. Isto é, um calouro alto e sexy de cabelo louro descorado que caía no queixo. Um sorriso perverso veio aos lábios de Tinsley só de pensar em Julian.

Callie abriu a boca para dar uma resposta sarcástica mas o que quer que estivesse prestes a dizer foi interrompido por um grito repentino vindo de baixo, de algum lugar ao lado da porta da frente do Dumbarton.

- Parados! Quem está aí em cima?

As meninas pararam de dançar, imobilizadas de medo.

- Não se mexam! Vamos subir!

De imediato, como se um incêndio tivesse se espalhado ou alguém tivesse anunciado uma liquidação de queima de estoque na Neiman Marcus, as meninas abriram a porta do terraço e voaram escada abaixo, desesperadas para voltar a seus quartos antes que Marymount, a Sra. Pardee ou quem diabos estivesse lá fora conseguisse alcançá-las. Parecendo quase alegre, Tinsley pegou seu sistema de som do iPod e se juntou ao estouro louco pela escada, só se lembrando do barril quase vazio e abandonado quando era tarde demais para resgatá-lo.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

EmilyJenkins: Era Marymount mesmo? Nós estamos lascadas?

CelineColista: Total.

EmilyJenkins: Minha primeira festa da sociedade e Tinsley deixou todas aquelas manes entrarem? Peralá!

CelineColista: Hummm... Três horas atrás você era uma dessas manés!

EmilyJenkins: Nem me lembre disso.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

YvonneStidder: Só quero contar a novidade – Marymount e Pardee estão batendo em todas as portas do primeiro andar. Perguntaram por que você e Brett não estavam no quarto – eu disse que estavam em cima com a Callie, OK?

TinsleyCarmichael: Elas estão perguntando da festa?

YvonneStidder: Na verdade não. Pardee parece arrasada. Acho que Marymount estourou a festinha de mulheres dela.

TinsleyCarmichael: Que interessante...

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: Residentes do Dumbarton

De: ReitorMarymount@waverly.edu

Data: Quinta-feira, 3 de outubro, 22h16

Assunto: Comitê Disciplinar

Residentes do alojamento Dumbarton

É com extrema decepção que anuncio que esta noite, depois que uma professora queixou-se de barulho no Dumbarton Hall, descobri um barril de cerveja no terraço do alojamento.

Todas as residentes do Dumbarton devem aparecer perante o Comitê Disciplinar. A reunião acontecerá na sala do conselho 3, no primeiro andar do Stansfield Hall, amanhã às 10 horas da manhã.

O comparecimento é obrigatório.

Reitor Marymount

9

UMA WAVERLY OWL ACEITA SEU CASTIGO COM ELEGÂNCIA E SEGURANÇA

Brett estava irritada com a reunião de última hora do Comitê Disciplinar embora gostasse de ser arrancada da aula chata e apatetante de química do Sr. Frye. Às quinze pras dez, justo quando os outros alunos estavam colocando seus óculos de proteção indutores de suor e jalecos à prova de substâncias químicas, Brett, Benny e Celine juntaram suas coisas e o professor Frye lhes assentiu distraidamente, as mãos já cheias de tubos de ensaio chocalhando.

- Isso é uma droga - Celine reclamou no segundo em que a porta do laboratório se fechou atrás delas. - Mas pelo menos escapamos dos óculos. - O cabelo preto de Celine escorregou para os olhos e ela tocou a pele macia e azeitonada com a ponta dos dedos. - Aquelas coisas deixam marcas na testa por, tipo assim, um hora.

- Hoje era a minha vez com Lon Baruzza como parceiro no laboratório - gemeu Benny. - Eu estava esperando isso há séculos. - Ela pegou o cabelo castanho claro e liso e puxou angustiada.

- Ele tem uma bundinha linda mesmo. - Celine abriu a porta da frente do centro de ciências e três meninas desceram a escada e foram para a Stansfield Hall. - Mas você pode chegar junto sem ter de fazer dupla com ele no laboratório - observou ela com uma risadinha.

Brett revirou os olhos, com a mente em outras coisas. Parecia que todo o alojamento estava no terraço ontem à noite. Não que Brett *quisesse* estar lá nem nada, mas ainda assim teria sido legal se alguém tivesse convidado.

Tanto faz. Pelo menos agora ela não estava em encrenca nenhuma. Enquanto Benny e Celine tagarelavam, Brett manteve a expressão composta, sabendo que parecia completamente inocente com seu vestidinho Nanette Lepore rosa-claro, leggings pretas e sapatilhas de balé cinza-claro Sigerson Morrison. Ela sorriu consigo mesma, até suas unhas estavam ótimas.

Depois de entrar na sala do conselho do Stansfield, Brett foi para o lado do comitê na enorme mesa, seguida de perto por Benny e Celine.

Filas de meninas em cadeiras dobráveis que pareciam desconfortáveis a olharam do outro lado da sala, os joelhos afetadamente juntos, os blazers marrons cuidadosamente abotoados. Era estranho ver tantas acusadas num caso do Comitê Disciplinar - em geral eram um ou dois delinquentes, embora uma vez toda a sociedade de teatro tenha sido convocada depois que representaram *Nossa Cidade* vestidos somente com filme plástico.

O reitor Marymount, usando uma gravata coberta de girassóis Van Gogh, entrou na sala e de imediato parou ao ver Brett e as outras meninas do CD sentadas no lado de costume da mesa.

- Senhoras. - Ele gesticulou como quem atira. - Por favor, sentem-se com suas colegas de alojamento. - Ele as fuzilou com os olhos como se elas devessem saber muito bem disso.

O queixo de Brett caiu e ela olhou pra Benny, que parecia igualmente surpresa.

- Senhor? - disse Brett. - Mas nós... Eu...

Marymount a interrompeu.

- Vocês três moram na Dumbarton, não moram? - Marymount não esperou por uma

resposta e se sentou à cabeceira da mesa, remexendo alguns papéis.

Bom, que seja. Com o rosto tão vermelho quanto o cabelo, Brett se levantou irritada e foi pra onde Jenny estava sentada na fila da frente. Ela abriu a cadeira vazia ao lado.

- Nós nem fomos naquela festa idiota - grunhiu ela.

Jenny deu um tapinha no braço de Brett.

- Vai ficar tudo bem. O que eles podem fazer? Nos suspender por fazer as unhas em nosso quarto?

- Você vai ver - respondeu Brett com ceticismo.

Os olhos cor de chocolate de Jenny pareciam vagamente preocupados enquanto as duas olhavam a sala se encher de meninas. Era totalmente estranho para Brett estar *deste* lado da mesa. As meninas roíam as unhas pintadas e batiam a ponta dos sapatos no piso de madeira encerada, cochichando meio alto demais.

- Babaca - Jenny ouviu alguém dizer. À mesa, Ryan Reynolds e os membros do CD que não era do Dumbarton, principalmente calouras, assumiram seus lugares ao lado da *mignon* Srta. Rose, do Departamento de Inglês, que tinha assumido temporariamente o cargo de conselheira do CD depois da demissão do Sr. Dalton. Com a gola rulê preta por baixo do blazer marrom provavelmente tamanho PPP e seu cabelo castanho escuro puxado num rabo-de-cavalo alinhado, ela podia muito bem passar por uma caloura.

- Começamos, pois não? - Marymount parecia cansada com os óculos redondos de aro de metal deixando os pequenos olhos azuis ainda menores. Ele continuava a remexer na papelada que tinha na mão, o que Brett supôs que não tinha absolutamente nada a ver com o flagra da cerveja da noite anterior. Ele só gostava de seus objetos. - Sr. Wilde, o senhor foi o primeiro a perceber a, hummm, *reunião* enquanto passava pelo Dumbarton ontem à noite, não é correto?

- Sim, é correto. - O Sr. Wilde, de maneiras gentis, pareceu pouco à vontade em seu papel de disciplinador. Ele era um daqueles professores que realmente se importavam se seus alunos de história avançada gostavam ou não dele, e as paredes de sua sala estavam cobertas de pôsteres de capas de disco - não só da geração dele, mas também o que a garotada respeitava - OutKast, ColdPlay, Interpol. Ele deu a impressão de que o matava estar ali, colocando seus alunos nessa situação. Mexia obsessivamente na gola da camisa. - Eu vinha da biblioteca para casa, quando ouvi uma... er... música alta. Parecia haver gente dançando no terraço do alojamento.

Marymount bateu a caneta na mesa de mogno.

- O que fez em seguida? - perguntou ele.

- Chamei a segurança - admitiu o Sr. Wilde num tom de quem se desculpa. - Depois gritei para as meninas ficarem onde estavam. Quando bati na porta da Sra. Pardee - ele parou e corou, e houve cochichos na multidão de meninas, já que todas sabiam que Pardee recebeu umas amigas na noite anterior para uma festinha de pijama regada a vinho - e dois de nós subimos ao terraço, todas tinham desaparecido para os quartos.

Marymount deu um pigarro.

- E então não está realmente claro quantas estavam lá... Ou quem esteve lá, não é correto?

- É correto - confirmou o Sr. Wilde. - Mas elas deixaram um barril de cerveja quase vazio... E um saco de lixo cheio de copos de plástico. - Ele tomou um gole da xícara de café.

- Eram muitos copos?

- Brett chutou o pé de Jenny. Quem ligava?

- Obrigado. - Marymount passou os olhos pelo grupo de meninas pela primeira vez desde que começaram. - Meninas, sei que todas estão cientes de que o consumo de bebidas alcoólicas é um comportamento que não podemos tolerar. - Brett sabia que

ele estava tentando fitar com rigor os olhos de cada uma das meninas, mas ele desistiu na metade e encarou a mesa. - A ocasião deste incidente é especialmente infeliz, já que estamos nos preparando para receber os membros do conselho diretor no campus neste fim de semana e não temos tempo para bancar a babá de vpcês. - Marymount suspirou, alg que Brett percebeu que ele fazia com freqüência nas reuniões do CD, para dar a impressão de que estava terrivelmente insatisfeito por ser diretor delas. - Infelizmente, como não está claro quem exatamente tem culpa por estas festas, vamos ter que punir todas vocês.

- Mas que porra. - arfou Brett.

Um murmúrio percorreu a multidão, que Marymount, falando mais alto, de imediato silenciou.

- A partir de amanhã, depois do jantar, vocês ficarão em prisão domiciliar pelo fim de semana e confinadas na Dumbarton Hall até a manhã de segunda-feira. As refeições serão servidas lá e qualquer menina vista saindo do alojamento enfrentará consequências graves.

Consequências graves? Como não poder ir ao jogo dos ex-alunos de Jeremiah? Ou sair para jantar com os pais dele ou ir às festas da St. Lucius para mostrar a todas aquelas meninas da St. Lucius que Jeremiah tinha dona? Ou perder a vingindade!

- Isso não é justo! - exclamou Brett em voz alta, mas sua voz foi tragada pelas exclamações e queixas das duas dezenas de outras meninas.

Marymount deu um pigarro e bateu os nós dos dedos na mesa. Havia mais?

- Sei que pode ser que algumas de vocês não estivessem envolvidas na festa da cerveja e tenho certeza de que vocês acham que é um castigo injusto. - Um murmúrio de concordância se elevou e Marymount rapidamente continuou. - *Porém* aos olhos da administração, ter conhecimento da transgressão e não fazer nada a respeito disso é comparável à própria transgressão. - Ele olhou diretamente para Brett ao dizer isso e seu rosto corou de raiva. Não dedurar as colegas de alojamento por fazerem uma festa com cerveja era tão ruim quanto realmente contrabandear um barril de cerveja para um alojamento e tomar porre? Ele devia estar brincando!

Pela primeira vez a Srta. Rose falou, com a vozinha surpreendentemente cheia de autoridade.

- O comitê decidiu que, além da prisão domiciliar, as meninas do Dumbarton devem escrever de próprio punho um relatório na manhã de segunda sobre o que aprenderem sobre ser uma Waverly Owl responsável. - Ryan Reynolds, que estivera olhando com afeição para a Srta. Rose o tempo todo em que Marymount falava, agroa se ocupou de tentar reprimir o sorriso, claramente divertindo-se com a história toda. Ele encontrou o olhar de Brett para o vaso gordo de cravos brancos postado no meio da mesa e ela lhe der uma piscadela. Ele sempre estava dando em cima dela nas reuniões e provavelmente ficava todo ligado com o fato de a representante da turma de repente ser uma das delinqüentes.

Mas Brett estava ocupada demais ficando puta para se irritar com Ryan. Isso era loucura. Não só seu fim de semana estava arruinado, como agora teria de se sentar e escrever uma porcaria sobre o que significava ser uma Waverly Owl responsável? Que se foda.

- Não quero que nada parecido com isso aconteça novamente. - Marymount se levantou, parecendo mais enojado do que Brett já vira. Era como se não suportasse mais olhá-las e de repente Brett se sentiu envergonhada. É claro que o reitor Marymount era um idiota, mas ela queria que ele pensasse bem dela. Agora parecia que ele pensava que ela era igual a todas as outras e ela nunca fez nada! - *Estão dispensadas, e podem voltar a suas aulas.*

Uma Waverly Owl responsável?, pensou Brett com amargura. Uma Waverly Owl responsável caga na cabeça de Tinsley Carmichael.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

CallieVernon: Ai. Que porre.

TinsleyCarmichael: Aí, não fique tão deprimida. HF comprou mais seis minibarris... Eles só esncontraram um no terraço.

CallieVernon: Mas que porra. Onde eles estão guardados?

TinsleyCarmichael: Debaixo da cama da vizinha deprê... aposto que serão bem úteis no fim de semana.

CallieVernon: Nós não temos muitos problemas?

TinsleyCarmichael: Uma Waverly Owl responsável não perde uma oportunidade dessas!

UM WAVERLY OWL DE VALOR SEMPRE PERCEBE AS UNHAS DA NAMORADA, MESMO QUE SEUS PENSAMENTOS ESTEJAM EM OUTRO LUGAR

A sexta-feira estava gelada e cinzenta, cmo se Marymount também tivesse ordenado ao clima para castigar as meninas de Dumbarton. Como se ficar confinada no alojamento no fim de semana todo já não fosse castigo suficiente. Ou injustiça suficiente.

- Marymount é um saco. - murmurou Alison Quentin enquanto ela e Jenny iam para o estúdio de belas-artes depois do almoço. A penúltima refeição das duas como mulheres livres, Jenny não pôde deixar de pensar. O fim de semana já assomava sobre ela como uma sentença de morte. Era um só fim de semana, mas ainda assim... Ela estivera ansiando por passar algum tempo com Easy e evitar um pouco mais o próprio quarto. Agora parecia que ela e Callie ficariam em contato por mais de 48 horas. *Isto sim* parecia uma festa prestes a acontecer. - É tão estranho castigar todo mundo arbitrariamente desse jeito. Não é o que fazem os ditadores?

Jenny resistiu ao impulso de dizer alguma coisa sarcástica. Alison, ainda membro de carteirinha do Café Society e acolhida em todos os eventos orquestrados por Tinsley, sem dúvida tinha tomado algumas cervejas na festa do terraço. Jenny e Brett não estavam nem perto dali. Mas, apesar disso, parecia um castigo tremendamente rigoroso envolver todo mundo só porque um bando de membros do conselho diretor viria à cidade.

- Como o barril foi parar lá em cima?

- Sei lá. - Alison parou para tirar do salto dos mocassins de couro vermelho uma folha de carvalho amarela e esfarelenta. - Mas eu soube que Heath Ferro estava planejando uma festa grande para este fim de semana.

- Como ele faria uma festa sem a gente? - Era um fato notório que as meninas do Dumbarton era as mais bonitas do campus. Ou pelo menos elas agiam como se assim fossem, como percebeu Jenny. Não que ela se importasse - era meio bom pensar em si mesma como gata em vez de ficar toda atolada nos aspectos específicos. Como pernas custas, cabelo crespo, peitos que não combinavam com o resto do corpo, uma leve barriguinha etc.

- É isso que estou dizendo. - Alison soltou um suspiro forte enquanto as meninas viraram a esquina e viam o prédio de belas-artes. - Parece que alguém está esperando por você. - Ela cutucou Jenny nas costelas, bem no ponto que fazia cócegas. Jenny se encolheu - ela era desastrosamente cosquenta.

Easy estava encostado em uma das colunas de concreto na entrada do prédio. Em vez de capitéis no alto das colunas, havia buracos. Elas eram, como a linda guia morena anunciou a Jenny e seu pai no tour que fizeram, colunas "irônicas". Rufus, que nunca ouvia um trocadilho de que não gostasse, riu tanto que Jenny teve medo de ele ter um aneurisma. O bloco de desenho de Easy estava no colo. Ele olhou para cima e fez uma pequena saudação às duas meninas.

- Meu Deus - murmurou Alison. - Você tem uma sorte danada.

Jenny não podia discordar. Podia sentir os olhos de Easy nela enquanto as duas se aproximavam, observando a gola redonda do suéter apertado American Apparel, a saia de brim com corte em A (Gap Vintage) com uma longa renda no meio e as botas de camurça marrom Camper na altura dos joelhos. Nada excitante demais, mas o caso era que Easy estava com aquele olhar dele - um *daqueles* olhares - e ela se sentia a Cinderela no mais lindo vestido de noiva.

- Soube da novidade? - perguntou Alison a Easy enquanto as duas meninas chegavam no primeiro degrau, embora ele ainda estivesse com os olhos em Jenny. - Estamos todas sob prisão domiciliar neste fim de semana.

Easy arrastou os olhos para Alison. Jenny se sentou ao lado dele e ele casualmente colocou o braço nos ombros dela.

- Eu ouvi alguma coisa sobre isso. Então é verdade? - Ele apertou um pouco os ombros de Jenny e o coração dela começou a bater mais forte.

Alison encontrou os olhos de Jenny e lhe deu uma piscadela rápida enquanto ia para a porta.

- Infelizmente.

Jenny tamborilou os dedos na borda do bloco de desenho de Easy, aberto em um desenho a lápis enorme de um carvalho em que, em vez de folhas, brotavam esquilos.

- É, e pra valer. - Jenny sacudiu a cabeça. Ela esperava que Easy não percebesse que, com todo esse clima úmido, ela ficou sem creme antifrizz e agora exibia um visual eletrostático. Era definitivamente um dia de rabo-de-cavalo, mas ela não conseguira encontrar um elástico em lugar nenhum.

- Pelo fim de semana todo?

- Começando no toque de recolher desta noite. - Jenny olhou o relógio. Eles ainda tinham alguns minutos antes da aula e era tão bom ficar sentada assim, com Easy, na escada, vendo todo mundo entrar na sala numa tarde de sexta-feira, conversando sobre planos para o fim de semana. Isto é, todos, menos as meninas do Dumbarton. - É totalmente injusto, mas eles estão tão preocupados com o conselho diretor e não querem ter de lidar com ele e ficar de olho em nós, imagino. Pelo menos ainda podemos cavalgar e jantar fora.

Easy deu um pigarro e Jenny o sentiu enrijecer um pouco. Foi alguma coisa que ela disse?

- E por falar nisso... - Easy se virou para ela. - Meu pai vem para as reuniões do conselho e eu meio que tenho que jantar com ele esta noite. - Seus olhos azuis-escuro pareciam tão preocupados e Jenny se sentia tão mal por ele - o pai dela era totalmente constrangedor, mas ela nunca teve medo de jantar com ele. Ela na verdade meio que sentia falta disso. - Então acho que vamos ter que adiar nosso jantar para o fim de semana que vem.

- Ei, tudo bem. - Jenny lhe deu um beijo rápido, por impulso, no rosto. - Eu entendo.

- Entende?

- Claro que sim.

Easy sacudiu a cabeça, maravilhado.

- Você é um amor, sabia disso?

- Eu só lamento que seu pai te estresse tanto. - Jenny deu de ombros. - Mas pelo menos você vai escapar do salão de jantar por uma refeição.

- E talvez tome um vinho, se ele estiver se sentindo generoso. - Easy pegou um dos cachos de Jenny e começou a enroscá-lo no indicador. - E, ah, cinco ou seis sermões.

Jenny riu.

- Sobre o quê?

Easy compôs o lindo rosto numa expressão de "pai".

- Tempo demais com arte. Tempo demais cavalgando. - Ele dobrava um dedo a cada argumento. - Tempo de menos em estudo sério. Tempo de menos pensando no futuro.

Tempo de menos comendo vegetais folhosos. - Ele dobrou o dedo mínimo e formou um punho. - Etc. etc.

- Se serve de consolo, eu devo ficar no meu quarto estudando enquanto você curte sua taça de vinho. Então podia ser pior.

Easy olhou longamente para Jenny antes de colocar o toco de lápis atrás da orelha.
- Tem razão. - Ele mordeu o lábio, inda parecendo nervoso. Coitadinho da gracinha do Easy! Ela queria poder ir com ele - talvez o ajudasse a se sentir um pouco mais à vontade se eles soubesse que tinha alguém para lhe dar apoio. Mas ela não queria se oderecer, caso fosse uma coisa que ele quisesse fazer sozinho e terminar o mais rápido possível. Como ir ao dentista.

Jenny olhou a porta.

- Acho que a gente tem que entrar - disse ela, levantando-se com relutância.

Easy a seguiu devagar mas, antes de pegar a bolsa, ele segurou o braço de Jenny e se inclinou, colocando os lábios em sua testa. Ela fechou os olhos, desfrutando do momento e da sensação dos lábios de Easy em sua pele.

Se ao menos ela pudesse congelar este momento e mantê-lo vivo para sempre. Melhor ainda, raptar Easy para poder ficar com ele durante todo o fim de semana de prisão.

Uma Waverly Owl responsável não assume a responsabilidade por sua própria felicidade?

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: JeremiahMortimer@stlucius.edu

De: BrettMesserschmidt@waverly.edu

Data: Sexta-feira, 4 de outubro, 13h18

Assunto: ARGH!!!

Jeremiah,

A pior, mais terrível, mais injusta notícia de abalar o mundo - por causa de uma festa de cerveja que a Tinsley Megapiranha Carmichael deu no terraço outra noite - até que ponto uma pessoa pode ser idiota? - o alojamento todo foi flagrado e todas estamos sob prisão domiciliar neste fim de semana. Agora fui encarregada de recolher o trabalhos de todas as meninas sobre como ser uma Waverly Owl responsável. Mas que merda. Estou quase pronta para largar o CD como forma de protesto.

Então eu lamento muito, muito mesmo por ter de faltar a seu jogo com os ex-alunos - você sabe como eu acho sexy quando você está destruindo o outro time. Estou possessa por perder o jantar com a família e eu estava animada para comemorar com você mais tarde também. Sozinhos.

Mas quem sabe a gente possa escapulir uma hora dessas, de algum jeito?

Te amo,

Brett

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

HeathFerro: URGENTE

TinsleyCarmichael: Fala, HF. Não me faça perder tempo.

HeathFerro: Miau! Gatinha, só preciso de suaajuda para pegar os barris no quarto da sua vizinha hoje à noite.

TinsleyCarmichael: Minha ajuda?

HeathFerro: Buchaman, o papai dele e McCafferty estarão jantando com o Marymount hoje às 8 - ocasião perfeita para a gente pegar a muamba.

HeathFerro: Considere isso uma penitência pelo barril que as senhorar beberam.

HeathFerro: EEEEEEEIIIII!!!!

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

TinsleyCarmichael: B, soube que vc e Julian vão jantar com o reitor hoje.

BrandonBuchanan: É. E daí?

TinsleyCarmichael: Só queria que vc soubesse que estou disposta a aparecer para colocar uns cromossomos X na mistura.

BrandonBuchanan: Hummm, obrigado, mas não precisa. Sei ue todos os nossos cromossomos Ys vão se entender bem.

TinsleyCarmichael: Não faz mal a uma conversa colocar uma garota no bolo. Não se preocupe, não precisa me convidar duas vezes. Estarei lá às 8.

BrandonBuchanan: Vc é que sabe.

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

TinsleyCarmichael: Desculpe, HF. Não estarei por aqui no jantar, então acho que não vou poder pegar barris... que peninha.

HeathFerro: Nem começa com isso.

HeathFerro: Tá brincando, né?

HeathFerro: Volta aqui!!!

UMA WAVERLY OWL SEMPRE CHEGA ELEGANTEMENTE ATRASADA.

Le Petit Coq, o único restaurante fino em todo o centro de Rhinecliff, ficava em uma modesta sede de fazenda de dois andares perto da extremidade da rua principal, uma casa em que podia morar a avó de alguém. Como as outras opções para jantar na cidade incluíam algumas pizzarias, uma lanchonete onde todos os sanduíches tinham nomes de celebridades mortas, um restaurante indiano do tamanho de um armário e uma Subway, Le Petit Coq era o restaurante preferido para as visitas com os pais. Os alunos da Waverly raras vezes iam lá sozinhos, então era sempre uma festa quando os pais estavam na cidade - os próprios ou os pais dos outros.

- Pare de ficar tão nervosa. - Tinsley cutucou Callie nas costelas enquanto elas se aproximavam da escada do restaurante. Pelas cortinas finas nas janelas, as figuras difusas de mulheres e homens bem vestidos com blazers escuros eram visíveis a luz das velas nas mesas. - Não é você que vai ter de jantar com o reitor.

- Não é você que vai ter de jantar com o ex-namorado... e o pai dele! - contra-atacou Callie, parando no primeiro degrau para endireitar as fivelas de tartaruga que prendiam as laterais do cabelo, embora elas já estivessem certinhas.

- É verdade. - Tinsley estava com um vestidinho feorgette de seda preta Agnes B, desbotoado até a metade na frente para permitir que só um pouco da pele fosse vista. Um xale de cashmere marfim Loro Piana estava jogado habilidosamente nos ombros. Ela bateu a ponta do sapato alto de couro Fendi. - Mas isso não é desculpa para se atrasar.

Callie respirou fundo o ar frio da noite e se abraçou. Estava perfeitamente elegante numa saia preguçada grafite e top uva-do-monte Moschino Cheap & Chic com um decote em fechadura e laço no pescoço, com que ela ficava brincando. Mas estava sem dúvida nervosa.

Tinsley suspirou. Ela sabia que era uma grande ocasião para Callie. Elas não falaram no assunto, mas Callie devia estar esperando, no fundo, que este jantar fosse o primeiro passo para reconquistar Easy. E pela primeira vez Tinsley não tinha muitos conselhos a dar. Easy precisava saber que estava complicando as coisas convidando Callie para um jantar caro e íntimo com o pai dele. E para não falar da Jenny... Qual era o problema desse garoto? Quase fazia com que ela gostasse ainda mais dele...

Tinsley pegou a mão de Callie quando ela estava prestes a roer as unhas.

- Você está incrível, meu bem. Vai deixar os dois tontos. - Ela deu um beijo rápido no rosto de Callie e apertou a mão úmida.

- Entra você... Vou ficar aqui fora mais um minuto para criar coragem. - Callie abriu um sorriso rápido. - Algo me diz que você vai se divertir.

Tinsley entrou no hall e olhou primeira área de jantar em busca de seus companheiros. Como era de se esperar, às 8h05 da noite de sexta-feira do Fim de Semana do Conselho Diretor, o lugar estava lotado. Um maíte de cabelos grisalhos com um sotaque francês perguntou quem ela estaria procurando e ela o seguiu até a mesa. O piso estava meio rachado e estalava sempre que ela se mexia, mas as paredes eram cobertas de um vermelho-escuro de brocado que parecia uma coisa que Maria Antonieta teria em seu quarto, e todo o primeiro andar era composto de dezenas de salinhas que foram transformadas em área de jantar, criando espaços íntimos e sutis. Era meio abafado - espelhos de moldura dourada nos banheiros, o cheiro de lilás denso no ar - mas a Tinsley adorava.

- *Voilà, mademoiselle!* - Disse o garçom enquanto apresentava Tinsley à pequena mesa

redonda onde o Sr. Buchanan, o reitor Marymount, Brandon e Julian já estavam acomodados. Eles se levantaram para recebê-la.

- Desculpem-me pelo atraso. - O maître puxou a cadeira vaga entre Julian e o Sr. Buchanan e Tinsley deslizou para o espaço, desfrutando da sensação de tantos olhos masculinos nela. O Sr. Buchanan parecia exatamente como a Tinsley imaginava Brandon aos 30 anos - bonito, bronzeado e em forma, como se ele conseguisse espremer alguns sets de tênis toda tarde entre as importantes reuniões de negócios, o cabelo castanho claro afinando um pouco nas têmporas, um Rolex de plaina no pulso direito. Vestia um terno Armani cinza por cima de uma camisa de seda azul ardósia - sem gravata, com o primeiro botão aberto.

Tinsley estendeu a mão para ele.

- Tinsley Carmichael. É um prazer conhecê-lo, Sr. Buchanan. - Ele apertou a mão de Tinsley com uma confiança de um homem mais velho que tinha uma esposa nova e bonita - ela soube que ele conheceu a madrasta de Brandon quando ela ainda estava na faculdade.

- Estamos muito felizes que tenha se reunido a nós hoje, Tinsley. - Seus olhos verdes e brilhantes enrugavam nos cantos e Tinsley pensou ter detectado um toque de paquera. - É sempre muito mais agradável ter um rosto bonito à mesa.

Tinsley sorriu. É claro que era.

- Obrigada. Foi muita gentileza de Brandon me convidar.

Brandon deu um pigarro e olhou inquisitivamente para Tinsley como se ainda estivesse tentando entender que diabos ela estava fazendo ali.

- O prazer é meu, Tinsley.

- Obrigada, Brandon. - Ela sorriu para ele com doçura, o lgoss rosa-claro Bella Bella fazendo-a se sentir mais inocente do que o normal. - E reitor Marymount. É bom ver o senhor fora do campus de novo. - Graciosamente, ela estendeu a mão para o reitor, que vestia, é claro, seu blazer marrom da Waverly e a mesma gravata de Vang Gogh que usou na reunião do Comitê Disciplinar naquela manhã. Uma coisa era o campus, mas em público? O rosto dele se tingiu um pouco enquanto eles trocavam um aperto de mão e ele claramente estava se lembrando de que Tinsley o havia flagrado, só de roupão, com Pardee na sacada de um hotel de Boston há menos de duas semanas. Ou talvez fosse o fato de que, na ocasião, a própria Tinsley estava quase nua.

Os olhos dela, enfim, pararam na pessoa que ela estivera morrendo de vontade de ver desde que entrou no restaurante. Julian. De pé ao lado dela, de longe a figura mais interessante à mesa. Seu cabelo castanho alourado estava molhado e tinha cheiro de - uma coisa boa. Ela não conseguia entender *o que* sem dar uma fungada enorme. E ela não queria que ele soubesse que ela se importava.

- Oi, Julian - Ela se viu dizendo, quase timidamente, uma sensação estranha se formando na boca do estômago. Era meio doido, mas sempre que ela olhava em seus olhos castanhos amanteigados parecia-lhe que eles viam direto em seus ossos, atravessando todas as roupas, a pele e tudo. Será que ele fazia isso com todo mundo, ou era só com ela? Isso lhe dava arrepios.

- Está muito bonita hoje, Tinsley. - Ele sorriu educadamente, mas pela primeira vez ela percebeu que ele tinha uma covinha à esquerda da boca que parecia piscar para ela.

- Obrigada. Sentem-se, por favor. - Tinsley aproximou a cadeira da mesa, observando que ainda não havia uma garrafa de vinho à vista. Provavelmente era demais esperar que Marymount permitisse que eles bebessem em sua presença.

- Estávamos falando do clima adorável que está hoje. - O Sr. Buchanan fechou o cardápio e bateu as mãos. - Quem sabe pode nos ajudar a encontrar um tema interessante para conversar? Diga-me, quais são seus planos para o fim de semana? Deve haver festas,

encontros e comprar, não é?

Tinsley olhou rapidamente o reitor Marymount, cujo rosto ficou lívido. Ela esperou que ele dissesse alguma coisa, mas ele não deu sinal de que queria falar, então Tinsley deduziu que ele preferia manter em sigilo a história da prisão no Dumbarton.

- Bom - disse ela, demorando-se e desfrutando do desconforto na cara de Marymount -, há várias coisas que as Waverly Owls podem fazer no fim de semana.

- Vocês realmente referem a si mesmos como Waverly Owls? - O Sr. Buchanan inclinou-se como quem conspira.

- Só quando estão presentes os membros do conselho diretor - brincou Julian, provocando risos de todos.

- Vocês não têm seus encontros do Cinephiles nest fim de semana, Tinsley? - perguntou Brandon casualmente, colocando um cotovelo na mesa. Seus olhos faiscavam de malícia.

- Foi adiado. Mas obrigada por perguntar. - Ela chutou o pé dele por debaixo da mesa. O Sr. Buchanan pegou um dos pãezinhos frescos no cesto no meio da mesa.

- O que é o Cinephiles? Não parecer existir no meu tempo.

- Seu tempo foi há muito tempo, Collin - disse Marymount, meio rigidamente, como se estivesse se esquecido de como se faz uma piada. Tinsley riu de qualquer modo, por educação.

- O Cinephiles é nosso clube de cinema, criado principalmente para aproveitar o incrível equipamento de projeção que a escola tem. E as poltronas incrivelmente confortáveis na sala. - A família dela havia doado tudo isso, mas ela não precisava mencionar. Era provável que o Sr. Buchanan já soubesse. - Vemos filmes algumas vezes por mês e fazemos um debate depois da projeção.

- É mesmo? - perguntou Julian, parecendo genuinamente interessado. Ele vestia uma camisa azul-clara Ben Sherman e Tinsley podia discernir vagamente as palavras MASSIVE ATTACK aparecendo na camiseta por baixo. - Que legal. Eu não sabia que a Waverly tinha um clube de cinema.

- Criação da Tinsley - assinalou Brandon, muito gentilmente, pensou ela.

- Devíamos ver *Rosencrantz and Guildenstern Are Dead*, mas agora ficará para a sessão da semana que vem. - Tinsley tomou um gole de água (sem gelo - este era mesmo um restaurante francês). - Todo mundo tem muito dever de casa neste fim de semana. - Isso devia ser verdade, não é? Ela não ia mentir descaradamente na frente de Marymount, mesmo que fosse para o bem dele.

- Cabeças. Cabeças. Cabeças. Cabeças. Cabeças. Cabeças. Cabeças - entou Julian, e Tinsley e Brandon deram uma gargalhada. Marymount e o Sr. Buchanan estavam confusos.

- É do filme - explicou Tinsley.

- Não posso dizer que o tenha visto. - O reitor Marymount tomou um gole de água, uma gota gigante de condensação deslizando para a toalha de mesa com um plop.

- Oh! - Os olhos de Tinsley se iluminaram. - É maravilhoso. É a versão para o cinema de uma peça de Tom Stoppard, sobre as desventuras existenciais de...

- Peço desculpas por interromper uma mulher bonita - disse o Sr. Buchanan. - Mas uma conversa sobre existencialismo sempre fica melhor na presença de uma garrafa de vinho. - Ele acenou para o garçom e apontou para algo na carta de vinhos. Tinsley piscou para Brandon do outro lado da mesa. E ele disse que o pai não era divertido. Julian tocou o pé de Tinsley com o dele. Ou talvez ele só estivesse se coçando. Tinsley manteve o pé onde estava.

Com o vinho presente, as coisas só podiam melhorar.

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: BrettMesserschmidt@waverly.edu

De: JeremiahMortimer@stlucius.edu

Data: Sexta-feira, 4 de outubro, 20h01

Assunto: Fim de semana que vem

Oi, linda,

Mas que saco essa história do seu fim de semana... Presa como Rapunzel? Eu só queria estar nessa reunião do CD para dar umas porradas nesse Marymount. Vou pensar em você o tempo todo.

É chato você não poder sair, mas não fique estressada com isso. Meus pais vão encontrar você outro dia, e eu certamente também - no fim de semana que vem, vou levar você para o encontro mais perfeito e mais romântico que poderia imaginar.

Vou dormir cedo esta noite, mas ligo amanhã...

Te amo,

Jeremiah

P.S.: Seja uma Waverly Owl boazinha...

Uma Waverly Owl sabe que uma linda convidada para o jantar pode ser uma excelente distração de uma conversa constrangedora.

Easy sentou-se à pequena mesa meio torta com o pai, desejando estar em outro lugar não neste restaurante eurotrash pretensioso e caro. Ele pegou um dos trinta e sete garfos na mesa e o girou nos dedos, querendo acender um cigarro. O Sr. Walsh dava toda atenção ao cardápio diante dele. Ele sempre foi uma figura imponente quando Easy estava crescendo – quase 1,90m, ombros largos, voz grave e agora, com a cabeça grisalha e a barriga que parecia ter se enchido de churrasco de peito do Kentucky todo dia nos últimos vinte anos, ele era ainda mais intimidante.

Easy suspirou. Onde é que estava a Callie? Ele vira Tinsley espiar a sala de jantar, parecendo animada com alguma coisa.

Talvez ela tivesse um encontro com outro professor da Waverly. Mas desde então, pelo menos cinco minutos – ou 15 – tinham se passado. Ele realmente esperava que Callie não desse bolo.

Como se lesse os pensamentos de Easy, uma das habilidades menos atraentes do pai, o Sr. Walsh disse:

- Certamente espero que sua namorada não nos deixe na mão.

- Ela virá, pai. – Easy olhou a garçonete servir água em seus pesados copos de cristal. – E ela não é minha namorada. – Se o pai fosse um pouco mais humano, Easy faria um esforço e contaria sobre Jenny... Mas o Sr. Walsh tinha um talento para banalizar tudo o que tocava fortemente os sentimentos de Easy e ele ainda não queria dividir Jenny com o pai. Mas talvez fosse uma trapalhada completa que ele estivesse jantando com o pai e nem falasse na nova garota de sua vida. Ou a convidasse para jantar.

Foda-se. Jenny valia mais para ele do que qualquer merda banalizante que o pai pudesse jogar pra cima dele. Ele se enrijeceu na cadeira e se inclinou para frente.

- Na verdade, estou meio...

- Oi. – Easy ouviu uma voz delicada e conhecida atrás dele. Ele se virou. De pé, ao lado de sua cadeira, estava Callie, pálida e parecendo meio frágil, com um sorriso nervoso. Estava linda com uma blusa pregueada estreita e blusa vermelha escura com mangas bufantes. O cabelo louro estava puxado para trás e, se ela estivesse maquiada, estava totalmente invisível. – Estou atrasada?

Easy e o pai se levantaram.

- Que colírio para os meus olhos! – O Sr. Walsh imediatamente ligou p comutador do charme e deu dois beijos no rosto de Callie. – É maravilhoso vê-la novamente, Srta. Callie Vernon.

- O prazer é todo meu, Sr. Walsh. – Quase que imediatamente, era como se a casaca de nervosismo de Callie tivesse caído. Ela deu uma piscadela para Easy por sobre o ombro do pai dele, e ele não conseguiu deixar de sorrir. – Foi gentileza do senhor me convidar.

- Por favor, me dê a honra de me chamar de J.L. Isso me mantém jovem.

Sem pensar, Easy sentiu a deixa do pai e se aproximou de Callie.

- Você está... er... – Ele rapidamente se inclinou e lhe deu um beliscão no rosto. Podia sentir o calor tomando sua face. De repente, ele ficou nervoso. – Bem.

- Acho que preciso ensinar a meu filho a cumprimentar uma dama. – O Sr. Walsh riu enquanto todos tomavam seus lugares. – Callie, minha querida, você está absolutamente linda. Não está, Easy?

Easy deu um pigarro, Callie sorriu para ele e tombou a cabeça, como se não esperasse

que ele respondesse.

- Sim – disse ele, corando totalmente. – Está.

Eles começaram a conversar sobre as aulas e esportes, e Easy ouvia, pasmo. O Sr. Walsh não era exatamente a pessoa de conversa mais fácil – depois que farejava a opinião de alguém sobre alguma coisa, ele começava a argumentar o contrário. Mas Callie parecia realmente gostar de conversar com o pai dele, e a combinação da natureza voluntariosa de Callie e seu charme natural do Sul tranqüilizou a todos. Easy nunca a viu “ligada” desse jeito, ou, se viu, não tinha prestado atenção. Era meio impressionante. Da última vez em que os pais de Easy estiveram na cidade, ele ficou estressado demais e ficou bêbado na maior parte do tempo. Mas ele se lembrava de que os pais falaram que ela devia ser uma filha perfeita. E era um alívio ouvir Callie falar de alguma coisa que não fosse um par de botas de 50 dólares que ela conseguiu na Barneys. Ela parecia tão inteligente. Era meio sexy.

- Callie, gostaria que ficasse de olho nesse garoto aqui – disse o Sr. Walsh, tomando um longo gole de sua taça de cabernet. – Aposto que uma dama inteligente e jovem como você não negligencia todos os seus cursos acadêmicos em troca de tolices como desenhar e montar cavalos. – Ele se demorou um pouco na palavra “desenhar”, deixando que saísse de sua boca como um insulto.

Ele sentiu a cara esquentar de raiva. Pó que o pai tinha de ser tão mordaz?

- Sabe de uma coisa, pai, há mais na vida do que tirar A e defender criminosos ricos e culpados em troca de um monte de dinheiro. – Ele pensou em contar ao pai sobre o desenho que estava pendurado na galeria dos alunos, mas achou melhor se calar.

O Sr. Walsh riu. Ele nunca parecia se deixar abalar, independente do que Easy dissesse.

- Quem jamais ganhou dinheiro na vida não tem o luxo de criticar aqueles que trabalham para isso. Só estou sugerindo que, se você passasse tanto tempo nos outros cursos quanto passa com sua “arte” – ele formou aspas no ar quando disse “arte”, como se fosse questionável chamar assim -, talvez sua situação acadêmica não estivesse em risco constante.

- Sabe – disse Callie, fingindo habilidosamente não perceber como Easy estava ficando irritado -, dizem que gastar energia criativa em uma coisa em geral leva a uma expansão geral da capacidade mental. – Um fio de seu cabelo louro caiu da fivela e deslizou para a face.

- Dizem mesmo? – respondeu o pai dele, fingindo interesse.

Easy olhou para Callie surpreso. Ela e o pai estiveram conversando e brincando como grandes amigos, e aqui estava ela, apoiando Easy quando o pai fazia o que mais adorava – criticando o filho? Era mesmo muita coragem dela.

E era um amor.

- Sim. – Ela baixou o garfo, que estivera usando para futucar, sem o menor interesse, uma salada de endívia com nozes e roquefort. – Veja os inventores do mundo. Eles não tiveram sucesso porque sua mente funcionava de forma diferente? – Ela parou e mexeu no brinco de pérola em gota que pendia da orelha esquerda. – Quero dizer, da Vinci era um grande artista e um gênio da tecnologia.

O Sr. Walsh tomou a liberdade de servir mais vinho para si mesmo, servindo meia taça para Easy e Callie. Easy tomou o vinho ansiosamente, sem saber o que sentir. O pai bebeu um gole e olhou com aprovação para Callie.

- Nunca pensei isso desta maneira, minha querida. Mas acredito que seja um bom argumento.

- Além disso – acrescentou Callie delicadamente, levando a taça de vinho aos lábios. – A arte de Easy é realmente boa. – Ela olhou para Easy. – Ele é muito, hummm, talentoso.

Easy fitou oprato meio consumido de terrine dês filets de sole. A sensação estranha que teve antes no estômago tinha se espalhado por todo o corpo. Callie estava sendo tão doce e protetora em relação a ele. Ela lidava com o pai dele como uma mulher muito mais velha. Era como se os últimos meses de sua cretinice, rabugice e carência com ele tivessem sido um sonho e ele estivesse vendo a Callie por quem ele se apaixonou no ano passado.

Era isso mesmo que ele queria? Que os últimos meses fossem apagados? Isso significaria que ele não tinha conhecido Jenny... Jamais beijara seu rosto delicado. Ele não conseguia sequer imaginar isso. Mas enquanto fitava Callie, Easy viu seus olhos castanhos e calorosos sorrindo para ele e ao conseguiu mais pensar direito.

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: Residentes do Dumbarton

De: ReitorMarymount@waverly.edu

Data: Sexta-feira, 4 de outubro, 21h30

Assunto: Detenção

Residentes do Dumbarton

Observem, por favor, que a detenção começa agora. Todas as residentes devem estar o alojamento e estão proibidas de sair, a não ser em caso de emergência, até segunda-feira às 7 da manhã.

Brett Messerschmidt estará encarregada de recolher os trabalhos de todas sobre o que significa ser uma Waverly Owl responsável. Mandem e-mail com quaisquer perguntas diretamente a ela, por favor.

Sua orientadora do alojamento, a Sra. Pardee, não estará no alojamento neste fim de semana, uma vez que sua presença é solicitada nos eventos do conselho diretor. Porém, imagino que entendam que será expulsa qualquer aluna que violar a detenção.

Reitor Marymount

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: Residentes do Dumbarton

De: BrettMesserschmidt@waverly.edu

Data: Sexta-feira, 4 de outubro, 21h40

Assunto: Reunião no café-da-manhã

Meninas,

Amanhã, às 9 da manhã – reunião obrigatória de café-da-manhã na sala de estar do primeiro andar. (Nenhuma de nós deve ter problemas para acordar tão cedo, uma vez que parece que esta noite todas estaremos presas em nossos quartos fazendo massagens

faciais e nos enchendo de um sono de beleza.)

Temos de discutir esse trabalho.

BM

UMA WAVERLY OWL OUVES AS SUGESTÕES DAS COLEGAS.

Às 9h03 da manhã de sábado, Brett Messerschmidt ficou surpresa ao ver a sala de estar do Dumbartin cheia de meninas. Ela meio que esperava que todas faltassem a reunião "obrigatória", mas talvez todas tenham ficado tão entediadas na noite anterior que estavam realmente agradecidas pela oportunidade de se reunir e reclamar das coisas. O serviço de refeições entregara várias caixas grandes de bagels e muffins frescos, pacotes individuais de mateiga e cream cheese, facas de plástico e caixas de suco de laranja. Mas nada de café. Brett podia sentir a dor de cabeça de abstinência de cafeína já brotando em seu cérebro. A maioria das outras meninas ainda estava de pijama, como se fosse uma festa gigante de café na cama. Era divertido, mas Brett nem reconheceu algumas. Só havia uma ou duas meninas realmente vestidas. Uma delas era a Dama de Preto, como a própria Brett e Jenny sempre chamavam - a menina bonita e quieta de cabelo castanho claro na altura dos ombros e enormes olhos castanhos esverdeados, que sempre carregava um livro. Agora estava sentada junto à janela, lendo um livro de quadrinhos, usando uma camiseta preta do show de Bob Dylan e jeans pretos. Brett nem sabia que ela morava naquele alojamento.

Com um suspiro, ela pegou um bagel e um pacote de cream cheese light e se sentou em uma poltrona vazia no canto. Não conseguia deixar de ficar de mau humor. Toda a história era ridícula - hoje era o jogo dos ex-alunos da St. Lucius e ela devia estar na arquibancada, linda, torcendo por Jeremiah e fazendo todas as líderes de torcida da St. Lucius saberem que elas não iam para casa com ele depois do jogo. Era o grande dia de Jeremiah e ela queria estar lá com ele. Brett quase estragou tudo para sempre entre os dois, com toda a idéia de que estava apaixonada pelo fiasco do Eric Dalton, mas agora as coisas estavam bem de novo e ela queria provar o quanto o amava.

Surpreendentemente, Tinsley e Callie já estavam sentadas em um dos sofás, Tinsley com as pernas envolvidas por um dos braços. Vestia uma camiseta apertada Arizona Wildcats (será que namorou alguém do Arizona?) e a calça de pijama de seda vermelha, o cabelo escuro e comprido amarrotado da cama. Callie usava uma camiseta de algodão branco e as duas meninas cochichavam na orelha da outra, claramente tramando alguma coisa, como sempre.

Brett tirou um pedaço do bagel e passou um pouco de cream cheese.

- Obrigada por virem, todas vocês. Pensei que seria uma boa idéia se todas nós nos reuníssemos e fizéssemos um *brainstorming* sobre esse... hummm... trabalho, essa besteirada ridícula. - Epa. Brett queria parecer profissional, mas não conseguiu reprimir a amargura.

Um coro de vozes se elevou.

- Sage e eu temos passe para ir à cidade hoje. - O rosto de Emily Jenkins exibiu uma expressão de vítima. - Tem um desfile exclusivo de Jovovich-Hawk na Barneys e a gente estava planejando ir, tipo assim, há séculos. Quem sabe eu posso escrever sobre isso?

- É, e o Marymount vai ligar muito de você não ter o novo minivestido da estação - zombou Benny Cunningham enquanto pegava o muffin de banana e nozes, claramente ofendida por não ter sido convidada para a excursão à Barneys.

Yvonne Stider, com o cabelo de palha de milho em duas marias-chiquinhas, levantou a mão, insegura. Brett disse com paciência:

- Não precisa levantar a mão, Yvonne. Todas nós podemos falar.

- Obrigada, Brett. - Yvonne olhou a sala meio nervosa, parecendo pequena e meio

moderninha com o pijama vermelho desbotado coberto de desenhos dos Jetsons. - Eu só queria dizer que reclamar do que vamos perder não era o que o Marymount tinha em mente. - Ela olhou para Emily e Sage e acrescentou rapidamente: - Sem querer ofender. - Acho que Yvonne tem razão - falou Jenny, sentada de pernas cruzadas no chão, usando jeans True Religion e uma camista rasgada Ralph Lauren - Brett sabia que ela não estaria de pijama, já que sempre tinha o cuidado de não ser vista sem sutiã. - Quer dizer, ele sabe que estamos perdendo coisas... É esse o sentido do castigo, não é? - ela respirou fundo. - Mas ele quer que a gente aprenda sobre responsabilidade, e responsabilidade é meio que assumir seu castigo, seja justo ou não, e lidar com ela da melhor maneira possível, né?

Tinsley e Callie deram risadinhas, e a cara de Jenny corou.

- Callie? - disse Brett incisivamente. - Tem alguma contribuição a dar?

- Na verdade - respondeu Callie, aindando -, temos uma idéia de como lidar com o castigo da melhor maneira possível.

- Marymount pode ter achado um barril - anunciou Tinsley regamente. - Mas - ela parou para fazer suspense, desfrutando dos olhares de assombro de todas as meninas semidespertadas - ele não encontrou os outros cinco.

De imediato a sala zumbiu de animação.

- Do que você está falando? - perguntou Brett de mau humor. - Tem mais? Onde?

- De baixo da cama da Kara - revelou Callie, cheia de orgulho.

Mais zumbidos enquanto as meninas olhavam em volta, já que nem todas sabiam muito bem quem era Kara. Ficou claro quando a Dama de Preto pulou do lugar à janela, a cara, antes branca, vermelha de pavor.

- Está brincando?

- Desculpe - disse rapidamente Tinsley, sem parecer se desculpar em nada. - Você estava no banho, sua porta estava aberta e havia tanta porcária debaixo da minha cama. - Ela fez com que isso parecesse culpa de Kara.

- Então você colocou cinco barris de cerveja no meu quarto sem pedir? - Kara estava irritada. Brett sorriu um pouco, satisfeita ao ver que a Dama de Preto falava por si mesma. A garota tinha de ser muito *cool* para enfrentar Tinsley Carmichael diante de uma sala cheia de imitadoras da Tinsley. Ela já gostava dessa garota.

- Na verdade são meios-barris - corrigiu Callie.

Yvonne deu um pigarro.

- Parece a oportunidade perfeita para tirar vantagem de uma situação negativa...

Estamos todas presas aqui e a Pardee não está no prédio.

- Então, vamos dar uma festa! - Celine Colista se levantou, o short curtinho Gap Body revelando as pernas supercompridas. Ela fez uma dancinha. Um zumbido de empolgação ondulou pela sala.

- Tudo bem. - Brett se sentou reta na cadeira e quis ter um martelo de juiz ou coisa assim para recuperar o controle da sala. - Então o que vai acontecer quando a Pardee entrar e vir um bando de meninas bêbadas vomitando na sala de estar com cinco barris vazios?

- Na verdade - piou Rifat Jones, a capitã alta e atlética do time de vôlei -, acho que posso ajudar. - Diziam os boatos que os pais dela praticamente mandaram em Wall Street antes de abandonarem tudo para ingressar no Corpo da Paz e agora ensinavam pessoas em Gana a criar as próprias empresas. Meio bacana. - Meu namorado é um dos alunos que fazem parte do Conselho Diretor - explicou ela. O cabelo era escuro e crespo, curto como de Natalie Portman em *V de Vingança*, e as pernas longas e morenas que pareciam subir uns mil quilômetros estavam apoiadas na mesa de centro. - Ele vai ajudar no grande jantar na casa de Marymount hoje à noite. Ele disse que todo ano

termina, tipo assim, de manhã cedo, e os membros do conselho e professores ficam de porre e vão para casa trocando as pernas. Então...

- Então ele pode ligar quando a Pardee sair de lá? - interrompeu Tinsley.

- Claro - Rifat assentiu. - Ele pode nos dar um alerta antecipado, pelo menos. Depois a gente pode trancar os barris e cair na cama.

- Isso é demais. Obrigada, Rifat. - Tinsley bateu palmas como se ela mesma tivesse resolvido o problema. Brett tinha certeza absoluta de que Tinsley nunca falara com Rifat na vida, mas de repente era a melhor amiga dela. E por que não? Tinsley adorava todo mundo que podia usar.

- Então a festa vai rolar? Digamos, às oito? - Callie pulou do sofá e esticou o corpo longo e magro. - Tempo suficiente para escolher minha roupa.

- Peraí um minutinho - gritou Yvonne Stidder. - Acabo de ter uma idéia. E se a gente usar as roupas de outra pessoa para a festa desta noite... Alguém que não conhecemos? Quer dizer, isso nos daria a oportunidade de nos conhecermos melhor. - Ela deu de ombros e se encolheu um pouco, como se estivesse preocupada que alguém risse dela.

- Que idéia incrível! - exclamou Rifat, toda animada, olhando Callie, Celine e as outras meninas altas.

Benny Cunnungham revirou os olhos para Callie. Mas Callie já estava vasculando a sala, tentando avaliar que meninas usariam o tamanho dela. Como se mais alguém ali fosse tão magra. Outras meninas murmuravam animadas.

Brett suspirou. Uma festa certamente não ia compensar não ir ao jogo de Jeremiah, mas a idéia de passar uma tarde vasculhando os armários cheios de roupas novas era atraente para ela. Era meio como a época em que ela e Callie passaram um domingo inteiro andando de taxi por Nova York, parando em quase todos os brechós da cidade em busca de um tubinho Chanel que ela vira quando folheou a coleção de revistas *Vogue* dos anos 1960 da biblioteca. Elas não encontraram um vestido assim, mas conseguiram levar para casa sacolas e mais sacolas de outros tesouros.

- Tudo bem - disse Brett, espanando do colo os farelos de bagel esperando que não houvesse nenhuma semente enfiada nos dentes. - Todas vocês, pensem no que significa ser uma Waverly Owl responsável e me mandem um e-mail. - Talvez fosse melhor se todas reunissem suas idéias e fizessem um trabalho só. Ela amassou o guardanapo na mão. - E deixem as portas dos armários abertas.

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: HeathFerro@waverly.edu;

EasyWalsh@waverly.edu;

BrandonBuchanan@waverly.edu;

JulianMcCafferty@waverly.edu;

AlanStGirard@waverly.edu;

RyanReynolds@waverly.edu

De: TinsleyCarmichael@waverly.edu

Data: Sábado, 5 de outubro, 10h12

Assunto: Shhhh...

Queridos meninos,

Só quero que vocês saibam que vamos dar uma festa hoje à noite no Dumbarton - mas

devemos convidar vocês, já que vamos usar a sua cerveja.

Pardee não estará aqui, mas o segurança e zelador Ben estará patrulhando o pátio para se certificar de que ninguém entre ou saia. Venham, se conseguirem encontrar um jeito de entrar - só não sejam flagrados ou você vão se foder (e não conosco).

Desagradavelmente,

T

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: BrettMesserschmit@waverly.edu

De: KaraWhalen@waverly.edu

Data: Sábado, 5 de outubro, 11h21

Assunto: O que eu aprendi...

É que uma Waverly Owl responsável pode muito bem ir à primeira festa da vida sem ser convidada. Em especial se os barris já estão no quarto dela!

A gente se vê à noite

K

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: BrettMesserschmit@waverly.edu

De: EmilyJenkins@waverly.edu

Data: Sábado, 5 de outubro, 12h07

Assunto: Não queria que sua namorada fosse gata como eu?

Tá legal, eu oficialmente ando ouvindo muita música ruim, tipo as das Pussycat Dolls. Mas o que eu realmente queria é ROUPAS sensuais para mim! Preciso de uma roupa bacana para a festa, cara. Posso ir aí? Já estou a caminho.

E

P.S.: Uma Waverly Owl responsável não derrama cerveja nas roupas da generosa colega de alojamento!

UMA WAVERLY OWL SABE QUE TRABALHAR EM EQUIPE É UMA EXCELENTE MANEIRA DE ENCONTRAR SOLUÇÕES NOVAS E CRIATIVAS

Ao meio dia e meia de sábado, o salão de jantar da Waverly estava, à primeira vista, como sempre – apinhado. Qualquer um que não conhecesse bem a Waverly pensaria que tudo corria normalmente no mundo. Mas os que estavam familiarizados com a escola teriam percebido uma diferença distinta – ou melhor, uma ausência. Isto é, faltavam as meninas do Dumbarton. O que significava que faltavam todas as gatas da escola. E a estética da Waverly certamente sofria por causa disso.

Para não falar nos meninos. Quando Brandon passou pela porta principal do salão de jantar, inconscientemente passou os olhos pelo ambiente à procura do cabelo louro de Callie e a confusão de cachos de Jenny antes de perceber que elas não estariam ali. Ele soltou um suspiro pesado e foi para a fila da comida, pegando uma bandeja e contornando o amontoado de gente na frente dos palitos de frango. (Uma das poucas exceções na dieta de Callie – ela ia ficar chateada.)

- Mais – disse Heath Ferro à coitada que colocava os palitos em seu prato. – Não seja mesquinha. Sou um rapaz em crescimento.

Brandon tentou não ficar enjoado enquanto passava pelo colega de quarto na fila e pegou uma tigela de sopa de tomate fumegante. Seu estômago ainda estava esquisito do jantar da noite passada. Ou talvez ele estivesse enjoado de toda a paquera de Tinsley com o pai dele. E vem me falar de esquisitice. Ela apareceu do nada e enfeitiçou todos eles, exceto talvez o Julian.

- Qual é seu problema, princesa? – perguntou Heath depois que seu prato tinha uma pilha suficientemente alta de palitos de frango. – Não se divertiu no encontro com Julian ontem à noite? Ele disse que você estava um gato. – Ele deu uma risadinha.

Brandon revirou os olhos e examinou as maçãs, procurando uma não machucada. Heath jamais ia parar de fazer piadinhas sobre homossexualidade. Brandon já podia imaginá-lo na reunião de 50 anos dele, ainda dando indiretas de *Brokeback Mountain*.

- A Tinsley também estava lá, babaca, caso não tenha ouvido falar. – Ele andou para os coolers e pegou uma garrafa de suco de laranja com framboesa. Só dizer o nome dela o eletrizava.

- Meu Deus, nenhuma menina durante todo o fim de semana. – Heath o seguiu para a mesa perto da lareira, onde alguns caras estavam sentados. – Isso não é uma merda?

- Muito mesmo – respondeu Alan St. Girard entre goles gigantescos de leite achocolatado. – Parece que estou no *Código de honra*, ou coisa assim.

- Tem outras meninas aqui, sabiam? – Ryan Reynolds suspirou, sem acreditar no que dizia.

- É, mas não das boas.

- E desde quando você sabe a diferença? – Heath descascou sua banana e jogou a casca em Alan, depois se abaixou antes que o miolo da maçã de Alan batesse em seu rosto.

Que ótimo, pensou Brandon. *Eles parecem um bando de gorilas. Tire as meninas e logo vão começar a se devorar.*

- Não sei se posso passar por todo o fim de semana sem dar nem uma olhadinha nas saias curtas da Tinsley. Ela é melhor do que Skinemax. – Ryan colocou na boca o biscoito de chocolate inteiro.

- Pense só nisso. Todas aquelas gostosonas presas com a nossa cerveja? – Heath deu um tapa na testa. – Vai ser lendário. A gente *precisa* entrar lá.

- E com pretende fazer isso? – perguntou Julian. Parecia que os rapazes tinham se esquecido de que ele era um calouro e o aceitaram no grupo. Normalmente, se um calouro quisesse ficar com os mais velhos, teria de lavar a roupa deles, dar-lhes maconha ou coisas assim. Mas Julian era legal e todos os meninos o queriam em seus times de basquete indoors para o inverno, assim, eles meio que o perdoaram tacitamente por ser tão novo. – Não podemos exatamente bater na porta da frente.
- Peraí peraí peraí peraí peraí peraí PERÁ! – Heath pulou da cadeira, derramando a água do copo no sanduíche meio comido de Brandon. – E os túneis? Eles existem mesmo? Vocês sabem?
- O que são os túneis? – Julian se inclinou para frente, ansioso. Esta era uma história que nunca tinha ouvido.
- Alan passou os dedos no queixo por barbear. Parecia um Bombril louro.
- Pensei que eram só boatos.
- Não, eles existem mesmo. – Brandon pegou o sanduíche ensopado e o atirou na bandeja de Heath. – Foram construídos entre os alojamentos e as salas de aula durante a guerra fria ou coisa assim...
- Não era por causa de guerra nenhuma... Eles cavaram para que os alunos pudessem evitar essa porra de clima de deixar o saco dormente. – Easy Walsh falou pela primeira vez, tendo estado ocupado demais atirando palitos de frango na boca para se juntar à conversa.
- Ah, é, Sr. Especialista em Túneis?, pensou Brandon.
- Bom, de qualquer modo... Estão fechados há anos.
- É, mas meus irmãos costumam falar que arrombavam e saíam por ali para beber. – Easy deu de ombros. A gola da camisa pólo branca e manchada estava se separando das costuras. – Então tem de haver um jeito de entrar.
- Assim você pode ver a J-E-N-N-Y? – Ryan despejou meio copo de Sprite no suco de laranja e o mexeu com uma colher. – Se eu soubesse que ia pegar *aquela* bundinha, também estaria decidido.
- Acho que a única bundinha que você vai pegar é a da sua avó, então por que não cala a porra da boca e liga para ela?
- Senhoras, senhoras, por favor. – Heath se levantou. – Não estão vendo? Todos precisamos trabalhar juntos. Unir forças, combinar poderes pelo bem maior.
- Brandon revirou os olhos. Heath sempre aparecia com essas tiradas de heróis de quadrinhos, como se a vida dele já não fosse muito fácil, ele tinha de se considerar uma espécie de super-herói. Embora o único poder que ele talvez quisesse ter seria visão de raios X para ver através das roupas das mulheres.
- Tanto faz – grunhiu Ryan. – Quer dizer, to dentro.
- Easy atirou o guardanapo amassado na bandeja de Ryan como oferta de paz.
- Então, temos de pensar... Como vamos encontrar os túneis?
- Trabalho em equipe, senhoras, trabalho em equipe. – Heath bateu o punho na mesa. – Temos que nos dividir,. Alguém deve ir à biblioteca, ao Maxwell Hall, aos estúdios de belas-artes, à Lasell, tudo. Não deixem de revirar uma pedra que seja. Nenhuma porta nem alçapão fechado! – Era como se ele pensasse que era o Professor Xavier fazendo um discurso para inspirar todos os X-Men antes da batalha.
- E se estiver trancada? – perguntou Brandon.
- Como é?
- E se a porta fechada estiver trancada? E aí?
- Heath olhou o colega de quarto como se ele fosse um menino de 5 anos que tinha acabado de fazer a pergunta mais idiota do mundo.

- Então vamos fazer como em Onze homens e um segredo e arrombar.
E, como todas as meninas sumiram, eles iam ter de roubar uns grampos de cabelo.

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: JennyHumphrey@waverly.edu
De: EasyWalsh@waverly.edu
Data: Sábado, 5 de outubro, 13h12
Assunto: Piquenique

Jenny,

Estou com saudade. Não tenha medo, o poderoso Heath Ferro tem um plano. Vamos tentar entrar – podemos ter nosso jantar em seu quarto, em vez de no bosque.

Te amo,

E

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

CallieVernon: E aí, Walsh. Por favor, agradeça ao seu velho pelo jantar adorável ontem à noite.

EasyWalsh: Ele provavelmente ia adorar se você mesma mandasse um email pra ele – você sabe que ele é apaixonado por vc.

CallieVernon: Ha ha ha... É, foi incrivelmente divertido. J. L. Walsh é como um bom vinho – fica melhor com a idade.

EasyWalsh: Depende de sua definição de melhor. Pelo menos ninguém vomitou a comida.

CallieVernon: Vai entrar hoje à noite com os outros meninos? Soube que têm um plano secreto.

EasyWalsh: Ferro está agindo como nosso líder destemido, então vc sabe que estamos em boas mãos.

CallieVernon: Desde que você apareça... Estamos topdas nos produzindo, esperando uns cavalheiros sensuais de armadura reluzente arrombando as portas...

EasyWalsh: Hummm, é. Vamos tentar.

15

Uma waverly owl sabe quem são as colegas de alojamento- caso isso venha a calhar

Depois dos sanduíches entregues no alojamento no almoço(croissants com peru e Havarti e cogumelos portobello, queijo de cabra em pão de fôrma), o serviço de refeições deve ter precisado de uma folga porque anunciou que, para o jantar, elas receberiam uma pilha gigante de caixas de pizza.Ninguém pareceu se importa.Na verdade, pizza era a comida preferida de Tinsley antes de uma grande noite de bebedeira.Nada como carboidratos e queijo para preparar o estômago para o álcool. As meninas deixaram as portas de seus quartos - e dos armários - abertas a tarde toda e todas andavam pelos corredores, vasculhando cabides de roupas que nem eram seu tamanho, só para o caso de verem alguma coisa espetacular.Tinsley andara pelos armários de Benny, Sage e Celine, e ela conhecia o de Callie como a palma da mão, mas tudo parecia um tédio.Seco.Convencional.Nada surpreendente.Seu guarda-roupa tinha sido esvaziado por dezenas de mãos.Ela não se importava de emprestar, desde que conseguisse roupas tão boas quanto as que cedeu.

Brett entrou num rompante no quarto, um vestido de chiffon esmeralda pendurado num braço.Ela nem olhou para Tinsley enquanto atirava o vestido na cama.Ligou o aparelho de som Harmon Kardon, enchendo o quarto com o som de Fleetwood Mac.Mas será que é possível Brett ser mais idiota?Quem gostava de música dos anos 1970 além das pessoas que realmente viveram nos anos 1970?

Com um olhar para Brett que era de fuzilar,Tinsley saiu do quarto, batendo a porta ao passar.

Ela suspirou.Cinco e meia -os meninos, se conseguissem encontrar um jeito de entrar, chegariam dali a alguma horas.Ela podia dar uma olhada na cerveja- os barris deviam precisar de mais gelo.Nunca a máquina de gelo no porão do Dumbarton foi tão fundamental.

A porta de Kara era a única fechada em todo o andar.Tnsley bateu brevemente antes de girar a maçaneta.Kara estava sentada à mesa com livros abertos.

--Oi--chamou Tinsley.

Kara girou a cadeira.

--Ah...Oi--Ela não pareceu muito satisfeita ao ver Tinsley ali.*Francamente*.Tinsley estava fazendo um favor enorme a essa ninguém, permitindo que lea guardasse em seu quarto a bebida da festa.Antes disso, ninguém nem mesmo sabia quem era ela.Ela podia pelo menos demonstrar alguma gratidão.

--Só queria dar uma olhada nos barris...Não se importa se deixarmos aqui não é?--

Tinsley olhou o quarto imaculado arrumado.--É tão limpo aqui.Eninguém ia desconfiar de você.

Kara largou o braço nas costas da cadeira.Ainda estava com a camiseta preta de Bob Dylan que usara mais cedo.Ela não tinha jeito.

--É pode ser--Seus olhos castanhos esverdeados encontraram os olhos violetas de Tinsley.

Tinsley se agachou ao lado da cama e ergueu o coberto.Colocou uma das mãos no metal do barril.Estavam bem frio.Ela se levantou.Tudo bem, podia ser um pouco mais legal com essa garota-afinal, ela não ouvira pedido nenhum antes de Tinsley colocar os barris no quarto dela.

--Por que é que ainda não esta vestida?--perguntou Tinsley--Você vem a festa, não é?

--Bom...

--Ah, sem essa!--Tinsley endireitou o corpo e pela primeira vez olhou a porta aberta do armário de kara.Com um olho de aficionada em compras, ela viu as cores vivas e os tecidos caros.Peraí um minuto, de quem eram essas coisas?A garota que só vestia preto

tinha um armário cheio de roupas assim? Com dois passos rápidos, Tinsley estava a frente do armário, pegando um lindo vestido rosa com cintura pregueada e silhueta cheia e solta. Parecia uma coisa dos anos 1920.

Ela o ergueu no corpo--onde consegui isso?--exclamou ela, já vasculhando ansiosa as outras coisas

A cadeira de Kara guinchou enquanto ela a empurrava para trás no piso de madeira. Ela andou timidamente até Tinsley. Tinsley se considerava uma especialista em linguagem corporal e sabia que Kara não confiava nela. Tinsley olhou mais de perto. Ela era uma daquelas meninas que você só percebe que são bonitas quando olha bem por alguns minutos e, de repente, como um quebra-cabeça, as peças se encaixam. Seu cabelo na altura dos ombros eram de um castanho tingido de mel, liso e suave, ela era baixinha e curvilínea. Ainda tinha alguma gordura de bebê no rosto, nada que uma pequena maquiagem habilidosa não corrigisse, e lindos olhos castanhos esverdeados que eram totalmente desperdiçados numa pessoa que não sabia usar delineador.

--Minha mãe.--Kara olhou Tinsley pegar uma calça de marinheiro de cetim branco e olhar a etiqueta. Frannie Oz.--Ela é ... hummm... estilista.

O quiço de Tinsley caiu.

--Tá brincando? Ela fez tudo isso? Mas que cretina sortuda.

Kara deu de ombros, completamente desligada de mina de ouro que tinha escondido no armário.

--Ela ficou meio abarrotada esse ano... Me mandou todas essas amostras da coleção de primavera.

Tinsley girou e esfregou a testa.

--Então por que é que você não usa?--Ela teve o cuidado de não criticar a camiseta de Bob Dylan e o jeans preto - algumas meninas eram sensíveis demais. Mas esta garota tinha uma carinha tão suave que o visual preto era um desânimo completo.

--Não sei-- Kara suspirou e passou a mão nas mechas de cabelo desgrenhadas cor de biscoito de graham. Podia fazer um corte de cabelo também, concluiu Tinsley. Alguma coisa curta e batidinha pra ajudar a deixar seu rosto mais redondo.--Quer dizer, nem sei se cabem em mim.

Ela era claramente maluca.

--É por isso que tem que experimentar, bobona--Tinsley pegou um vestido trespassado com uma alça laranja fina tipo echarpe, de bainha desfeita e padronagem xadrez delicada (havia até um pouco de preto pra satisfazer as tendências góticas da garota) e forçou nas mãos de Kara.--Toma.

--Não é minha... Não vai ficar bem.

--Me faça esse favor e experimente--Tinsley deu as costas incisivamente e continuou a vasculhar o armário. Havia algumas coisas incríveis ali-embora Tinsley nunca tivesse ouvido falar da etiqueta, a partir de agora ia ficar atenta a ela. Todos os desenhos tinham um toque retrô as estampas modernas faziam Tinsley sentir que tinha tropeçado com uma perfeita butikuezinha desconhecida. Que péssimo que a mãe de Kara não morasse nesse quarto-Tinsley ia contratá-la para fazer roupas sob medida para ela!-- Se nunca usou antes, conta como emprestada.

Passaram-se alguns segundos de um silêncio desagradável enquanto Tinsley ouvia o rufar de Kara trocando de roupa.

--Já terminou?--perguntou ela, depois de se passar tempo suficiente. Ela girou o corpo. Kara estava parada no meio do quarto, puxando as várias partes do vestido, que cabia nela como uma luva. A saia girava um pouco na bainha, alguns centímetros acima do joelho, e o decote em V revelava só a quantidade certa do peito de Kara.

--Está apertado demais. Eu me sinto uma prostituta.

Tinsley riu

--Agora eu sei que você é doida--Ela se aproximou e enfiou a etiqueta atrás do tecido--
Você está sexy. Você está *totalmente* proibida de trocar de roupa. É isso que você vai usar
hoje à noite.

Kara suspirou de novo.

--Bom, hummm, obrigada.--Ela parecia meio surpresa quando se viu no espelho nas
costas da porta--Acho que vou ter que fazer uma maquiagem também, né?

--Já que está nessa, podia muito bem fazer tudo direito.

--Acho que sim.

--Por que não vem ao meu quarto?--propôs Tinsley generosamente, ainda agarrada ao
vestido de chiffon que parecia quase um peignoir que Maggie usara em *Gata em teto de
zinco quente*--conhece a Brett? Quer dizer você é nova aqui, não é?

--Não exatamente...--O rosto de Kara ficou rosado.--Quer dizer, eu nem conheço Brett
ainda --Ela deu um pigarroe começou a se atrapalhar com a gola do vestido.-- Talvez eu
dê uma passada lá. Tenho de pensar nos sapatos que vou usar.

Tinsley ergueu o vestido que carregava.

--Não se importa se eu experimentar esse, não né?--Kara era um pouco mais curvilínea
do que ela, mas o vestido tinha laço na cintura.

Kara agitou a mão.

--Sirva-se.

Tinsley sorriu. Se havia uma coisa que ela sabia era se servi.

Ela foi para o corredor e viu Callie, o punho erguido e prestes a bater na porta de Tinsley
e Brett. Seu cabelo estava molhado do banho e ela ainda vestia a toalha de algodão
egípcio branca enrolada no corpo.

--A pizza já chegou?--perguntou ela, os olhos faiscando. Callie devia mesmo estar com
fome para perguntar sobre comida-em geral ela meio que fingia que não precisava
comer. Mas... hoje ela estava com um olhar meio endiabrado.

Tinsley sorriu para a velha amiga.

--Pelo cheiro sim. Vamos pegar umas fatias.

--Não quer levar lá para cima e fazer nossa maquiagem? Acho que Jenny vai descer para
o seu quarto.

já se esquecendo dos planos de maquiar Kara, Tinsley assentiu.

--Com certeza.

Owl net ---- caixa de entrada de E-mail

Para: Heath Ferro@waverly.edu;

AlanStGirard@waverly.edu;

EasyWalsh@waverly.edu;

RyanReynolds@waverly.edu;

JulianMcCafferty@waverly.edu;

LonBaruzza@waverly.edu;

De: BrandonBuchanan@waverly.edu;

Data: Sábado, 5 de outubro, 17h47

Assunto: O túnel para o paraíso

Galera,

Problema resolvido.Vmaos entrar.

Encontrem-me no ginásio Lasell às 19h25, vestiário masculino.

Venham preparados para um passeio pelo subterrâneo.Pensem o mais secreto possível

Não se atrasem.E se alguém tiver uma lanterna - por favor leve

B

net caixa de entrada de E-mail

Para:BrettMesserschmidt@waverly.edu;

De:BennyCunningham@waverly.edu;

Data:Sábado, 5 de outubro, 18h00

Assunto:Sabendo poupar não vai faltar

Enquanto eu definhava no meu quarto hoje, morta de tédio e abatida com a ideia de perder uma liquidação de maatar, tive uma revelação que mudou tudo: uma waverly Owl responsável deve aprediar a falta de tentação proporcionada por uma detenção obrigatória no alojamento.No final não ter permissão de usar minha carteira acabou valendo realmente a pena, porque, se pensar bem, 500 dólares poupados em algumas blusas que eu só vou usar uma vez são 500 dólares em meu bolso.Para que sejam usados em propósitos mais práticos, é claro.

Segundo meus álculos, equivalem a 125 doses de Absolut.Já te falei que fica no quarto o dia todo aprimora suas habilidades matemáticas?Me sinto tão iluminada!

Beijocas

Benny

Owl Net----- caixa de entrada de E-mail

Para:BrettMesserschmidt@waverly.edu

De:Jennyhumphrey@waverly.edu

Data:Sábado, 5 de outubro,18h17

Assunto:Anime-se!

Brett,

Sorria, meu bem. hoje tem festa!

Achei meus elásticos de cabelo pro todo o quarto, como se alguém os tivesse tirado de minha caixa de Altoids e os atirasse no ar.Esquisito né?Ser uma Waverly Owl responsável significa não assassinar sua colega de quarto, por mais que ela te deixe

louca.

E aí, vai usar aquele vestido verde da Rifat? Quer se arrumar comigo? Nossas coleguinhas não estão?

Te vejo daqui a pouco!

Jenny

É CORTESIA COMUM UMA WAVERLY OWL BATER ANTRS DE ENTRAR.

Brett estava deitada na cama com o vestido de seda esmeralda de Rifat, parecendo uma estrela de Hollywood lendo *O apanhador no campo de centeio*. Estava tecnicamente pronta para a festa mas, mesmo depois de vasculhar dezenas de armários de outras meninas, encontrando os vestidos mais incríveis e pegando emprestado um inacreditável par de sandálias douradas Giuseppe Zanotti com tiras gregas que vinham até a panturrilha, ela ainda não estava a fim de festa nenhuma. Só queria ficar com Jeremiah. Ela não soube dele pela manhã, mas conseguiu sintonizar o rádio-relógio na emissora da St. Lucius e ouviu os locutores narrarem o jogo lance por lance. Estava claro que os dois estavam pasmos com Jeremiah, o que fez Brett rir, e era divertido ouvir sobre todos os passes incríveis que ele dava, como se ele estivesse salvando o mundo da aniquilação nuclear em vez de atirando uma bola. O jogo ficou empatado até os últimos segundos, quando Jeremiah conseguiu correr para a ponta sozinho e marcar o touchdown da vitória. Os narradores nerds ficaram eufóricos e as líderes de torcida provavelmente invadiram o campo, abanando os pompons.

Suspiro.

Mas *O apanhador no campo de centeio* conseguiu fazer com que ela se sentisse um pouco melhor. Brett adorava o livro todo, mas os primeiros capítulos eram seus preferidos. Holden Caulfield era tão arrasado e tão claramente deslocado naquela escola preparatória cara, que Brett tinha certeza de estar apaixonada por ele, pelo menos um pouco. A parte em que ele diz que às vezes, depois de terminar algum livro, sempre quer ligar para o autor- era uma coisa que Brett sentia toda vez que lia Salinger ou Dorothy Parker. Ela queria ligar para Salinger e lhe dizer o quanto se sentia como Holden às vezes, mas que ela disfarçava melhor.

Uma batida delicada na porta arrancou Brett de seus devaneios.

- Entra-gritou ela. A porta se abriu um pouco e Kara espiou, linda num vestido laranja apertado e confortável.

- Eu não queria atrapalhar sua leitura-disse a menina, claramente meio aturdida.- Mas.. a Tinsley disse para vir, que ela me ajudaria com a maquiagem. Sou totalmente inapta nisso.- Ela olhou o quarto.- Mas pelo visto, ela não está aqui.

Brett fechou o livro e o colocou de lado na cama.

- Bom, acho que ela pode ter ido ao quarto da Callie, mas eu posso ajudar, se quiser.- Ela se levantou.- Mas eu não sou a Tinsley- acrescentou ela.

Kara mordeu o lábio.

- Não sei bem se isso é ruim - disse ela com um riso nervoso.

Brett riu.

- Ótimo.

Os olhos de Kara baixaram em *O apanhador no campo de centeio*.

- Esse livro é ótimo... Está lendo para o curso de inglês?

-Não. - Brett olhou o livrinho branco, a capa trazendo apenas o título em preto no meio e uns riscos de arco-íris minimalistas que cruzavam o canto em diagonal. Ela adorava isso também. - Acho que só leio quando estou deprimida.

Kara assentiu sabiamente, os olhos castanho esverdeados se arregalando de solidariedade.

- Holden é tão fodido da cabeça - disse ela com ternura.- Ele sempre faz a gente se sentir melhor.

Exatamente. Brett não conseguia imaginar por que nunca conheceu essa garota.

- A propósito, esse vestido é demais.

- Nem acredito que você está dizendo isso pra mim! - exclamou Kara. - Você parece uma estrela de cinema.

- Eu não estou parecendo uma abobrinha? - Brett olhou seu vestido enquanto ia para a bandeja de maquiagem em cima da cômoda. Ela pegou o tubo de base Global Goddess e o estendeu para Kara. - Esse negócio é incrível.

- Ninguém vai te confundir com uma verdura.

- Obrigada. - Brett examinou o rosto de Kara criticamente. Tinha uma pele bonita, maçãs do rosto fortes e cílios incrivelmente longos - ela nunca se maquiava, então talvez fosse bom dar alguma cor ao rosto dela. - O que acha de usar sombra lilás?

Dez minutos depois Jennu colocou a cabeça pela porta; estava usando um vestido J. Crew sem alça da cor de café preto e sandálias vermelhas de tiras.

- Não estou muito fora de época, não é?

Seu cabelo pendia em anéis úmidos nos ombros nus. - Eu simplesmente adorei esse vestido esmagando meus peitos. - Ela os empurrou para cima. - Estão menores, não é?

- Nem quando você faz isso - brincou Brett. Easy não ia ser o único a cair em cima dela a noite toda. Embora o vestido não fosse revelador, os ombros nus e o decote discreto em V iam enlouquecer os meninos. Brett examinou o próprio rosto no espelhinho da maquiagem antes de passar um pouco de sombra escura Urban Decay Oil Slick nos cantos dos olhos.

Jenny olhou as duas.

- Vocês estão demais. - Ela sorriu timidamente para Kara. - Você é a Kara, né? Acho que sou da sua turma de Desenho da Figura Humana.

- É um curso ótimo - disse Kara entusiasmada. - Desde que eu não tenha que posar tão cedo.

- De repente seria divertido, se a gente vestisse essas roupas. - Jenny girou e deixou que a saia rodasse em volta dela.

- Acho que vou me trocar. Não a maquiagem - acrescentou Kara rapidamente. - Mas esse vestido não tem nada a ver comigo.

- Mas esse é o propósito de usar roupas diferentes... Hoje você não tem que ser você mesma - assinalou Jenny, olhando o espelho e torcendo mechas de cabelo perto da testa e prendendo-os no meio da massa de cachos escuros.

- Talvez. - Kara deu de ombros. - Mas não gosto de me olhar no espelho e não me reconhecer, entendeu?

Do lado de fora, veio um som estranho de buzina, quase como a buzina que Brett tinha em sua bicicleta Huffy cor-de-rosa. As meninas dispararam para a janela e Brett puxou as cortinas.

- Mas que foi isso? - perguntou Jenny, nervosa. - Parecia alguma coisa morrendo. As corujas não fazem um som assim, fazem?

- Só quando fumam crack - brincou Kara. - Deve ter sido um ganso.

Brett fitou a escuridão do anoitecer, mas não conseguiu ver nada além de arbustos e árvores. Veio outro chamado, desta vez mais perto, e as três meninas pularam. O coração de Brett começou a bater mais rápido, ela puxou a cortina, abriu a janela e enfiou a cabeça para fora.

- Ah, meu Deus - gritou ela. Jeremiah, vestido de preto, com duas faixas de tinta reflexiva preta embaixo dos olhos, estava entalado entre a parede de tijolinhos do Dumbarton e um arbusto grande de lilás.

- Shhhhhh... - sussurrou ele, colocando as mãos no peitoral. - Não vai me convidar para entrar?

Rindo e se sentindo uma completa rebelde, Brett pegou uma das mãos fortes de Jeremiah e o ajudou a passar pela janela.

- Não devia estar num jantar com seu pai? – perguntou ela, toda feliz.
- Jeremiah sacudiu o cabelo ruivo, soltando uma chuva de agulhas de pinheiro.
- Nós jantamos cedo. – Ele olhou as outras meninas e apontou para Jenny.
- Oi, Jenny, né?
- É. – Ela olhou nervosa para Brett. – Como você sabe?
- Você tem alguns fãs. – Ele deu um sorriso irresistível para ela.
- Aaaaa – respondeu Jenny, corando.
- Brett sorriu, Jeremiah era tão paquerador. Uma das vantagens de ter um namorado que freqüentava uma escola diferente é que Brett podia azarar inocentemente os meninos que quisesse sem se preocupar de Jeremiah saber. Paquerar era uma das coisas que fazia a vida valer a pena. A desvantagem, é claro, era perceber que Jeremiah devia fazer a mesma coisa na escola dele.
- Fico feliz por você poder... er... entrar esta noite. – Jenny riu.
- Brett cutucou Jenny com o cotovelo.
- E essa é a Kara.
- Oi, Kara. É um prazer te conhecer. Meu nome é Jeremiah. – Brett sorriu. Jeremiah era educado, como sempre, mesmo quando seus dedos estavam cobertos de seiva.
- É um prazer conhecê-lo também, Jeremiah. – Kara também sorriu e pegou o braço de Jenny. – A gente precisa... hummm. Ir.
- Sim, é claro! – Jenny partiu para a porta e as duas saíram, ainda rindo. – Mas a gente se vê na festa, né?
- Estaremos lá daqui a pouco – disse Brett. Ela ainda podia ouvir seu coração martelando nas orelhas. O dia todo ela teve medo demais para torcer que Jeremiah viesse – não queria que ele se metesse em encrenca nem nada disso, mas não conseguia parar de pensar nele. Assim que a porta se fechou, ela atirou os braços nele e começou a beijar seu rosto como louca, com o cuidado de evitar a mancha preta.
- Caraça, devagar aí. – Jeremiah passou as mãos pela lateral do corpo de Brett. – Me dê a chance de ver como você está linda. – Ele recuou um passo e a avaliou, e Brett sentiu todo o corpo esquentar. – Caramba.
- Gosto de um homem de poucas palavras. – Brett o puxou novamente para si e desta vez colocou a boca na dele. Seus corpos pareceram se fundir enquanto ele a estreitava nos braços pela cintura. – Parabéns pelo jogo de hoje. Eu ouvi pelo rádio.
- Ah, foi? – Jeremiah colocou uma das mãos na nuca de Brett e afagou delicadamente, exatamente onde ela gostava. – Que legal.
- Hummmm. – Brett colocou o rosto no peito dele e respirou. Ele tinha cheiro de pinheiro e desodorante fresco, e o creme de barbear AXE que ele sempre usava. Ver Jeremiah ali, em carne e osso, depois de querê-lo tanto o dia todo, fez com que Brett sentisse que estava num sonho. Ela não conseguia deixar de abrir o primeiro botão da camisa preta Ralph Lauren dele.
- Gata, o que está fazendo? – murmurou Jeremiah em seu ouvido, não exatamente alarmado.
- Não consigo evitar... – Brett abriu o botão seguinte um pouco mais rápido, o vislumbre de seu peito nu enlouquecendo-a um pouco. Eram tantos botões! – Estava morrendo de vontade de ver você. – Ela finalmente abriu a camisa dele e foi recebida pelas palavras, em tinta corporal brilhante, AFOGUE O GANSO, o slogan da St. Lucius. – Ai meu Deus.
- Jeremiah deu um sorriso tímido.
- É... er... Todos os caras pintaram o peito. Não percebemos que não ia sair no banho. – Ele coçou os peitorais com os dedos.

- Tá brincando? – Até esse slogan bobo no peito dele o deixava sexy e ela se inclinou devagar para a frente e colocou os lábios nele, acompanhando o G com a boca, enquanto tirava a camisa de Jeremiah de seus braços. Talvez esta fosse uma coisa que ela e Jeremiah sempre teriam – saber que a primeira vez em que transaram, o peito dele dizia AFOGUE O GANSO em letras vermelhas, grandes e bobas. Era meio romântico. Mas justo quando ela começava a empurrar Jeremiah para a cama, a porta se abriu e Tinsley, usando um vestido rosa floral e um colar de pérolas de duas voltas – exatamente como as que Brett pretendia usar com a família de Jeremiah – entrou.
- Ah, Jeremiah! Eu não esperava encontrar você aqui. – Até parece que ela esperava que Brett estivesse com outro cara.
- Considerando que só se passaram algumas semanas desde que Brett entrou no iate de Eric Dalton, Brett sentiu a alfinetada. Sua puta recalcada, xingou Brett. Será possível que Tinsley não ia deixar essa passar? Jeremiah olhou para Brett e ela pôde ver em seus olhos verde-azulados um toque de tristeza, como se Tinsley tivesse acabado de lembrá-lo da forma horrível com que Brett o largou há não muito tempo. Brett passou a mão nas costas nuas de Jeremiah.
- Mas Jeremiah pegou a camisa no chão, dando um beijo rápido no rosto de Brett e murmurando a palavra “Depois”.
- Tinsley passou pelo corpo seminu de Jeremiah e lhe deu um sorriso faiscante.
- Parabéns pela vitória. Soube que foi um jogo muito bom.
- Obrigado, Tinsley.
- Brett encarou Tinsley enquanto ela mexia numas coisas na mesa antes de pegar o telefone preto, cantarolando o tempo todo.
- Vocês vão ficar aqui a noite toda? – perguntou Tinsley toda animada, olhando diretamente para Brett, como se estivesse falando com ela nas últimas semanas. Tinsley jamais revelava sua verdadeira identidade de megacretina na frente de membros do sexo oposto.
- Não, estaremos lá, não se preocupe – respondeu Brett, mantendo o tom desagradável que sentia em sua voz. Jeremiah vestiu a camisa.
- Que bom – disse Tinsley, deixando a porta aberta ao sair. – Não quero que percam nada.

UMA WAVERLY OWL SABE QUANDO SE CONFIDENCIAR COM A COLEGA DE QUARTO E QUANDO FICAR EM SILÊNCIO.

No patamar da escada do segundo andar, Jenny se espremeu na parede para que passassem Celine Colista e Verena Arneval, que dividiam o quarto 309 do Dumbarton naquela andar. Verena, que Jenny nunca vira sem uma roupa elegante e sem saltos, parecia uma *club girl* com calça de couro preta apertada e um top branco inspirado num smoking Badgley Mischka, e Celine, que adorava tudo apertado, estava cheia de classe num vestido *bluson* de ombro de fora turquesa com mangas compridas e sapatilhas de balé bege.

- Oi, Jenny! Você ficou ótima no meu vestido – exclamou Verena enquanto ela e Celine voavam escada abaixo dando risadinhas. – Mas está indo para o lado errado! A festa é na sala de estar!

Jenny não estava acostumada a usar vestido sem alça – ela achou que ia escorregar pelos peitos, expondo sua enormidade ao mundo. Mas ela gastara uma grana na semana passada num bustiê sem alça que prometia levantar e espremer, e parecia mesmo funcionar. Ela até se sentia meio sensual.

- Só vou, hummm, escovar os dentes. – Jenny sorriu sem graça para as duas meninas, que desapareceram pela escada de braços bronzeados dados.

De repente Jenny sentiu falta de Brett como colega de quarto e sentiu mais falta ainda de ser amiga de Callie. Não que elas um dia tivessem chegado lá. Desde o início, Callie meramente a tolerou até que de repente ela se tornou útil, e foi só então que ela foi meio legal com Jenny. Mas Jenny não ligava – ela sabia que Callie não era tão fria quanto Tinsley e sentia que elas podiam acabar sendo boas amigas, se a história com Easy não estivesse entre as duas. Seria ingenuidade completa pensar que Callie um dia ia superar isso?

De volta a seu quarto, Jenny sentiu-se ainda mais solitária – e o quarto não estava vazio. Callie estava diante do espelho, aplicando a maquiagem. Um jeans Rock & Republic pendia frouxo nos quadris, como se ela não tivesse conseguido encontrar roupas pequenas que coubessem nela, e embora a calça estivesse meio larga na bunda inexistente, ela estava incrível. Na parte de cima, ela vestia uma camiseta branca básica com roseiras pequenininhas e cor-de-rosa Betsey Johnson, e o cabelo curto novo estava puxado para trás em duas marias-chiquinhas espigadas.

Callie olhou em volta, a maquiagem aberta na mão. Seus olhos estavam com delineador verde-oliva e os lábios estavam cobertos de gloss claro. Ela parecia a epítome da garota da Califórnia – magra, natural e alegre. Nunca esteve mais bonita.

Callie sorriu nervosa para Jenny.

- Não é, tipo assim, loucura minha usar jeans, é? – Ela mexeu no zíper, certificando-se de eu estava fechado. – Sei que todo mundo está usando, tipo assim, vestidos de noite e se produzindo muito... como você – acrescentou ela. – Mas experimentei estes daquela garota, a Ashleigh, sabe? Do final do corredor? E ficou tão bom. – Ela parou para tomar fôlego.

Caraca, pensou Jenny. *Acho que depois de ficar em silêncio por tanto tempo, Callie finalmente tinha o que dizer.* Ela certamente não ia deixar passar a oportunidade.

- Acho que você está demais – disse Jenny com entusiasmo, porque era o que pensava mesmo. – Parece a Cameron Diaz.

- Bom, fico feliz por não ter o problema de acne que ela tem – respondeu Callie de viés, pegando uma pulseira de ouro no alto da cômoda. Ela olhou para Jenny por sobre o

ombro nu.

- Ela tem problema de acne? – perguntou Jenny com curiosidade.

- Não sabia disso? – Callie pareceu surpresa, como se todo mundo soubesse das histórias de acne de Cameron. Mas depois suavizou um pouco. – É, deve ser um porre total. Quando ela fica nervosa, a cara toda, tipo assim, entra em erupção. – Callie abriu o potinho de brilho labial. – É por isso que ela não vai nas estréias.

- Ah. – Jenny ficou grata pela pele impecável que era de família. Não poder ir a estréias seria terrível, em especial se você fosse famosa.

- Está tudo bem com você? – Callie olhou por sobre o ombro. – Você parece meio... avoada.

Callie Vernon estava perguntando a ela como estava se sentindo? Há duas horas atrás a garota nem falava com ela, e agora estava dividindo fofocas de celebridades e demonstrando preocupação porque Jenny estava quieta? Mas quem sabe esse era o jeito de Callie superar as coisas – um dia ela acordava e mudava? Ou quem sabe ela conheceu um cara novo?

- Bom... – Jenny hesitou, interrompendo-se.

- É o Easy? – perguntou Callie delicadamente, ajoelhando-se junto à pilha de caixas de sapatos novos, procurando pelo par certo. Ela mordeu o lábio. – Quer dizer, olha só.

Desculpe por eu ter sido meio... cretina. – Ela olhou para cima e Jenny ficou surpresa ao ver que ela estava mesmo corando. – É só que foi, sabe como é, meio estranho.

- Ei. – Jenny sentiu uma coisa pesada na garganta. – Não precisa dizer nada. Eu entendo totalmente. – Ela estava vendo que Callie ficava pouco à vontade se desculpando e, mesmo que as últimas semanas tivessem sido *mais* do que desagradáveis, Jenny ainda estava com Easy. Ela podia ser generosa. – De verdade.

Callie olhou para Jenny e fez uma expressão incompreensível, depois sorriu.

- Ta legal. – Ela pegou uma sandália Calvin Klein dourada de tira no tornozelo na caixa de cima. – Elegante demais?

Jenny tombou a cabeça.

- Não, acho que combina perfeitamente com a calça jeans.

Callie desabou na cama e começou a calçar os sapatos.

- Pode falar comigo, sabe como é, eu não mordo.

Sentindo um jorro de amor pela colega de quarto, Jenny teve o impulso de desabafar tudo com Callie.

- Bom... É só que ele disse que podia tentar vir hoje à noite. Mas não soube dele o dia todo.

Callie assentiu, solidária.

- Ele pode ser péssimo com essas coisas. Sempre me deixava na mão ou aparecia tipo uma hora atrasado. É totalmente frustrante.

- É só que é meio legal saber o que está rolando, entendeu?

- Sei. Mas quando ele estava crescendo, os pais dele eram super-rigorosos e o faziam contar sempre que ele ia a algum lugar, exatamente aonde ia e quando ia voltar. – Ela ergueu o pé direito e o balançou de um lado para o outro, examinando como ficava de ângulos diferentes. – Quando ele veio para cá, achei que simplesmente não conseguia mais lidar com isso e agora é meio impossível para ele chegar na hora e dizer a alguém onde está.

- Ah. – Essa resposta era um lembrete inevitável da enormidade da relação de Callie e Easy. Era como arrancar um dente – no começo parece pequenininho, mas depois você vê a que ponto as raízes chegam. Jenny e Easy só estavam começando a se conhecer, mas Callie fez parte da vida dele por muito mais tempo. – Acho que não tinha percebido tudo isso.

- Tenho certeza que ele virá – disse Callie, sem mencionar, de propósito, que Easy também tinha lhe mandado uma mensagem instantânea dizendo que viria esta noite. – Ele vai arrumar um jeito de entrar. – De jeito nenhum Easy ia perder uma coisa tão lendária quanto entrar escondido no alojamento das meninas quando havia uma detenção. Francamente.

Jenny abriu a *nécessaire* Sephora rosa e espalhou a maquiagem diante de si. Callie observava enquanto ela abria o realce Benefit Dandelion e passava um pouco no rosto, deixando sua pele ainda mais radiante do que de costume. Naquele vestido de chiffon sem alça marrom, com os cachos longos e rebeldes, ela parecia alguém que brincava descalça numa campina florida sem se preocupar em pisar em insetos. Em outras palavras, o tipo de garota despreocupada por quem Easy se apaixonaria.

- Acho que tem razão. Não consigo imaginar Heath deixando todas nós produzidas e bebendo cerveja sem ele.

Jenny fechou um dos olhos e passou a maquiagem nos cílios já longos, a boca aberta por reflexo. A mão estava bem em cima da lata de Altoids com os elásticos de cabelo, lata que – merda – estava cheia de novo. Então ela deve ter percebido que Callie atirou os elásticos pelo quarto todo?

Callie de repente começou a se sentir má, e não só por causa dos elásticos. Jenny parecia tão inocente e vulnerável que Callie começou a se arrepender de ir jantar com Easy e o pai dele na noite passada. Quem sabe não foi o movimento mais inteligente para todos os envolvidos? Sua língua parecia pesada e ela perguntou se devia contar a Jenny sobre isso enquanto elas ainda estavam sendo francas sobre todas as coisas de Easy.

Mas não podia. Ela dissera a Easy que não faria e, embora se sentisse má, Callie meio que gostava de ter um segredo especial com ele.

- Acho que vou subir no terraço e tomar um ar fresco. – O quarto parecia abafado e Callie precisava se afastar de Jenny, cuja doçura só a afazia se sentir cada vez mais culpada. – A gente, er, se vê lá embaixo.

Callie abriu a porta e o som de Red Hot Chili Peppers vagou pela escada. Pelo menos *alguém* estava se divertindo.

UMA WAVERLY OWL SABE QUE TODA PORTA TEM UMA CHAVE.

As 7h35 em ponto, cinco minutos antes da hora de fechar, todos os meninos se reuniam no vestiário do ginásio Lasell. E esperaram.

— Não sei se devo fazer isso — disse Lon Baruzza enquanto trancava a porta da frente do ginásio e apagava as últimas luzes do teto. — Mas sinto falta de todas aquelas gatas. — Ele tilintou as chaves e sorriu. — Ainda bem que me fazem trancar isso aqui toda merda de sábado à noite.

Brandon sorriu, sentindo-se muito mais ousado do que costumava se permitir. Ele estava nas quadras de squash esta tarde, praticando sua backhand, quando Lon Baruzza chegou com uma pilha de toalhas limpas para o vestiário masculino. Brandon o via trabalhando em toda parte — no salão de jantar, na biblioteca, no Maxwell — fazendo todo tipo de tarefas estranhas para seu programa de bolsa de estudos. Brandon sempre o admirou por isso — não havia muitos garotos assim na Waverly, incluindo ele mesmo, que sabiam o que era ter de trabalhar para conseguir uma educação de primeira linha. Mas, desta vez, Brandon o admirava por um motivo diferente: o enorme jogo de chaves que pendia do cinto daquele jeans escuro Abercrombie & Fitch.

— Não tenho nenhuma chave mestra nem nada assim tão legal — admitiu Lon quando Brandon perguntou a ele. — Mas tem um monte de chaves velhas por aqui que abrem um monte de portas estranhas. E sim, uma delas abre a porta de acesso do Lasell para os túneis. — Ele deu de ombros.

— Como é que você guardou um segredo desses? — Brandon enxugou uma gota de suor que escorria pela testa.

— Bom.—Lon sorriu, orgulhoso.—Não é bem um segredo... Algumas meninas também sabem disso. — Lon era notoriamente um mulherengo, embora não fosse um dos caras que falasse muito do assunto. Nem mandava aos colegas de alojamento listas por e-mail de todas as meninas com quem tinha ficado. Em outras palavras, ele não era Heath Ferro.

— Você sabe até onde eles vão?

— Ainda não explorei. Mas eles têm placas nas paredes... Ao que parece, vão dar em todos os prédios principais.

— Inclusive os alojamentos?

Lon assentiu.

— Inclusive os alojamentos.

Bingo.

Brandon comunicou ao grupo de exploradores por e-mail, embora não soubesse bem o que quis dizer com "venham preparados". Lanternas e roupas escuras, talvez. Mas então Walsh apareceu usando um capacete amarelo com uma lanterna gigantesca na frente.

— Espeleologia. — Easy deu de ombros e o colocou na cabeça. Ele parecia um minerador. Se as meninas estivessem aqui, todas se jogariam para cima dele para dizer que ele estava lindo. Como era criativo e artístico que ele estivesse usando uma porra de capacete de espeleologia. Brandon só achou que ele parecia um idiota.

Alan St. Girard pegou uma corda grossa na bolsa e passou pela cintura.

— Pra que essa porra? — perguntou Ryan Reynolds, coçando o piercing no nariz e parecendo meio constrangido com a lanterninha minúscula que tinha trazido.

— Para o caso de precisar puxar para fora.

— Caraca. — Heath Ferro ergueu a mão. — Ninguém precisa ouvir sobre puxar para fora. Eca.

— Não são cavernas, sabia? — Brandon vestia um suéter Armani preto com gola em V por cima da camiseta Bem Sherman cinza desbotada. Olhou para Julian, que tinha pendurado o que parecia um binóculo no pescoço. — Binóculo?

— Óculos de visão noturna — corrigiu Julian. Seu cabelo, normalmente voando para todo lado, espetava para fora do gorro de lã preta. Ele parecia mesmo um Kurt Cobain alto — talvez fosse uma coisa de Seattle.

— Deixa eu ver. — Heath Ferro estendeu a mão para os óculos, mas Julian, uns 15 centímetros mais alto, tirou-os do pescoço e ergueu.

— Não confio em você com brinquedos caros.

— Onde comprou estes? — perguntou Brandon, curioso. Esse Julian era um enigma.

— Minha mãe. — Ele os colocou nos olhos e fingiu focalizar em Brandon. — Ela era da CIA.

— É mesmo!? — Ryan Reynolds pulou de empolgação. Todo mundo sabia que seu programa preferido em Alias.

— Não. — Julian sorriu.

— Idiota — murmurou Ryan.

Brandon batia com impaciência o tênis de boliche preto Camper no piso de linóleo.

— Estão prontos? As meninas estão esperando.

Lon os conduziu ao porão do antigo prédio de ginástica, onde os tetos eram baixos e era guardado todo tipo de equipamento ultrapassado. Ele parou de repente na frente de uma porta que parecia inofensiva, bem ao lado da sala suja do treinador de futebol americano. Ele mexeu nas chaves habilidosamente antes de deslizar uma pela fechadura e girar de um lado a outro. Todos prenderam a respiração. Alguém cantarolou "Tan tan tan TAAAM!"

A porta se abriu facilmente.

— Lon, eu te amo. Vamos nessa! — Heath bateu palmas e pegou a lanterna no bolso. Apontou para as paredes, iluminando uma placa com vários nomes. Ele parou em Dumbarton. — Senhoras, lá vamos nós.

Easy acendeu a lanterna de espeleologia e Brandon odiou ter que admitir que era incrivelmente útil para iluminar o caminho. Ainda assim, o túnel era muito mais largo e mais navegável, e menos Edgar-Alan-Poesco do que Brandon esperava.

— Por aqui — apontou Julian, a outra mão segurando os óculos de visão noturna nos olhos. Mas onde é que se consegue uma coisa dessas? Brandon começou a pensar que talvez a mãe de Julian fosse mesmo da CIA.

— Que demais! — exclamou Alan quando eles chegaram à primeira virada que levava à biblioteca. — Por que alguém tem que aturar toda a porra da neve do inverno se pode ficar aquecido aqui embaixo?

— Talvez seja esse o problema. — A lanterna de Brandon passou por uma coisa escrita nas paredes — Madison Ollver chupa bem, Eu Fiz o Johnson, Taylor ama Mkhanel para sempre, O mundo é de Duran Duran. Imagina-se que os Waverly Owls nunca fossem terrivelmente criativos com as pichações. Brandon parou a lanterna em uma delas: Marymount tem pau pequeno. Ele cutucou Heath nas costelas. — Parece que vocês deviam ser amigos.

Heath fechou a carranca, ainda irritado com a música improvisada de vingança de Jenny sobre suas partes corporais no jogo do mês passado.

Ele pegou a corda da mão de Alan e a girou na frente como um laço.

— Não pode acreditar em tudo o que ouve, cabeça de piroca. Você provavelmente estará ocupado demais tentando baixar as calcinhas de Callie hoje à noite, mas eu serei a porra da belle do baile. De novo.

À menção do nome de Callie, Brandon não sentiu nada — uma coisa que, em si, era

monumental. Seu coração não bateu mais rápido, ele não começou a imaginá-la com o biquini Shoshanna branco com aquelas cerejinhas minúsculas, não começou a se perguntar que cara podia estar babando por ela neste momento. Era tremendamente incrível.

E apavorante. Porque era Tinsley que ele imaginava naquele biquini.

— Ah, tá, que seja. — Brandon tentou clarear os pensamentos, mas de repente eles estavam cheios de imagens de Tinsley. Ele andara pensando muito nela desde o jantar da noite passada, mas até agora conseguira se convencer de que só ficou chocada ao vê-la se comportando como um ser humano normal, apesar de um ser humano que paquera ridiculamente. Mas agora que eles estavam se aproximando do Dumbarton, ele percebeu que estava meio excitado por rever a Tinsley. Talvez ele estivesse errado sobre ela. Talvez ela não fosse má, só... hummmm... incompreendida?

— Bebezão! Ainda não esqueceu essa garota? — Heath vibrou, incapaz de deixar passar a história da Callie. Ele provavelmente nem queria que Brandon esquecesse, porque então teria de encontrar material novo.

— Larga do pé dele — disse Easy por sobre o ombro enquanto seguia na frente com Julian. — Não é culpa dele. A Callie é uma ótima garota. Ela causa uma impressão permanente em qualquer um.

Coletivamente, os meninos escancararam a boca. Ela causa uma impressão permanente em qualquer um? Tipo assim, Easy? Brandon não conseguiu deixar de se irritar com Easy, não só pelo pseudo-apoio que lhe deu — não, obrigado, cara — mas por ficar sentimental sobre Callie. Talvez fosse só o ciúme paranóico de Brandon voltando, mas parecia que Easy ainda gostava dela.

O que irritou tremendamente Brandon. Primeiro Easy magoou Callie — agora ia fazer o mesmo com a coitada da doce Jenny? Jenny, que era inacreditável — que era quase perfeita de todo jeito, a não ser pelo mau gosto para os homens. Deve-se admitir que a imagem dela quase explodindo as costuras daquele sutiã de biquini também fazia parte dos devaneios de Brandon.

— Peraí perai perai perai perai perai perai perai perai um minutinho, caubói — Heath passou para a frente de Easy e colocou a mão no peito dele. — Você não devia estar com a Srta. Peituda agora? Não é verdade que ela é que devia causar impressões em você? — Ele fez um gesto lascivo de apertar o peito no corpo de Easy.

— Cai fora, babaca. — Easy afastou a mão de Heath com um tapa. Os dois se encaramaram.

Mas felizmente, antes que pudesse haver machões se empurrando e gritando, veio um baque alto de cima.

— Galera — gritou Julian para trás. — É aqui. — De imediato todos se reuniram em volta dele, as lanternas focalizadas numa pequena maçaneta. Acima dela, numa escrita inconfundível, estava a palavra Dumbarton. Julian girou a maçaneta e empurrou.

Nada aconteceu.

Ele girou e empurrou novamente; desta vez Heath também jogou o corpo na porta. Ela se abriu de repente, fazendo com que os dois cambaleassem porta afora, chutando um balde e um esfregão.

Julian olhou o teto e todos fizeram silêncio enquanto ouviam o som de "Like a Prayer" vindo de algum lugar no alto.

— Santa mãe do céu. — Ele se levantou e se endireitou. — Chegamos.

Heath Ferro ergueu a bússola.

— Preciso me orientar — disse ele, farejando o ar. — A cerveja está... por aqui! — Ele apontou para a porta do armário de depósito — a única porta ali.

— Bom trabalho, Nancy Drew. — Brandon revirou os olhos. — Vamos.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

Para: BrettMesserschmidt@waverly.edu
De: YvonneStidder@waverly.edu
Data: Sábado, 5 de outubro, 20H00
Assunto: Agito

Foi um porre ficar engaiolada hoje o dia todo, e estou MUITO feliz por nós estarmos formando um vínculo dessa maneira, como deve ser, e é totalmente injusto que sejamos castigadas por isso. Uma Waverly Owl trabalha com afinco para estabelecer e preservar amizades com as colegas. Quer dizer, existem escolas que nunca permitem meninos porque elas valorizam demais a ligação feminina e aqui estamos nós, só tentando ficar com nossas garotas e fomos, tipo assim, presas por isso! Mas como eu disse, estou feliz por passarmos esse tempo juntas. Mal posso esperar pela noite!
Com amor a minhas irmãs,
Yvonne

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

BennyCunningham: Até que enfim os meninos chegaram! Cadê vc, garota?
CallieVernon: No terraço, fumando um cigarro natural... Estão todos aí?
BennyCunningham: Quer dizer, EZ?
CallieVernon: Não foi o que quis dizer. Mas ele está?
BennyCunnigham: Tá. E tá muiiiiiiito lindo.
CallieVernon: Ótimo.
BennyCunningham: Se não trouxer sua bunda pra cá em três minutos, vou arrastar vc pra baixo!

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

VerenaArneval: Chica, kd vc?
JennyHumphrey: Só mandando um email pro meu pai... vou descer logo.
VerenaArneval: Seu pai não espera que vc escreva quando tem uma festa esquentando.
JennyHumphrey: Sei que ele vai ficar feliz que eu passe a noite toda no meu quarto.
VerenaArneval: Não quando tem um certo caubói alto, moreno e lindo procurando por você...
JennyHumphrey: Convencida! Vou descerem dois minutos.
VerenaArneval: Rápido, ou eu mesma caio em cima dele!

UMA WAVERLY OWL SABE COMO LEVAR UMA CRÍTICA CONSTRUTIVA.

Numa atitude bem intencionada mas provavelmente não de todo convincente, as meninas do Dumbarton decidiram espalhar os livros didáticos e os cadernos pela sala de estar do primeiro andar para o caso de Angélica Pardee ou outra autoridade aparecer para olhar. De certa maneira, era mais excitante para os meninos ver o alojamento das meninas como se pudesse ser um dia de aula, e não todo produzido para festa. Fez com que parecesse mais íntimo. Easy podia imaginar Jenny deitada no sofá, fazendo o dever de álgebra, os tênis cor-de-rosa pendurados na beira.

Mas enxotando essa imagem de sua mente havia uma de Callie, sentada naquela cadeira perto da janela, encarando o exemplar da Vogue que ela enfiava em meio às páginas do livro de história.

Qual era o problema dele? Por que não conseguia situar direito seus sentimentos pelas duas meninas? Não era justo com ninguém ficar pensando desse jeito nas duas, mas ele não conseguia evitar. Era como escolher entre Mandy Moore e Lindsay Lohan — ele pensava que tinha tomado uma decisão. Era Mandy, sem dúvida — se ao menos ele parasse de pensar em Lindsay.

— Vocês demoraram pra caramba. — Alison Quentin estava parada na soleira da porta da sala, as mãos nos quadris, usando um top simples e branco com calça preta-justa e chapéu de palha vermelhos. Parecia uma Audrey Hepburn asiática.

Easy olhou o colega de quarto Alan, que tinha uma queda enorme por ela.

— Senti a nossa falta, meu amor? — Alan St. Girard pegou Alison pela cintura e a girou. Ela riu, mas não se afastou, e os dois dançaram escada abaixo.

— A cerveja está por aqui — gritou ela por sobre o ombro.

Easy localizou uma caixa de pizza aberta na mesa de centro e pegou uma fatia. Algumas meninas que ele não reconheceu estavam jogando Twister num canto, e ele ficou meio impressionado. Na maioria das vezes, o Twister era só uma desculpa para tatear membros do sexo oposto. Que bom para elas.

Mastigando sua fatia de pizza fria de cogumelo e azeitona, ele foi até a escada. Embora os meninos fossem proibidos de entrar no alojamento feminino, a não ser nas áreas de uso comum, pelo breve período entre a prática de esportes e o jantar, Easy conhecia o caminho para o quarto 303 de olhos fechados.

Ele parou na porta, sem ter certeza de quem ia encontrar lá dentro. E sem ter certeza do que queria encontrar. Ele bateu gentilmente e empurrou a porta.

Tocava "Kind of Blue", de Miles Davis, e Jenny estava sentada à mesa, digitando no laptop. Ele a olhou por um momento e ouviu o som de chaves tilintando. Ela estava tão linda, os cachos castanhos escuros caindo pelas costas.

Ele tentou se esgueirar e surpreendê-la, mas o piso estalou sob seus All Star de cano alto e Jenny girou para ver.

— Você está aqui! — gritou ela, a carinha abrindo-se em um sorriso enorme. — Por que não disse nada? — Ela rapidamente saiu da cadeira e foi até ele, totalmente gata com o vestido sem alças marrom escuro que combinava com seus olhos e parecia uma coisa que se atirava por cima de um biquini. E ela estava descalça. Hummm...

Sem dizer nada, Easy passou a mão pelo pescoço dela e se inclinou para beijá-la. Seu coração martelava tanto que ele pensou que talvez ela fosse ouvir, e de repente ele percebeu que era mesmo Jenny que ele queria ver. E beijar. Os ombros pequenos e redondos de Jenny eram praticamente comestíveis.

— Caraca — sussurrou Jenny delicadamente depois que eles se afastaram. — O que fiz para merecer isso?

Easy se jogou na cama e a fitou nos grandes olhos castanhos que o lembravam dos brownies com cobertura que a mãe dele sempre fazia para seu aniversário ou sempre que ele estava doente. Jenny dava a impressão de que esteve correndo descalça pela praia, talvez atirando um Frisbee para Easy, um Labrador preto gigantesco correndo com eles nas ondas. Talvez parte do problema fosse que ele sempre tinha essas fantasias — se ele pudesse se prender ao momento, talvez conseguisse entender o que queria.

— Só por ser você. — Easy dobrou o travesseiro dela pela metade e o colocou sob a cabeça, desfrutando o cheiro de laranja da coisa que ela e Brett punham no cabelo.

— Você está de bom humor. — Jenny quicou na cama ao lado dele.

— É, bom... Deu uma adrenalina danada entrar escondido aqui. — Para não falar em ver você, pensou Easy.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você não, tipo assim, caiu de pára-quedas nem nada disso, né? Foi?

— Não. — Easy afagou o braço nu de Jenny, os pelinhos louros quase invisíveis. — Tem uns túneis. Debaixo do campus.

— Tipo... de esgoto? — perguntou Jenny, afastando-se dele como se ele fedesse. O que certamente não era verdade.

— Não, bobalhona. — Easy pegou o braço dela e começou a plantar beijos em seu pulso, seguindo para o cotovelo. — Construíram túneis nos velhos tempos, quando os alunos eram frescos demais para sair na neve. — Jenny tinha braços lindos — eram pequenos, porque ela era pequena, mas não eram esqueléticos nem desnutridos como os de Callie.

— É mesmo? Tipo os túneis do metrô. — Jenny estremeceu um pouco — ou do toque de Easy, ou por sentir frio. — Você viu algum rato? — Ou de pensar em ratos.

— Nada de ratos. — Só alguns babacas, pensou ele, lembrando-se de que quase deu um murro em Heath. Easy normalmente era um completo pacifista, mas Heath, com todas as insinuações sobre Callie, tinha sido mais desagradável do que de costume.

Ou talvez fosse porque... Não, não pode ser.

Jenny olhou para Easy com um sorriso tímido, os dentes brancos de pérola aparecendo um pouco por trás dos lábios de rubi.

— É bom que você esteja aqui... Passei tipo cinco horas terminando aquele problema irritante de álgebra. Se eu tiver de fatorar mais um trinômio, vou acabar matando alguém.

Hummm, dever de casa. Tudo bem. Easy fechou os olhos.

— E, bom, eu passei o dia todo evitando a merda irritante do trabalho de história que o Wilde me passou ontem. — Na sexta de manhã, o Sr. Wilde lhe mandou um e-mail comunicando sua nota nada estrelar na prova de quinta-feira.

Na verdade, ele tinha tomado bomba, como previsto. Mas como o Sr. Wilde era um daqueles professores do tipo que defende os alunos, ele propôs a Easy fazer um trabalho por escrito para compensar no fim de semana. Ele devia escrever uma entrevista fictícia de cinco páginas entre um repórter de jornal e o general George Washington sobre por que ele daria um excelente presidente para o novo país. Era legal da parte de Wilde dar a ele uma segunda chance e tudo, mas ele tinha de fazer um trabalho tão brega? Isso era ainda pior do que os trabalhos chatos que já fazia.

Ele passou a mão nos olhos e pensou em todas as horas que tinha perdido jogando Xbox com Alan — tipo assim, quatro. E ontem ele ficou acordado até tarde, trabalhando numa série de caricaturas que esperava incluir num grande projeto de seu curso de retrato, o que só aconteceria no final do semestre. Havia um bilhão de outras coisas que ele

poderia — deveria — ter feito.

— Para quando é? — perguntou Jenny toda solidária, tocando um dos cachos perto da orelha esquerda de Easy.

— Segunda.

— Por que ele te deu tão pouco tempo? — Os olhos de Jenny se arregalaram. — Ele não sabe que você tem dever de outras matérias?

— Bom... — começou Easy. — É meio que uma compensação... Eu meio que me ferrei na prova de quinta-feira.

— Ah, não. — Jenny pareceu mais aborrecida do que se ela tivesse se ferrado na prova, o que era meio doce. — Que saco.

— Deixa pra lá. Vou rabiscar uma porcaria qualquer amanhã à noite. Não quero pensar nisso.

Jenny mordeu o lábio, parecendo preocupada.

— Você não devia ter vindo aqui hoje, sabe disso. A gente podia se ver outra hora.

Easy ficou meio magoado.

— Não queria que eu viesse?

— Não! — Jenny colocou a mãozinha no peito de Easy.

Ele quase podia sentir o calor através do logo Chicago Cubs que se soltava do tecido.

Ele se perguntou se ela gostava de jogos de beisebol — se ela dividiria um cachorro-quente com ele e não se estressaria com as calorias do sanduíche. — Não foi o que eu quis dizer. Eu só... sabe como é. — Ela deu de ombros. — Você ainda está sob condicional desde o começo do ano e tudo isso. Não quero que se meta em mais encrenca.

Easy tentou sorrir, mas sentiu os pelinhos da nuca se arrepiarem. Embora Jenny não estivesse dizendo nada que não fosse verdade ou em que ele já não tivesse pensado, era meio... irritante. Como se o pai dele tivesse arregimentado a namorada para continuar sua boa obra, como se ele tivesse pedido a Jenny para ficar de olho nele. O que, embora fosse bem-intencionado, deixava-o sufocado.

Ela não queria que ele se metesse em mais encrenca. O que era legal. Mas será que ela jamais corria riscos? E se um dia Easy quisesse, digamos, fazer skydiving? Era uma coisa que ele sempre sonhou em fazer — voar pelo ar! Será que Jenny tentaria dissuadi-lo ou prenderia o pára-quedas e pularia do avião segurando a mão dele? Ele não conseguiu deixar de se perguntar se Callie toparia isso. Ela era uma patricinha e tudo, e provavelmente se preocuparia com o cabelo a 15 mil pés de altitude, mas Callie tinha um temperamento meio doido (e um tanto autodestrutivo).

— Eu agradeço por isso... — Mas... como dizer de forma gentil? — Sabe, no jantar com meu pai — e Callie, ele teve o cuidado de NÃO acrescentar —, ele adorou falar de todas as coisas que eu faço de errado. Então, eu meio que não quero mais pensar nisso. Jenny mordeu o lábio.

— Ele dá uma dura em você mesmo, né?

Easy se sentiu derreter.

— Bom, não é que ele bata em mim nem nada disso. — Sua boca se torceu num sorriso.

— Então, podia ser pior. Mas vamos falar de alguma coisa interessante.

— Tudo bem. — Jenny sorriu e Easy percebeu que nem sabia se ela um dia usou aparelho. Ou se teve algum bicho de estimação. Ou amigos imaginários. Ele queria que houvesse uma maneira de parar as coisas — de fazer tudo no mundo parar de se mexer, exceto os dois, que ficariam deitados juntos. E conversando, ou não. Tanto fazia. Eles só precisavam se conhecer um pouco melhor. — E aí, como foi que vocês entraram nos túneis? Se as pessoas não os usam mais, eles não estão, tipo assim, bloqueados?

— Não sei se tenho permissão para revelar nossos segredos. — Ele coçou o queixo

como se estivesse num conflito profundo sobre contar mais alguma coisa a ela. — Mas talvez eu possa ser subornado.

— Subornado? — Jenny franziu o nariz, fazendo as sardas dançarem. — Receio não ter dinheiro nenhum.

— Isso não é problema. — Easy se sentou e se apoiou no cotovelo, olhando para ela. — Existem outras maneiras. — Como sempre, ele estava pensando demais. Talvez ele fosse esquizofrênico ou coisa assim. Ele tentava ignorar a sensação de inquietação no estômago e só curtir o momento. Ele estava aqui, com Jenny, cujo cabelo caía no rosto enquanto ela se inclinava para tocar os lábios nos dele. Ele não estava mais com vontade de conversar.

Ela se afastou meio rápido demais depois do beijo, quase como se soubesse que havia alguma coisa errada.

— Por que eu não desço e pego uma bebida pra gente? — Ela se levantou, ajeitando a bainha do vestido e calçando chinelos vermelhos.

— Hummm, tá.—Easy se deitou de novo no travesseiro e deu um sorriso amarelo. — Parece bom.

— Tudo bem. — Ela olhou para ele inquisitiva e por um momento ele queria puxá-la e contar a ela sobre o jantar da noite anterior, fazer com que ela soubesse de cada pensamento doido que passava por sua cabeça, saber que ela o deixava à vontade. Mas ele nem sabia se conseguiria verbalizá-los. Nem tinha certeza dos próprios sentimentos; como poderia falar sobre isso com ela? E então ele se limitou a sorrir, e Jenny sorriu e saiu do quarto, e ele fechou os olhos e se perguntou se o travesseiro de Callie ainda tinha o cheiro de que ele se lembrava.

UMA WAVERLY OWL SABE QUE O TEMPO NÃO CURA TODAS AS FERIDAS.

Jenny começou a descer a ampla escada de mármore até o quarto de Kara no primeiro andar, os chinelos vermelhos J. Crew batendo alto na sola dos pés. Estava se sentindo meio tonta do que acabara de acontecer com Easy—não que ela tivesse alguma ideia do que tinha acontecido. Mas pela primeira vez desde que o conhecera, alguma coisa parecia estar estranha. No começo estava normal, mas então, de repente, era como se de algum modo eles não estivessem falando a mesma língua ou como se tudo o que ela tentasse dizer acabasse saindo errado. Isso a deixou nervosa.

Ela ficou aliviada por sair do quarto. Talvez só precisasse de uma cerveja. Jenny não gostava exatamente de cerveja — e alguém gosta? — mas um copo sempre a ajudava a se sentir menos estranha. E neste exato momento, ela positivamente ansiava por um. No primeiro andar, a música tocava num volume razoável, que não atrairia a atenção de nenhum professor ou outra pessoa de autoridade que por acaso passasse por ali. Não era como a notória festa no terraço. Ao que parece, uma Waverly Owl responsável aprende com seus erros. Mais ou menos. Ela passou pela porta fechada de Brett e ouviu alguém tocando uma música suave. Pelo menos alguém estava se aninhando numa boa!

Assim que Jenny se aproximou da porta de Kara, uma menina passou pelo corredor e Jenny tinha certeza de que nunca a vira antes. O cabelo louro escuro e curto estava puxado num rabo-de-cavalo, revelando as raízes pretas — um visual mais apropriado para as calçadas em volta da Union Square do que à Waverly Academy. Ela também parecia mais velha, vestida numa saia longa e escura e um casaco de couro justo — Epa! Seria uma professora nova? Uma espécie de estudante de mestrado que Marymount contratara para se infiltrar no alojamento? Jenny ouviu uma onda de atividade e um surto de portas batendo —claramente as outras também tinham visto a estranha. Kara veio correndo pelo canto, os olhos faiscando.

— Rápido, aqui. — Ela empurrou Jenny para seu quarto e bateu a porta.

— Quem era? — perguntou Kara, parecendo gostar da excitação. Ela trocara a roupa para uma blusa de seda branca romântica, com cintura império e uma gola quadrada com debrum de renda que conseguira empurrar os peitos para cima e deixá-la parecida com uma heroína de Shakespeare. As mangas onduladas eram compridas e transparentes e Kara combinou a blusa com uma calça preta apertada e moderna que envolvia suas coxas e se abria na panturrilha. Os Doe Martens gastos espiavam por baixo da batinha. Ela ainda estava bonita, mas de um jeito muito mais confortável do que no vestido laranja apertado. Esta roupa tinha mais a ver com ela.

— Não faço ideia. — Jenny se encostou na estante de Kara, que tinha pilhas de livros na vertical e na horizontal, a única parte desarrumada do quarto imaculado. — Ela parece nova demais para ser professora.

— Mas por que alguém andaria no alojamento das meninas? — Kara se perguntou enquanto se abaixava e enchia dois copos de plástico com a cerveja do barril debaixo da cama. — Talvez ela seja de um alojamento diferente.

Jenny sorriu e passou os olhos nos livros. Era bom ver tantos — a maioria das meninas usava as estantes como prateleira de sapatos. Lembrou a ela das horas que passava na livraria Strand, no Greenwich Village, tombando a cabeça para ler os títulos nas milhares de prateleiras de livros até que o pescoço doía. Ela reconheceu as lombadas de alguns de seus preferidos —Adeus, Columbus, de Philip Roth, Matadouro 5, de Kurt Vonnegut, Orgulho e preconceito, antes de perceber duas prateleiras inteiras de

lombadas finas e coloridas com letras pequenas. Ela puxou um pouco um dos livros e viu que era um exemplar em bom estado de uma história em quadrinhos dos X-Men, de 1968.

— Ai, meu Deus... São todos quadrinhos?

— É, eu tenho meio que uma obsessão... — Kara ficou rubra. — Sei que é coisa de nerd total... Eu sou como o cara tarado em quadrinhos dos Simpsons.

— Não! — Jenny protestou, pegando um exemplar de Ghost World, sua graphic novel preferida de todos os tempos. Ela adorava a arte ininterrupta se combinando com perfeição com as palavras. — Nem acredito que tem essa aqui!

Houve um arrastar no armário antes de a porta de repente se abrir e Heath Ferro, com um cachecol de chiffon preto enrolado na testa como uma bandana, saiu, segurando uma caneca vazia da Waverly e cheirando a cerveja. O cabelo louro desgrenhado precisava desesperadamente de um pente e ele parecia meio tonto, como se tivesse acabado de acordar.

— Vocês duas estavam falando de quadrinhos?

— Esse é o meu cachecol? — Kara pulou na direção dele, mas Heath se afastou rapidamente. Ele se agachou na frente da estante e pegou uns vinte gibis.

— Mas que merda. Você tem os X-Mens originais? — Ele fitou as meninas, os olhos verdes acesos como se ele tivesse acabado de descobrir o veio principal de uma mina.

— Não acredito que gosta de quadrinhos!

— Porque sou mulher? — Kara colocou a mão no quadril e empinou o peito numa atitude de desafio. Jenny deu um passo para trás. Kara podia ser meio apavorante quando estava irritada.

— Porque é uma mulher bonita! — Heath se levantou e estendeu a mão direita com maneiras estranhamente educadas.

Jenny se lembrou de que, quando conheceu Heath, ele foi incapaz de desviar os olhos de seus peitos. E aqui estava ele, tentando ser um cavalheiro? Isso não tinha precedentes.

— Nós não fomos devidamente apresentados.

Kara olhou a mão dele como se ele tivesse dito que tinha gripe aviária.

— Embora esteja usando meu cachecol na sua cabeça e estivesse escondido no meu armário. Que engraçado.

Heath não se dissuadiu. Na realidade, parecia que a atitude de Kara o deixou ainda mais excitado. Ele colocou o braço direito no alto da estante como se este fosse seu plano o tempo todo.

— Meu nome é Heath.

O olhar de Kara podia cortar vidro.

— Sei quem você é.

Heath continuou desatento enquanto fingia se espreguiçar e coçar a barriga, para que pudesse levantar a camiseta e mostrar o abdômen definido.

— Olha, todas as garotas novas sempre conseguem me achar. Sou mesmo um dos poucos caras que vale a pena conhecer na Waverly, quer dizer, se você gosta de homens de verdade.

Kara ficou em silêncio e Jenny podia sentir que alguma coisa estava errada, embora não fizesse idéia do que poderia ser. Havia alguma coisa estranha acontecendo entre Kara e Heath — a tensão entre eles era elétrica e parecia que Kara queria matá-lo. Ou isso, ou beijar o cara. Embora Heath pudesse ser meio nojento, ele não foi verdadeiramente ofensivo. E ele era definitivamente lindo. Mas Kara meio que parecia um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Você ainda não deve ter visto muita coisa do campus. Pelo menos, não os túneis. — Ele ergueu as sobrancelhas de um jeito provocador para Kara, já tendo se esquecido de

que Jenny estava no quarto. — Podemos fazer espeleologia.

— Você é inacreditável. — Kara sacudiu a cabeça, os lábios cheios tremendo um pouco. Jenny avançou um passo, perguntando-se se devia dizer a Heath para sair dali antes que Kara perdesse a cabeça. Era claro que ela estava tendo uma reação alérgica a ele. — Você não me reconheceu, não é mesmo? Heath ficou completamente desconcertado.

— Se eu a reconheci? — Ele fechou o gibi dos X-Men que ainda segurava, colocou-o na estante e bateu nos bolsos de seu jeans 7 For All Mankind, como se a essa altura o maço de Gameis o pudesse ajudar. — Nós já não... er... ficamos, não é? — Jenny podia ver que todos os "momentos íntimos" dele com as meninas foram igualmente inexpressivos.

— Não nesta encarnação — rebateu Kara. Seu rosto estava vermelho e ela claramente era uma daquelas pessoas que ficavam mais bonitas com raiva. Ela respirou fundo e endireitou melhor os ombros. — Eu estava em seu seminário de inglês com a Srta. Dubinsky no ano passado. Sentada do seu lado? — A cara de Heath continuou inexpressiva. — Kara Whalen? Mas você tinha um apelido para mim...

— Quer dizer... — Heath cambaleou para trás e Jenny viu que ele ficou genuinamente chocado, não estava só dando um dos showzinhos dele. — Você é a Whale? A Baleia? — Ele inchou as bochechas como um esquilo.

O queixo de Jenny caiu. O que aconteceu em seguida foi meio bonito e Jenny viu tudo como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Kara, os olhos enormes faiscando de fúria e talvez com certa satisfação, pegou a caneca marrom e branca da Waverly pela metade de cerveja e, sem pensar duas vezes, atirou na linda cara de Heath. Foi parecido com o que as mulheres fazem nos filmes ou nos livros, mas não na vida real. E se não houvesse um Heath Ferro em choque e ensopado na frente dela, a camisa pólo Lacoste azul-real com o crocodilo rasgado pingando cerveja no chão de madeira perfeitamente limpo, ela não teria acreditado.

Uma risadinha escapou dos lábios de Jenny — ela não conseguiu reprimir.

— Uma vez babaca, sempre babaca. — Kara resplandecia para Heath. — Tive de sair da escola por causa de gente como você. Você conseguiu que todo mundo me chamasse assim. Achou que era tão esperto, tão popular e tão charmoso que não importava em nada tornar a minha vida um inferno!

— Isso não lhe dá o direito de atirar a porra da cerveja em mim! — Heath afastou a camiseta do peito e fez um barulho de sucção. — Quer dizer... — Ele parecia irritado, mas seus olhos percorreram o corpo de Kara de alto a baixo, como se ele estivesse tentando entender como podia ser a mesma pessoa que ele atormentara. — Desculpe se fui cruel com você, está bem? Eu nem me lembrava disso.

— Bom, eu me lembro. — Kara deu de ombros um pouco e de repente não parecia mais ter raiva. Parecia cansada e talvez meio constrangida. Olhou para Jenny, nervosa.

— Tem toalhas de papel no banheiro, Heath. — Jenny colocou as mãos nos quadris e assentiu para o corredor, como quem diz, Vê se dá o fora daqui. A idéia de Heath, ou qualquer um, sendo tão imbecil com uma pessoa tão legal como Kara lhe dava arrepios. Ela não entendia o que algumas pessoas conseguiam sendo cruéis — era por isso que Tinsley era um mistério para ela.

— Vocês, meninas, são todas umas malucas, tá sabendo? — Heath tentou forçar uma risada enquanto abria a porta e ia para o corredor. — Se quisesse que eu tirasse a camiseta, era só pedir. — Ele começou a tirá-la, mas Kara rapidamente bateu a porta com o pé.

Houve um momento de silêncio.

— Acha que sou maluca? — perguntou Kara em voz baixa enquanto tirava a toalha de

banho do gancho atrás da porta e a jogava na poça de cerveja.

— Tá brincando? — Jenny pegou um lenço de papel na caixa da mesa de Kara e passou nos respingos de cerveja na parede. — Desde que vim para cá, tive vontade de fazer isso com Heath. Estou com inveja. Mas, para ser franca, acho que isso deixou o cara meio excitado.

— Que nojo. — O rosto de Kara se franziu de nojo, mas depois ela sorriu. — Você é bem legal, sabia? — Ela suspirou. — Eu queria que estivesse por aqui... Antes. Jenny não ia pressioná-la.

— Bom, agora estou. — Será que Kara realmente teve que sair da escola porque todo mundo foi tão desagradável com ela? De repente a experiência de Jenny de sair da Constance Billard — depois de uma série de equívocos visíveis — parecia muito menos dramática. E, além disso, ela meio que queria que tudo aquilo acontecesse.

— Graças a Deus. — Kara passou o polegar pelos livros na estante. — Fiquei meio escondida esse ano. Jamais quis que acontecesse uma cena como essa. Mas agora estou meio feliz por ter acontecido.

— Nunca vi o Heath ficar tão sem graça, então você definitivamente marcou uns pontos. — Jenny olhou os próprios sapatos, lembrando-se de repente de Easy, esperando por ela em seu quarto. Mas ela não queria voltar correndo — era divertido ficar com Kara.

— Mas ele provavelmente vai andar por aí sem camisa pelo resto da noite.

— Acho que tudo tem um preço. — Jenny tomou um longo gole de cerveja. — É verdade que todo mundo era cruel com você?

— Nem todos. — Os olhos de Kara ficaram tristes. — Algumas pessoas eram legais. Mas a maioria só me ignorava. Deus nos livre de Waverly Owls que vistam mais que o tamanho P.

— Eu teria sido legal com você — disse Jenny, perguntando-se se isso era mesmo verdade. Ela certamente não teria sido cruel — mas pensou em seu primeiro dia na Waverly, quando a nerd Yvonne Stidder mostrou o campus e tentou fazer com que ela entrasse para a banda de jazz. A menina era bem legal, mas Jenny estava louca para se afastar e conhecer a galera cool. E desde que fez amizade com Brett, Easy, Brandon e todos os outros, ela não deu muita atenção a Yvonne: Eu sou uma cretina, pensou ela. Sou igual a eles.

UMA WAVERLY OWL NÃO TEM MEDO DE ESQUELETOS — VIVOS OU NÃO — NO ARMÁRIO.

— E aí, como é dividir um quarto com a garota que roubou seu namorado? — perguntou Benny-Cunningham enquanto abria a porta do quarto 303 do Dumbarton. Ela foi direto para a cômoda de Jenny e xeretou as coisas que estavam em cima. Abriu uma caixa de porcelana no formato de borboleta e pegou sem nenhum interesse um brinco de pingente de prata, depois tirou a tampa do frasco de Euphoria de Calvin Klein de Jenny e borrifou o ar. Callie revirou os olhos e fechou a porta depois de entrar. Benny podia ser meio abelhuda—ela adorava detalhes sobre os problemas dos outros, que ela ouvia compassivamente antes de dar um conselho inútil que ninguém pediu. Callie passou um tempo se divertindo sozinha no terraço, lamentando por si mesma e fumando cigarros naturais do maço que mantinha na gaveta do pijama só para ocasiões especiais. Ela adorava o modo como formigavam seus lábios e a deixavam tonta, mas sua asma a impedia de fumá-los com muita frequência. Mas então Benny apareceu para se juntar a ela, com um cigarro "especial" que Alan St. Girard enrolou para ela (cortesia da plantação de "erva" dos pais dele em Vermont). Agora sua mente estava toda solta e flutuante e ela podia sentir suas emoções crescendo e ameaçando vazar por sua boca. — Não é tão ruim assim. — Callie se deitou na cama e fechou os olhos, querendo que todos no mundo desaparecessem. Que ela pudesse estar totalmente só, esparramada numa praia tropical, o sol batendo em sua pele nua, com o som das ondas se quebrando em seus ouvidos em vez das insinuações de Benny Cunningham.

— Ah, não? — perguntou Benny cheia de inocência, olhando sua imagem no espelho. Vestia uma camiseta térmica floral Fresh com um colibri multicolor no peito e uma minissaia curta de brim branco, que pegou emprestada no armário de alguma menina mais velha no segundo andar. Seu cabelo castanho perfeitamente repartido estava puxado em duas tranças baixas no estilo Heidi, e Callie sabia que ela queria ter o visual da vizinha. — Parece mesmo isso.

— Me dá um tempo, porra. — Callie se apoiou nos cotovelos, gostando de como a cintura de seus jeans justos não tocava a barriga. — As pessoas não são roubadas. Este é só um mito conveniente para que as pessoas não tenham de se culpar pelos problemas em suas relações.

Benny se virou para olhar a bunda no espelho e sorriu para o próprio reflexo.

— Sem essa... Todo mundo viu que ela se atirou toda pra cima dele.

— Isso não é verdade.

— Claro que é. Ela estava a fim dele desde o primeiro dia.

— Eu pedi aos dois para paquerarem... Assim eu não me meteria em problemas. — Essa devia ser uma das coisas mais idiotas que ela fez na vida. Pior, só ter ficado com Heath Ferro.

Duas vezes.

— E daí? Você pediu para paquerar, e não para se apaixonar. — Benny pegou o frasco de batom DuWop e, sem perguntar, passou nos lábios cor de ameixa.

Callie sacudiu a cabeça e percebeu que ela era sincera em cada palavra que dizia.

— Você não entende. Ninguém pode ficar entre duas pessoas se o relacionamento delas é sólido. — Ela esfregou as mãos nos olhos. — As coisas não estavam bem entre mim e Easy. É só isso.

Benny não ficou impressionada.

— Isso é tremendamente maduro de sua parte.

Ela suspirou. Tinha levado muito tempo para chegar a esse ponto. Por muito tempo ela ficou furiosa com Jenny. Era fácil culpar os peitos empinados de Jenny ou sua personalidade doce, mas agora parecia uma tolice. Se Easy ainda estivesse apaixonado por Callie, ninguém poderia separá-los. E essa era a coisa mais difícil de aceitar.

— Que seja. É difícil. — Ela sentiu a garganta se encher de lágrimas. — Sinto falta dele.

— Ai, meu bem. — Benny girou. — Precisa de um abraço?

Callie se afastou dela e foi para a janela semi-aberta.

— Numa outra hora. — Benny estava realmente começando a lhe dar nos nervos. Ela precisava de umas amigas novas. — Por que não desce? Vou para lá daqui a pouco.

— Precisa fazer mais exame da alma?

— Vai se foder! — Callie quase riu. Benny às vezes tinha dificuldade para levar as coisas a sério, em especial depois de fumar. — Tenho de trocar meus sapatos.

— Vou guardar uma cerveja pra você — disse animada Benny, depois fechou a porta.

Callie franziu o cenho — este era um daqueles dias. Falar de Easy — pensar em Easy — não facilitava em nada as coisas. Ela queria esquecê-lo, queria muito. Mas depois do jantar na sexta-feira, depois do modo como Easy a olhara, ela não conseguia parar de pensar que talvez sua segunda chance estivesse próxima, quem sabe? E depois a mensagem instantânea dele — fez com que ela sentisse que não estava imaginando nada, que talvez Easy não tivesse exatamente decidido.

Ela não tinha certeza se queria vê-lo ou não. Era tudo muito esquisito.

Mas ela sabia que seus pés a estavam matando e ninguém podia ser feliz com calos. Ela se levantou, cambaleou até o armário e abriu a porta.

— Aiiieeeeê! — gritou ela, pulando para trás quando uma luz foi lançada nela. Que diabos era isso?

No chão do closet, agachado em cima de seu amontoado de sapatos e roupas que tinham escorregado dos cabides e de sua bolsa de roupa suja, havia uma pessoa — uma pessoa com um capacete de plástico amarelo com uma lanterna ofuscante. Easy Walsh.

— Easy! — ela ofegou. — Mas que porra você está fazendo aqui? — Sua mente disparou de volta a todas as coisas que ela dissera a Benny. Agora era tarde para ficar constrangida. Ainda assim, ela sentiu o rosto corar.

As orelhas dele se projetavam um pouco por baixo do capacete.

— To escondido — sussurrou ele. Todo agachado no chão daquele jeito, com o capacete ridículo empoleirado na cabeça, ele parecia um garotinho. Como um menino de 5 anos que encontrou o melhor lugar num pique-esconde e esperava pacientemente que alguém o descobrisse.

Não era a praia isolada que ela queria, mas de repente não havia lugar em que quisesse estar além do fundo de seu armário bagunçado, com Easy Walsh.

Ela tirou as sandálias de salto douradas e entrou, descalça, no armário, os joelhos tremendo um pouco. Ela fechou a porta às costas, rindo. Easy empurrou umas roupas, fazendo o máximo para abrir espaço no chão. Callie se acomodou ao lado dele.

— Você é um pateta — disse Callie enquanto Easy sacudia as mãos e sua lanterna projetava a sombra de um pássaro na porta fechada do armário. Ela riu, um riso cheio e fundo da boca do estômago. Tudo isso levou cinco segundos com Easy, e ela estava mais feliz do que nunca.

Easy farejou o ar.

— Aqui tem cheiro de naftalina.

Callie levou a mão aos olhos.

— Dá para apagar essa luz? Está me cegando.

Easy mexeu no capacete por um minuto antes de eles de repente imergirem na

escuridão. Ficou mais silencioso, como se de algum modo o escuro encobrisse também qualquer outro barulho. Callie nem conseguia mais ouvir os sons da festa no primeiro andar — só o som da própria respiração. E a de Easy.

— Oi — disse ele.

— Oi — sussurrou ela. Depois ela riu, e ele riu também.

Era tudo tão absurdo. Callie sentiu a bainha de um vestido pinicar a testa, fazendo-a rir ainda mais. Ela queria parar o tempo e ficar aqui no armário com Easy para sempre, só os dois, sem ninguém mais para atrapalhar. Era perfeito do jeito que estava.

E depois eles estavam se beijando e ficou ainda mais perfeito.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

BennyCunningham: Pra onde a festa foi?

RyanReynolds: Acho que entrou uma professora. Lon e eu estamos debaixo da cama de alguma doida, esperando ser resgatados.

BennyCunningham: Mas que aconchegante... Dá pra tirar uma foto?

RyanReynolds: Talvez mais tarde, se quiser ficar com a gente.

BennyCunningham: Uma Waverly Owl responsável jamais abandona seus companheiros.

RyanReynolds: Aleluia.

AS WAVERLY OWLS LEVAM A HIGIENE EXTREMAMENTE A SÉRIO.

Quando espalharam que uma possível professora tinha se infiltrado, Tinsley havia acabado de se aproximar de Brandon e Julian para agradecer novamente pela noite adorável que tiveram. Era um presente do caramba sair para um jantar elegante quando o resto das pobres manés do alojamento estavam presas na sala de estar, vendo reprises de *Friends*. Ela sentia que tinha conseguido muitas coisas ao mesmo tempo: Marymount ficou grato a ela por guardar silêncio sobre toda a situação constrangedora da detenção, então agora ele estava ainda mais no bolso de Tinsley; ela teve uma oportunidade maravilhosa de dar mole pra Julian—era meio divertido paquerar o velho e enfadonho Brandon, que parecia se emocionar com isso também; e ela comeu o mais delicioso creme brulée de todo o estado de Nova York. Nada mal para uns planos de última hora. Os dois meninos estavam no corredor do primeiro andar, encostados de cada lado da porta do banheiro, cada um deles segurando uma caneca da Waverly, parecendo Corujas muito conscienciosas. Eles ficavam uma gracinha juntos — o compacto e retesado (e tenso) Brandon, com seu cabelo de corte perfeito com gel, vestindo um suéter Armani sobre uma camisa, e o nodoso Julian, com uma espécie de gorro de esqui, o cabelo louro descorado espetando por baixo como palha. Ele vestia uma camiseta Question Authority por cima de um suéter vermelho e calça social marrom escura, claramente de uma loja de descontos. Eles eram meio como o Estranho Casal — ou Starsky e Hutch, na versão Ben Stiller-Owen Wilson.

Ela andou até eles pelo corredor, os saltos batendo no piso de mármore encerado. Os dois meninos a olharam. Desde que conseguia se lembrar, Brandon parecia desprezá-la. Agora ele estava com o mesmo olhar vidrado que ela costumava conseguir dos meninos que estavam a fim dela. Embora fosse lisonjeiro, ela sabia que ele não fazia seu gênero. Brandon era meio tenso demais e provavelmente teria um infarto induzido por estresse aos 26 anos.

Já o Julian... Tinsley sem dúvida parecia estar fazendo progressos na tarefa de conseguir que ele se apaixonasse por ela. E ela também estava curtindo. Talvez um pouco demais. O telefone de Tinsley vibrou justamente quando ela acenava para os rapazes. Ela o abriu e viu um texto de Heath que dizia, ALERTA DE PROFESSORA. Merda.

— Alguém está vindo... É melhor se esconderem. — Tinsley andou o resto do corredor e empurrou a porta do banheiro, e os dois meninos dispararam atrás dela para dentro.

— Cara, obrigado por se preocupar conosco, Carmichael. — Brandon claramente não estava pronto para deixar toda a amargura de lado. Ela gostava de vê-lo em conflito. As coisas ficavam interessantes assim. Chamá-la pelo sobrenome era uma tentativa patente de tentar se convencer de que ele a via como um dos meninos: rá. Até parece.

Tinsley lhe soprou um beijo.

— Pensei que gostaria de ver um desses lugares por dentro. — Os banheiros do Dumbarton eram surpreendentemente grandes e foram reformados alguns anos antes. Eram um pouco mais modernos do que o restante do prédio, com três reservados de toalete feitos de carvalho escuro de bom gosto, uma parede longa com espelho, três pias e três boxes de banho num canto.

— É tão bonito aqui dentro — observou Julian, os olhos percorrendo a prateleira de cubículos no alto da pia, onde as meninas guardavam os artigos de banho. Ela não ia dizer que em geral as coisas não eram tão limpas assim — mas como não tinham nada melhor para fazer hoje, as meninas fizeram questão de arrumar seus cubículos, limpar as crostas de pasta de dente, remover os absorventes de vista e arrumar os produtos faciais

em filas organizadas. — Mas caraca. Tem um monte de merda pro rosto aqui. — De um cubículo, ele pegou um frasco de Benefit Fantasy Mint Wash e outro de tonificador facial de água de oliva UOccitane. — Pra que serve isso?

— Um limpa e o outro tonifica. — Brandon tocou o frasco de UOccitane. — É coisa boa.

Tinsley riu. Às vezes, Brandon sem dúvida não se ajudava em nada. Ela sabia que ele era sensível e tudo isso, mas ainda assim era meio esquisito que Brandon soubesse mais sobre cuidados com a pele do que ela.

— Isso é meu. Coloque de volta, por favor!

Julian tirou o frasco do alcance dela.

— De jeito nenhum. Quero experimentar essa poção mágica. — Ele abriu a tampa do tonificador e colocou um pouco na palma da mão, depois aplicou no rosto e espalhou como uma loção pós-barba. — Estou diferente? Estou bonito agora?

— Não — respondeu Brandon ao mesmo tempo em que Tinsley dizia, "Sim".

Brandon revirou os olhos.

— Não tem exatamente a pele delicada da Tinsley, sabia?

Minha pele delicada? Foi a vez de Tinsley revirar os olhos.

Brandon tentando dar em cima dela parecia Brandon puxando o saco dela, e isso era de desanimar. Ele teria mais sorte se fosse sarcástico.

— O que é isso? — Julian espiou o canto, onde se enfiavam os três boxes. Os boxes eram cobertos de ladrilhos azul-cerúleo no estilo Mediterrâneo, lindos, doados pela família de Sage Francis, que possuía uma cerâmica no oeste de Massachusetts.

Não tinham uma mancha sequer, já que a equipe de limpeza vinha nos sábados pela manhã, aparentemente sem se deixar afetar pela detenção. Ele puxou a cortina de nylon branco e soltou um assovio baixo.

— Merda. A última reforma nos nossos chuveiros foi tipo em 1945. Isso aqui parece um spa — comentou Brandon, com inveja.

Julian entrou no primeiro boxe.

— Então é aqui que tudo acontece? — Ele tinha um sorriso bobo na cara, como se estivesse recebendo o espírito de todas as meninas nuas que tomavam banho exatamente ali todo dia.

Tinsley entrou com ele.

— É este que eu sempre uso.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Ah, é? Como?

Tinsley deu de ombros e colocou o dedão do pé na saboneteira embutida na parede.

— É mais fácil para depilar as pernas.

— Mas que droga. — Julian sacudiu a cabeça. — Tem razão. Isso facilita tudo. Queria ter um desses no nosso chuveiro.

Tinsley riu. Ela olhou a cabeça dele, que quase batia no chuveiro. Ele era tão alto.

— Por que está usando um gorro? — perguntou ela.

Ele fingiu passar sabonete no corpo.

— Na verdade é um tratamento de óleo quente para meus folículos... Só que parece um gorro.

Alguma coisa em Julian fazia Tinsley se sentir toda bobalhona. Enquanto ele tombava a cabeça para trás, fingindo enxaguar o cabelo, Tinsley estendeu o braço e abriu a água.

Mas ele deve ter sentido o que ela estava fazendo, porque, justo quando a mão de Tinsley chegava na torneira, ele passou os braços em sua cintura e a girou de frente para ele, abaixando-se e usando-a como escudo. Ela levou um jato de água fria na cara.

Ela gritou e se debateu, mas os braços de Julian estavam firmes em torno dela. A água

estava congelando! Por fim ela conseguiu estender a mão e fechar a água.

— Seu babaca! — Ela girou para olhá-lo de frente, o cabelo e o corpo completamente ensopados.

A porta do banheiro bateu. Brandon deve ter saído.

— Mas não é que a água sempre demora para esquentar? — Os lábios de Julian se retorceram um pouco enquanto ele se esforçava para não sorrir. — Talvez você deva chamar um encanador. — Ele recuou e se encostou na parede de ladrilhos com um olhar de admiração.

Tinsley avançou para ele, o cabelo que ela cacheara e dera volume com o maior cuidado agora caindo em mechas molhadas na cara e seu vestido, o vestido de Kara, antes lindo e sexy, agora parecia um Kleenex cor-de-rosa encharcado colado na pele. De algum modo Julian conseguira ficar quase totalmente seco.

Mas não por muito tempo.

— Acha que é engraçado? — perguntou Tinsley, trincando os molares para não rir. — Acha que é inteligente? — E então ela mergulhou nele, atirando os braços molhados em sua cintura e apertando o rosto em seu peito, esfregando de um lado para outro para secar a cabeça. Era excitante ficar tão perto dele — era meio como lutar com um menino quando se é criança, e você fica toda excitada mas não sabe bem por quê.

O que, infelizmente, lembrou a ela que Julian ainda era meio uma criança. Ele era calouro, então tinha o quê? Quatorze anos? Talvez 15. Tinsley tremeu e desta vez não teve nada a ver com a água fria. Meu Deus. Um calouro. Isso significava que ele estava fazendo História Antiga e Medieval com o Sr. DeWitt, a única aula que fazia Tinsley realmente considerar meter uma caneta no olho só para ter motivo para sair. Os calouros de times esportivos masculinos eram obrigados a fazer coisas bobas, como usar calcinha cor-de-rosa ou cinta-liga por baixo dos uniformes; eles tinham de fazer reuniões semanais com os orientadores para discutir "estratégias acadêmicas para o sucesso", como cunhou Marymount; no refeitório, os mais velhos praticamente tinham permissão para furar a fila — ou pelo menos era assim que agiam.

UMA WAVERLY OWL NÃO JULGA ALGUÉM PELOS SAPATOS.

Se a visão de Tinsley e Julian se bajulando não fosse suficiente para dar em Brandon vontade de vomitar, o som dos dois fazendo uma briga na água, ou concurso de camiseta molhada, ou seja lá o que estivessem aprontando, definitivamente era. Brandon disparou para fora do banheiro, furioso consigo mesmo por ser, mais uma vez, um péssimo julgador de caráter. O que havia na Tinsley que fazia todo mundo sempre ficar tão disposto a aceitar seus defeitos? Só porque ela era linda? Havia muitas meninas na Waverly que eram até mais bonitas do que a Tinsley—tudo bem, talvez não muitas. Mas algumas. Ou, pelo menos, a Callie. Mas só a Tinsley tinha seguidores tão dedicados. As calouras aspiravam ser Tinsley; até os professores, e não só os do tipo ultra-sebosos como Eric Dalton, pareciam ficar pasmos por ela. Por quê? Por causa de seus olhos violeta que pareciam ter uma espécie de visão de raios X na mente das pessoas? Talvez ela fosse uma mutante. O colega de quarto obcecado em quadrinhos certamente parecia pensar que Tinsley tinha uma espécie de superpoder sexual.

— Caramba! — gritou Brandon, quase tropeçando nos próprios pés ao parar numa derrapada. Diante dele estava uma jovem bonita de jaqueta de couro preto e saia de lã cinza apertada que roçava o alto de seus tamancos Born de couro caramelo. Os óculos pretos de gatinho estavam empoleirados de um jeito sexy no meio da ponte do nariz, e ela olhou através deles para Brandon com um ar de interrogação. Merda. — Eu só estava, hummm, só...

— Usando o banheiro? — A cara da garota se torceu num sorriso de diversão. Vendo mais de perto, estava claro que esta era uma adolescente e não uma professora, como ele suspeitou no início. Seu rosto era claramente jovem demais e tinha um brinco de prata no alto da orelha direita. Suas feições eram fortes: o tipo de nariz comprido e maçãs do rosto dramáticas que as câmeras adoram, e Brandon se viu perguntando se ela um dia esteve num anúncio de óculos Gucci, porque ela parecia meio familiar. — Não é crime, sabe disso.

— Então... — Brandon tentou recuperar a compostura, — Imagino que não seja professora?

— Agora está entendendo, Einstein. — Ela atirou a cabeça um pouco para trás e Brandon viu que a raiz de seu cabelolouro era castanho-escuro. Ela parecia do tipo que fazia parte de uma banda só de mulheres. Gostosa. Os tamancos Born não faziam o gênero dele (meio natureba demais), mas nela ficavam meio punk rock hippie. Ou talvez ele estivesse sendo influenciado pelos olhos castanhos escuros que tinham parado nele. Esta definitivamente não era uma Waverly Owl. Ele deu um pigarro.

— Então por que está aqui?

A garota franziu os lábios. Havia uma pintinha uns 3 centímetros abaixo do canto exterior do olho esquerdo. Por algum motivo, Brandon não conseguiu tirar os olhos dela. Era como um ímã ou coisa parecida.

— Procurando alguém — respondeu ela com um dar de ombros. — Você não viu, er, Jeremiah Mortimer... viu? — Um rubor lento subiu por seu rosto.

Que interessante. Jeremiah não era desta escola e suas fãs o procuravam aqui? Espere só até a Brett descobrir. Diziam por aí que Jeremiah matava todas as festas do St. Lucius para escapular para o Dumbarton e ficar com ela, e Brett provavelmente não queria dividi-lo com mais ninguém.

Definitivamente não alguém tão gata.

— Eu soube que ele está por aqui, mas, hummm... Eu não vi. — O que era a verdade. Normalmente Brandon teria ficado chateado por ela perguntar por outro cara, mas ele ainda tinha certeza absoluta de que ela estava dando mole para ele.

Ele se encostou na parede pêssego e olhou uma mancha de água no reboco do teto que descascava. Uma risada escapou do banheiro, mas Brandon a ignorou. — Você é da St. Lucius?

A menina assentiu e olhou o corredor vazio. Bateu as unhas compridas e sem esmalte no batente de madeira escura da porta do banheiro.

— Todas as festas de vocês são assim, hummm, turbulentas e loucas?

— Não, às vezes são bem maçantes. — Brandon sorriu de lábios fechados e passou a língua nos dentes, para o caso de ela não estar realmente dando mole, e sim estar hipnotizada por um pedaço de espinafre nos dentes dele. Quando teve certeza de que estava seguro, ele sorriu. — A propósito, meu nome é Brandon.

Os olhos escuros da garota retribuíram o olhar convidativo de Brandon.

— Elizabeth.

— O nome da minha cachorra é Elizabeth! — Brandon soltou antes de perceber que talvez não fosse a coisa mais delicada a dizer. Mas simplesmente saiu, e ele sentia falta da Labrador da família — ela era a única coisa que tornava remotamente suportável a volta para Westport no Natal e nas férias. Ele certamente não ia dizer isso mas, agora que pensava no assunto, os olhos castanhos e fluidos de Elizabeth meio que o lembravam mesmo da cadela Elizabeth. No bom sentido, é claro.

Meu Deus, ele era um imbecil.

— Tá brincando? — Elizabeth realmente riu: um som melodioso e doce que lembrou Brandon como as primeiras notas pareciam ganhar vida nas cordas de seu violino. Deixa de poesia, Brandon. Concentre-se. Não faça mais nenhuma observação idiota enquanto tenta azarar. — Não é, tipo assim, uma poodle, uma bichon nem nada disso, é? Eu não queria nenhum desses cachorrinhos frescos esculhambando a reputação do meu nome.

— É uma mestiça de pastor com Labrador, e ela parece durona quando está dilacerando o Times de domingo. — Brandon olhou pasmo enquanto Elizabeth colocava uma mecha do cabelo louro atrás da orelha e empurrava os óculos para o lugar, tudo num movimento suave. Havia algo de tão sensual nas meninas que usavam óculos com confiança. — Não é nada fresca. Na verdade, uma vez eu a vi dar um pega no Rhodesian Ridgeback de nosso vizinho.

Elizabeth fingiu pensar, coçando a nuca com a mão direita. A manga do casaco escorregou e revelou uma daquelas pulseiras de algodão trançado de marinheiro à beira da desintegração, do tipo que se encontra em quase todas as lojas de souvenir em Cape Cod.

— Acho que está tudo bem. — Ela passou o peso do corpo para o outro pé e brincou com o zíper do casaco. — E o que me diz de começar essa festa?

Brandon olhou o zíper por um segundo, pensando, talvez ela estivesse falando de... tirar as roupas? Que tipo de maluca era essa!? Ele quase perdeu o fôlego.

Mas então ela o viu encarando e cutucou a barriga dele com o indicador.

— Não quis dizer isso, seu pervertido. — Seus olhos faiscaram. — Quer dizer, vamos acordar todo mundo.

De imediato, ela foi à porta do quarto mais próximo, piscou para Brandon e bateu com força.

Depois de um minuto, uma loura de aparência tímida abriu a porta e espiou.

— Sabia que tem uma festa rolando aqui? — perguntou Elizabeth, a voz ríspida e cheia de autoridade. Brandon olhou o perfil dela de longe.

— Er... Er, não! — gaguejou a garota, embora estivesse claro que ela estava com roupa

de festa — uma minissaia vermelha de pregas (seria a Diane von Furstenberg de Callie?) e top preto que dizia LIBERTE WINONA em strass (definitivamente não era de Callie). — Não sei de festa nenhuma.

Elizabeth colocou as duas mãos nos quadris magros.

— Bom, por que não?—Ela deu uma gargalhada e Brandon não pôde deixar de acompanhá-la. Elizabeth tinha tanta energia. A menina com camiseta de Winona encarou os dois antes de levar a mão ao coração.

— Ai, meu Deus, você quase me fez ter um ataque cardíaco. — Ela rapidamente entrou no quarto e reapareceu balançando a caneca vazia da Waverly. — Fiquei sem cerveja há dez minutos e estava morrendo aqui dentro.

Completamente relaxado, como nunca se sentiu antes, Brandon seguiu pelo corredor, batendo em todas as portas, assustando a galera que estava dentro antes de arrastá-los para a festa de novo. Ele e Elizabeth correram para o segundo andar. Enquanto os tênis Adidas dele batiam na escada de mármore e ele olhava a garota maravilhosamente moderna subindo a escada com os tamancos barulhentos ao lado, ele se perguntou onde diabos ela esteve durante toda a sua vida.

UMA WAVERLY OWL SABE QUE ONDE HÁ INCENSO, HÁ FOGO.

Depois de Tinsley sair do quarto, Brett e Jeremiah não levaram muito tempo para recuperar o tempo perdido. Ela o desejara o dia todo, como os cookies M&M de manteiga de amendoim que o serviço de refeições fez na segunda passada, e era meio legal ter Jeremiah todo para ela em vez de dividi-lo com as massas adoradoras da St. Lucius. E ela não conseguia deixar de pensar que foi totalmente doce que ele tivesse entrado escondido ali e ficasse com ela em vez de beber nas incontáveis festas de vitória que iam acontecer em todo o campus. Praticamente em homenagem a ele, uma vez que foi ele quem venceu o jogo.

Mas ele estava aqui. Na cama de Brett. Usando a cueca samba-canção Gap com os buldogues e mais nada. Iron & Wine, a música ambiente preferida de Brett, tocava, e ela acendeu algumas varetas de incenso de sândalo.

— Aqui dói? — perguntou ela, colocando a mão no ombro dele. Os dois estavam deitados cara a cara sob o edredom grosso de Brett, a cabeça dela encostada no braço esquerdo de Jeremiah. Brett sentia-se meio tímida com o sutiã sem alça Lê Mystère e calcinha de cós baixo. Mas não era que Jeremiah já não tivesse visto seu corpo e, além disso, era realmente como se estivesse de biquini. Mas agora as coisas eram diferentes — agora ela pensava estar pronta para mais.

Jeremiah tentou não fazer uma careta.

— Tudo dói, gata.

— Aqui?—Ela passou devagar a mão pelo peito dele, por cima da pintura AFOGUE O GANSO.

— Na verdade, melhora um pouco. — Jeremiah deu um pigarro e seus olhos tinham aquela expressão sonhadora que adquiriam quando ele estava completamente excitado, o que Brett adorava. Fazia com que ela se sentisse a garota mais atraente do planeta e muito poderosa. Ela esperava que isso não significasse que ela estava destinada a um dia virar dominatrix.

Mas quando Jeremiah se inclinou e a beijou, todos os pensamentos de Brett desapareceram. Ela jamais se sentiu tão à vontade na vida, tão relaxada. Tão pronta.

— Quantas vezes você foi agarrado hoje?

Jeremiah passou os dedos grandes e desajeitados pelos brincos de ouro no alto do lóbulo da orelha esquerda de Brett. Ele gemeu.

— Umas cinquenta.

Ousada, ela pegou o cós da samba-canção de Jeremiah e puxou-o para mais perto.

— Cinquenta e uma — murmurou ela em seu ouvido. — Trancou a porta, não é?

— Acho que sim—disse ele, beijando o pescoço de Brett.

A mão dele deslizou pelas costas dela. Ele estava praticamente ofegando.

— Tem... hummmm, uma coisa que queria te contar. — Brett estava achando incrivelmente difícil pensar em qualquer coisa que não fosse os lábios deliciosos de Jeremiah em sua pele. Parecia que ela estava bêbada, mas não tinha tomado nem um gole de cerveja.

— Tudo bem. — Jeremiah continuou mordiscando o ombro de Brett. Ela teve que empurrá-lo para conseguir pensar de forma coerente.

E isto era importante.

— Sabe quando eu te falei, há um tempão, que eu... er... tinha dormido com um suíço? E que foi minha primeira vez?

— Como eu poderia esquecer? — Jeremiah pousou a cabeça no travesseiro dela e olhou

em seus olhos. Ele brincou com o pingente de estrela-do-mar de ouro no pescoço de Brett. Parecia tão pequenininho, comparado com as mãos imensas dele.

— Bom, não foi exatamente verdade. — Ela engoliu em seco.

— Ah. — Jeremiah parou de brincar com o pingente deixando-o cair nas costas nuas de Brett. — Bom... hummm... Tudo bem, se, sabe como é, você esteve com mais alguém. Não importa realmente o que fez antes de mim. Por mim, está tudo bem. — Ele beijou com ternura a ponta do nariz de Brett.

— Não é... Não foi isso que eu quis dizer. — Ela podia ouvir gente andando pelos corredores. O que estava rolando lá? — Não aconteceu nada com aquele cara. Nem com nenhum outro.

— Quer dizer...

— Quando você me falou que era virgem, eu devia ter contado a verdade. Que eu também sou. — Ela franziu o nariz. — Desculpe se não fui sincera sobre isso. Jeremiah ficou em silêncio por uns segundos e de início Brett pensou que talvez ele estivesse chateado. Mas depois ele tocou o queixo dela e sorriu, os dentes tortos de baixo ainda mais lindos.

— Eu não ligo. Só o que importa somos nós dois, não é?

— É! — Brett soltou um suspiro imenso de alívio, surpresa ao ver como estava nervosa. É claro que Jeremiah compreendia. Ele sempre era compreensivo. Um jorro de emoções percorreu Brett, quase levando lágrimas aos olhos, mas ela as reprimiu. Ela na verdade... o amava, não era? Tudo estava muito bem. Tão perfeito.

— Você está muito linda, sabia? — sussurrou ele, e passou a mão pelo braço de Brett, provocando arrepios até seus pés. Ela sentia como segundos antes de fazer um lançamento no hóquei, quando a adrenalina corria pelas veias, aguçando todos os sentidos e deixando-a superconsciente da grama nas travas do tênis, do céu azul, das colegas de time gritando na linha lateral. Seu coração estava praticamente na boca.

— Eu acho... — Ela pegou a mão dele e a colocou no coração. Uma coisa boba, mas ela queria que ele sentisse como estava martelando. — Acho que agora estou pronta. Tipo assim, pronta de verdade.

Neste exato momento, houve uma batida alta e forte na porta.

— Abra! — gritou uma voz de mulher. O coração de Brett quase saltou do peito. Ela e Jeremiah se separaram num salto.

— Debaixo da cama! — sibilou ela. — Ou não... No armário!

Jeremiah disparou para o armário, prendendo o dedão do pé no tapete solto de Brett e caindo com ruído na cadeira da mesa de Tinsley, tombando-a no chão de madeira.

— Porra! — gritou ele, o forte sotaque de Boston tangendo pelo quarto e provavelmente para o corredor.

A porta se abriu e Brett teve vontade de morrer. Este era o fim, não era? Ela ia ser expulsa. Mas então alguém disse, "Jeremiah?" Uma garota que Brett nunca viu na vida estava parada na soleira da porta com cara de surpresa.

Peraí... Ela estava surpresa? Mas e Brett, quase nua sob as cobertas e prestes a ter o momento mais importante de sua vida, só para ser interrompida por essa loura de óculos Uber-modernos que parecia conhecer o namorado dela? O que estava rolando aqui?

— Elizabeth! Er... O que está fazendo aqui? — Jeremiah pegou a cadeira e esfregou o joelho esquerdo.

Elizabeth?

Por um momento, a garota olhou para Brett como se a avaliasse. Brett, as cobertas puxadas até o pescoço, encarou-a numa atitude de desafio. Este era o quarto dela, mas que droga, e ela não ia deixar que uma tiete de futebol americano da St. Lucius perseguisse Jeremiah e depois a examinasse como se ela fosse um espécime numa placa

de Petri. A garota virou-se para Jeremiah de novo, claramente confusa — ou aborrecida? — ao vê-lo seminu.

— Brandon e eu... estávamos só... hummm... recomeçando a festa.

Pela primeira vez, Brett percebeu que Brandon Buchanan estava parado ao lado da garota, com o rosto vermelho. Pelo menos ele teve a cortesia de ficar constrangido por perturbar algumas pessoas que claramente desfrutavam de sua privacidade.

— Oi, Brett. — Brandon ajeitou a gola da camisa pólo.

Brett o fuzilou com os olhos.

— Bom, hummm... Brett e eu já estávamos de saída — murmurou Jeremiah.

Tá legal, indo para a festa sem roupa nenhuma?

Ele olhou para Brett e deu de ombros como quem se desculpa, e ela teve vontade de arrancar os cabelos pela injustiça de tudo aquilo. — Esta é a... er.... (Não se atreva a esquecer meu nome, xingou Brett). — Brett. Brett... esta é... minha amiga Elizabeth. As duas meninas se olharam, inquietas. Talvez fosse só porque Jeremiah também estivesse tão evidentemente confuso, mas tudo parecia tão totalmente suspeito, e olha que Brett nem era do tipo louca de ciúme, como Callie. Brett deu um sorriso amarelo para a garota, que sorriu amarelo para ela. Por que ela estava aqui, se ela era da St. Lucius? Ela não tinha festas para ir? E quem diabos era esta amiga que ficava tão pouco à vontade depois de ver Jeremiah na cama com a namorada? Ou que invadia o quarto de Brett daquele jeito?

E por que o cabelo dela tinha duas cores, feito uma gambá? Brandon foi o primeiro a falar.

— A gente devia sair daqui. Deixar vocês... er.. se arrumarem. — Ele pôs a mão no braço de Elizabeth, quase protetor. Como ele a conhecia tão bem?

— Ah. É — murmurou Elizabeth numa voz avoadada. — Encontramos vocês lá fora.

— Tá. A gente se vê. — Jeremiah pegou a camisa no chão enquanto os dois desapareciam pelo corredor.

Brett não sabia o que pensar. Ou o que sentir. Ela atirou o edredom para fora, sentindo um calor repentino. O lindo vestido que tinha pegado emprestado com Rifat estava caído numa poça verde no chão, e ela não estava com humor para vesti-lo novamente.

— Essa foi esquisita — disse ela a Jeremiah, procurando a reação dele em seu rosto.

Ele terminou de abotoar a camisa e parou ao lado dela.

— Eu lamento termos sido interrompidos. — Ele tocou seu cabelo. — Mas vamos ter outras oportunidades. — Ele pegou o jeans no chão.

Outras oportunidades? Claro, o clima estava totalmente estragado, mas Jeremiah não devia estar morrendo de vontade de recriá-lo? Ainda era cedo — por que ele não queria, sabe como é, tentar de novo? Agora, Brett certamente não estava no clima, mas ainda assim... Teria sido bom se ele tentasse. Ela podia ouvir a música começando pelo corredor.

Amargurada, ela pegou uma calça jeans preta de pernas largas no armário e a vestiu.

Enquanto procurava por uma blusa no armário, ela olhou por sobre o ombro para Jeremiah, que a fitava.

— Que foi? — perguntou ela, um tanto ríspida. Ela arrancou do cabide uma blusa preta sem mangas e de gola rulê.

Jeremiah sacudiu a cabeça.

— Nada. Você está muito sexy, parada aí de sutiã. — O sotaque dele de Boston provocou um sorriso nos lábios de Brett pela primeira vez desde a interrupção.

Mas assim mesmo... Enquanto ela vestia a blusa pela cabeça, não conseguiu deixar de se perguntar o que ele estava deixando de dizer.

UM WAVERLY OWL É INTELIGENTE O SUFICIENTE PARA BEIJAR E NÃO CONTAR.

Enquanto Easy estava sentado no fundo do armário de Callie, curtindo o gosto familiar do beijo dela — a combinação de fumaça de cigarro e batom de baunilha e... seria maconha? Callie sempre odiava quando Easy fumava um bagulho, uma ocorrência bem comum, uma vez que ele dividia um quarto com Alan St. Girard, cujos pais hippies cultivavam aquela coisa. Ela dizia que ele tinha cheiro de show do Dave Matthews e se recusava a beijá-lo, mas Easy sabia que ela ficava mais irritada porque fumar o deixava ligado em si mesmo e não nela. Ela sempre perguntava o que ele estava pensando, como se não suportasse que houvesse um lugar a que ela não tivesse acesso. Isso o deixava meio louco.

Então o que é que ele estava fazendo aqui, com a língua em sua boca? Jenny, pensou ele. Ela devia estar voltando com a cerveja. E se ela entrasse agora? Seu estômago desabou, como se ele estivesse numa montanha-russa, descendo uma ladeira imensa e de repente percebesse que o cinto de segurança não estava afivelado.

Easy se afastou, a mente disparando. Alguma coisa de babados pinicou sua orelha.

No escuro, Callie sussurrou:

— O que você está pensando?

— Acho que a gente deve dar o fora daqui — murmurou Easy. Ele procurou no escuro a maçaneta da porta, finalmente encontrando-a e empurrando. A luz o inundou. Callie estava agachada ao lado dele, tão confusa quanto ele. — A gente devia... descer, de repente. As pessoas vão estranhar.

— É. Se não, vai ficar suspeito.—Ela se levantou primeiro, esticando o corpo magro e longo. A maria-chiquinha quicou quando ela se mexeu. — Por que não vai primeiro? Tenho que achar uns sapatos mesmo.

Easy respirou funda e longamente antes de se levantar.

— Tudo bem. A gente se vê depois. — E fechou a porta do quarto ao sair. Cada passo que dava na escada parecia dizer babaca, babaca, babaca. Será que ele realmente se agarrou com Callie? Os últimos meses de seu relacionamento, mesmo quando eles estavam separados, tinham sido de matar.

Ela sempre o aborrecia até que ele tinha vontade de explodir. Ele tentou conjurar exemplos específicos mas, por algum motivo, não conseguia. Só conseguia imaginá-la rindo no jantar com seu pai ou defendendo a arte dele.

Ou deslizando para o lado dele no armário escuro.

Qual era o problema dele? Será que ele realmente cometeu um erro ao terminar com ela, ou agora só estava vendo Callie por lentes cor-de-rosa? Ele estava destinado a ser um daqueles babacas que só queriam as garotas que não podiam ter?

Porra. E também tinha a Jenny. Ele precisava conversar com Jenny, mas não conseguia nem mesmo ver sentido no que estava sentindo, então como ia conseguir dizer alguma coisa sobre isso? Ele não queria magoá-la... E também não queria perdê-la.

Era tão errado assim, estar apaixonado por duas garotas ao mesmo tempo? Seria isso possível?

— Oi! —Jenny vinha de um dos quartos, uma caneca da Waverly em cada mão. Seu rosto se iluminou quando o viu.

— Desculpe por demorar tanto... Teve uma espécie de alarme falso e ficamos todas escondidas.

Escondidas. Tá legal. Como em armários escuros.

— Está tudo bem. — Ele pegou uma caneca na mão dela. — Obrigado. — Ele bebeu. — Hummm, cerveja quente. — Servia bem para ele — era só o que ele merecia no momento.

Jenny era tão confiante — se ele estivesse lá em cima, supostamente sozinho, por dez minutos, Callie ia querer saber o que ele andara fazendo. Mas não parecia passar pela cabeça de Jenny que ele estaria fazendo alguma coisa de suspeito, o que o fazia se sentir um imbecil total.

— Será que vocês podiam se desgrudar por, tipo assim, três segundos e virem jogar Eu Nunca? — perguntou Heath Ferro, parecendo mentalmente desequilibrado vestido numa camiseta de mulher que dizia LIBERTE WINONA em strass.

A blusa era dez vezes menor do que ele, o que ele provavelmente achava perfeito por lhe dar a oportunidade de mostrar a barriga de tanquinho de que sempre se gabava.

— Só se você vestir uma camisa primeiro, cara. — Easy sacudiu a cabeça. — Não sei por quanto tempo posso olhar isso.

— O que aconteceu com a que você estava vestindo, Heath? — perguntou Jenny inocentemente.

Heath deu um sorriso malicioso.

— Quer dizer que esta não teve nenhum efeito em você?

Jenny olhou de um para o outro, com uma expressão de quem não entendia nada. Easy queria derrubar Heath no chão, mas decidiu ser superior.

— Tudo bem. A gente já vai.

— Queria poder fazer um jogo diferente — disse Jenny, indo para a sala de estar. Easy se viu passando o braço por seus ombros. Simplesmente o braço pareceu ir para lá. — O que aconteceu com o jogo de mímica? — brincou ela.

— Nerd — disse Easy suavemente, beijando o alto da cabeça de Jenny. Ele só queria que tudo ficasse bem de novo — com Jenny e com Callie. Como devia fazer isso quando queria beijar as duas?

O jogo de Twister no canto tinha evoluído um pouco, com Ryan Reynolds e Alan St. Girard envolvidos, embolando-se com as meninas que ainda jogavam. Benny Cunningham estava num dos sofás ao lado de Lon Baruzza, que enrolava um de seus rabos-de-cavalo no pulso enquanto ela ria e pegava o joelho dele.

— Que bom que vocês puderam vir. — O sorriso de Tinsley enroscou-se em sua inevitável malícia. Tinsley estava de camiseta branca e minissaia marrom com suspensórios — ninguém usava suspensórios, nunca, e assim é claro que nela l ficava insuportavelmente cool. Ou não. Ela parecia um pouco a patinadora de Boogie nights— Prazer sem limites — o suficiente para deixar os meninos loucos. Ela se sentou no braço de um sofá de couro e os sapatos balançaram na mesa de centro, parecendo mais alegre do que na festa do Ritz-Bradley. Que ótimo. Talvez isso significasse que ela ia ficar de roupa, embora, pelo modo como Julian praticamente estava pendurado nela, parecia que ele esperava por um strip-tease improvisado.

— Todo mundo tem a caneca cheia?—perguntou Brandon Buchanan. Ele estava sentado numa poltrona gorda com uma menina incrivelmente bonita de cabelo preto e louro com um casaco de couro aberto e uma camiseta azul que dizia LIBERTEM O TIBETE, um contraste estranho com a camiseta da Winona. O cabelo de Brandon estava todo zoneado e de certa forma não parecia intencional. A menina continuava olhando nervosa na direção de Jeremiah e Brett. Brett sentou-se no chão com um olhar irritado enquanto Jeremiah sentou-se atrás dela no sofá e brincou com seu cabelo. Uma menina quietinha da turma de matemática de Easy — Tara? Kara? — estava sentada no sofá, entre Jeremiah e uma loura baixinha com cara de passarinho e uma minissaia preta que parecia uma coisa que Tinsley usaria. Não era aquela esquisita que tocava sax? De

onde vieram todas essas meninas? A garota da turma de matemática acenou para Jenny.

— Essa é a Kara — sussurrou Jenny no ouvido de Easy. — Ela é bem legal.

Callie apareceu, aparentemente do nada, com um ar meio confuso. De propósito, ela não olhou na direção de Easy e Jenny enquanto deslizava no sofá ao lado de Benny.

— Onde você esteve? — perguntou Tinsley, encarando Callie. Callie limitou-se a dar de ombros.

— Desta vez, com as regras normais — falou Jenny, olhando para Heath, que gostava de inventar regras, como ter que se agarrar com ele, não importa o quê. — Se você fez, tem que beber.

— Vou começar—exclamou Heath Ferro, tomando um último gole de boa sorte em sua caneca. — Eu nunca... fiquei com ninguém no estábulo.

Babaca, pensou Easy. Heath claramente tentava constranger Easy, Callie e Jenny. Por que ele tinha de ser tão irritante? Felizmente, Easy não era o único que achava o estábulo romântico — além dele, Callie e Jenny, Lon Baruzza e a loura magricela também tomaram goles de sua cerveja. Nem Jenny nem Callie olharam para Easy.

— Que surpresa você não ter estado lá, Pónei — Benny Cunningham sacaneou Heath.

— Você já esteve em toda parte.

— Acho que eu não consigo tirar a roupa no cheiro de bosta de cavalo — grunhiu Heath.

— Minha vez — disse Jenny. Todos os olhos se voltaram para ela, e Easy não conseguiu deixar de pensar que ela ficava totalmente linda com o cabelo puxado para trás daquele jeito.

— Eu nunca levei cerveja de ninguém na cara. Esta noite.

Todos ficaram meio confusos até que Heath levantou a caneca e tomou um gole gigantesco, e todos explodiram de rir. Easy teria gostado de ter visto isso.

— Então isso pelo menos explica a roupa. — Tinsley riu. — Quem fez isso?

— Não pode fazer perguntas neste jogo, Carmichael. Prenda-se às regras. — Heath olhou a própria cerveja.

— Sou a próxima — falou ansiosamente a cara de passarinho depois que o riso diminuiu. — Hummm... eu nunca fiz sexo.

Mas que merda. Que jeito de ignorar as sutilezas do jogo e largar a bomba no meio de todo mundo. Esta era uma daquelas questões que as pessoas sempre meio que sugeriam, sem querer realmente fazer. A sala pareceu cair em silêncio enquanto todos se encaravam, desafiando alguém a fazer o primeiro movimento.

— Dããã — disse Heath, erguendo a caneca aos lábios e tomando outro gole gigante.

Lon Baruzza o seguiu, com Benny sorrindo apreciativamente para ele enquanto também tomava um gole. Tinsley balançou-se para trás, rindo. Quem diria que Benny C. não era a pudica que gostava de fingir ser. E depois, quase no mesmo momento, Jeremiah e a garota do casaco de couro se olharam nos olhos através da sala e levantaram a caneca rapidamente, como se esperassem que ninguém percebesse.

Mas os dois estavam totalmente vermelhos e Tinsley, junto com todos os outros, de imediato entendeu que eles tinham feito juntos. Ninguém se mexeu. Tinsley olhou para Brett, que mantinha a cabeça baixa enquanto remexia na tira do sapato.

— Volta aí um minuto. — Heath levantou as mãos e tentou fazer um barulho de caminhão dando a ré. — Tinsley Carmichael, a Srta. Estive em Todas e Fiz de Tudo, está querendo dizer que é pura e intocada como uma Branca de Neve?

— Por que isso é tão surpreendente, Heath? Só porque eu não dormi com você? — Tinsley rebateu para ele, o rosto vermelho.

Heath fingiu arrancar uma flecha do coração.

— Deve estar brincando comigo. — Callie olhou de Brett para Tinsley, parecendo mais

do que irritada, de palmas erguidas daquele jeito "que porra é essa". — Vocês duas são virgens? O que aconteceu com ser sincera com as colegas de quarto?

Tinsley revirou os olhos exageradamente, como se não acreditasse que todos estivessem fazendo uma tempestade em copo d'água.

— Eu podia pensar em meia dúzia de vezes em que você sugeriu que era menos do que virgem! — observou Callie, concentrando-se em Tinsley, agora toda eriçada por algum motivo. Callie odiava que mentissem para ela, mesmo sobre uma coisa que não era da conta dela. — E o Sr. Dalton? Chiedo, da África do Sul?

Um bando de meninas saltou para apontar as vezes em que Tinsley não disse exatamente a verdade. Mas Easy não dava a mínima para Tinsley — e ele não ficou exatamente surpreso. Ela mentiria sobre qualquer coisa, se fosse para benefício próprio, e ele jamais acreditou numa palavra que tenha saído da boca daquela garota. Mas ele olhava Brett com interesse. Ela sempre deu a entender que não era lá muito inocente, mas ele pensava que sua atitude durona talvez fosse só uma cobertura para algum tipo de complexo.

Mas agora Brett não estava correspondendo a nada. Suas mãos tremiam enquanto Jeremiah sussurrava freneticamente em seu ouvido e tentava acalmá-la. Ao que parecia, a revelação de Jeremiah também a surpreendera. E qual era a história entre ele e a LIBERTEM O TIBETE?

A irritação de Tinsley chegou ao auge. Ela se levantou de repente e praticamente gritou com Callie.

— Eu nunca disse que fiz sexo, tá legal? Agora chega.

Isso irritou Easy.

— Mas que... — Ele começou a perguntar, pensando na época em que Tinsley passou a noite em um apartamento de estudante de mestrado de Columbia e se gabou disso no campus todo no dia seguinte.

— Que tal continuarmos com o jogo? — Tinsley mexeu nos suspensórios e endireitou a blusa. — Sou eu — disse ela rapidamente, antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa. — Eu nunca levei minha ex-namorada para jantar com meu pai em vez de minha namorada atual.

O estômago de Easy desabou. Todo mundo olhou em volta, totalmente confuso e pensando que talvez o estresse tivesse enlouquecido Tinsley. Ela encarava Easy, os olhos violeta faiscando de raiva. Do que ela estava com raiva, aquela cretina? Ele a fuzilou com os olhos.

— Por que não está bebendo, Easy?—perguntou ela num tom desagradável. — Você conhece as regras.

Se ela não fosse mulher, ele teria atirado a bebida na cara dela naquele momento. Mas isso não teria importado — ela já conseguira o que pretendia. Isto é, o escândalo dela não estava mais sob os refletores, e sim o dele.

Heath riu, um "rô rô rô" grave, como se fosse a coisa mais engraçada do mundo.

A cara de Jenny lentamente perdeu a cor. Ela se levantou para encará-lo.

— Isso... Isso é verdade?

Easy podia sentir que todos o olhavam, e nem todos os olhares eram gentis. Não que ele agora se importasse com o que os outros pensavam. Ele só queria que Jenny não o odiasse.

— Bom... er... na verdade... mas meio que... — Não era sua resposta mais eloquente, mas não importava mais, porque Jenny rapidamente deu as costas e correu para fora da sala. A sala zumbia e Easy colocou as mãos na cabeça como se pudesse ter alguma esperança de bloquear o barulho. Kara, a menina que Jenny tinha cumprimentado, pulou do seu lugar e correu atrás de Jenny, não rápido demais para se virar e olhar feio para

Easy quando passava. Brett se levantou e disparou sala afora, com Jeremiah em seu encalço. Parecia que a festa tinha acabado. Callie se levantou, a voz tremendo de fúria. — Por que você fez isso? — perguntou ela, andando para Tinsley e parando diretamente diante dela.

— Bom... Vocês todos podem falar dos meus segredos. Por que todo mundo não deveria saber os dele? — Ela olhou para Easy.

Callie sacudiu a cabeça, as mairas-chiquinhas loiras batendo.

— Você é uma piranha total.

Tinsley pareceu ficar sem palavras pela primeira vez na vida. Sua boca tremeu um pouco, não como se fosse chorar, mas como se a preparasse para o perfeito revide sarcástico. Mas depois de alguns segundos, ela atirou o cabelo para trás e saiu da sala. Até que enfim, pensou Easy. Era péssimo que ela não pudesse ficar de boca fechada pelo resto da vida.

UMA WAVERLY OWL SABE QUE UMA RELAÇÃO BEM-SUCEDIDA É BASEADA NA SINCERIDADE.

Depois de sair da festa num rompante, o último lugar em que Brett queria estar era seu quarto onde, uma hora antes, ela estivera prestes a transar pela primeira vez com o namorado que amava. Ela pensou que tudo estivesse perfeito—mas agora estava claro que tudo tinha sido falso. Ela e Jeremiah não podiam fazer o grande gesto simbólico de perder a virgindade juntos porque ele já perdera a dele — com outra garota. E nem foi uma coisa que aconteceu há muito tempo. Não, quando ela e Jeremiah namoravam antes, ele sem dúvida era virgem. Eles terminaram, voltaram algumas semanas depois e de repente ele não é mais virgem? Que merda é essa? Ela ficava enjoada com a idéia de voltar a seu quarto, a seu Iron & Wine, ao incenso de sândalo e suas cortinas fechadas. Não que marchar pela escada até o terraço fosse melhor — ela ainda se sentia enganada. O que ela realmente queria fazer era correr pela porta do Dumbarton, pular num carro e dirigir para algum lugar rápido, mas ela não podia sair do Dumbarton, então o terraço era a coisa mais distante aonde podia ir.

Ela abriu a porta de metal e entrou no ar frio e escuro da noite. Seus braços imediatamente se cobriram de arrepios, mas ela não percebeu; a noite estava linda, o que irritou ainda mais Brett. Cada uma das dez bilhões de estrelas no céu parecia estar brilhando de felicidade para ela, e Brett queria matar todas.

A porta se abriu. Jeremiah, praticamente arfando, foi na direção dela, mas Brett se afastou. Ela esperava que o corpo dele doesse ainda mais depois de ter subido correndo a escada.

— Como você pôde? Como pôde... fazer isso... e não me dizer nada? — gritou ela, sem se importar de ser ouvida.

— Brett, por favor. Calma, tá bem?

— Eu disse a você que era virgem. Eu disse que estava pronta pra transar. Será que um dia você ia me contar a verdade?

— Sim! Claro. — Jeremiah enfiou as mãos nos bolsos do jeans escuro, com cara de cachorro que acaba de morrer.

Meu Deus, pensou Brett com crueldade. Ele merece se sentir mal. — Só não era... o momento certo.

— E quando seria o momento certo? — Brett não conseguia evitar o veneno na voz. Ela se sentia tão traída. Jeremiah devia ser um dos caras legais. Ele era um dos anti-Eric Daltons, o tipo de cara que não vai pra cama por aí nem troca você pela primeira gostosa que entra no quarto. Ele não devia fazer isso com ela. — Depois de a gente transar? Porque se Brandon e... — Brett não conseguia dizer o nome de Elizabeth. — Se Brandon e a Cara-de-puta não tivessem interrompido quando entraram...

— Eu teria contado a você — insistiu Jeremiah, pegando um Camel Light em um maço amarrotado e colocando na boca. Ele procurou o isqueiro nos bolsos. — Mas você mentiu para mim por meses. Por que mentiu sobre ser virgem?

— Porque... porque... — Brett gaguejou. — Não sei. Não era da conta de ninguém. — E que diferença isso ia fazer, afinal? Se ele soubesse que ela era virgem, significaria que ele não ia cair em cima da Cara-de-puta?

— Não é da conta de ninguém — repetiu Jeremiah, puxando fundo o cigarro. — Então por que está tão irritada agora, se a virgindade não é da conta de ninguém?

— Não distorça minhas palavras! — Brett se sentia tão... impotente. Ela nunca ficou furiosa antes e estava com raiva de tudo. De Jeremiah. Dela mesma. De Elizabeth. Ela

podia estrangular a garota. Todos os seus pensamentos eram uma completa bagunça, agitando-se no cérebro a uma velocidade vertiginosa.

— Nós nem estávamos juntos quando aconteceu — observou Jeremiah em voz baixa.

— Até parece que fui eu que traí...

— Como é? — Era tão injusto da parte dele lembrá-la do Sr. Dalton. Ela já se desculpava um milhão de vezes por isso. — Eu não dormi com Eric.

— Como posso saber disso? — De repente Jeremiah parecia mais irritado do que triste. Seu cabelo ruivo voava ao vento. — Você me largou... pela secretária eletrônica... sem dar explicação nenhuma, não atendeu a meus telefonemas, nem e-mails, nem mensagens de texto, e aí, dois dias depois, eu soube que você estava passando a noite na casa daquele cara mais velho e galinha. O que eu devia pensar?

Brett detestava ouvir sobre como tinha agido. Era medonho.

— Eu sei... Eu sei que fui uma cabeça-oca nisso. Quantas vezes tenho de me desculpar?

— Ao que parecia, não bastava. — Mas você precisava sair e dormir com outra? Meu Deus, Jeremiah. — Uma lágrima quente desceu pelo rosto de Brett e ela a limpou com raiva com as costas da mão. Ela se afastou dele e foi para o muro de pedra na beira do terraço. O campus estava em silêncio — uma colcha de retalhos da luz dos outros alojamentos brilhava através das árvores e, em algum lugar, na outra extremidade do campus, os membros do conselho diretor bebiam o vinho do reitor Marymount e se divertiam muito. Ela passou as mãos pelos braços para se aquecer.

Ela ouviu Jeremiah dar um pigarro.

— Você me magoou, Brett. — Parecia que ele estava prestes a chorar, mas ele deu um trago no cigarro e a voz se estabilizou. — Eu fiquei totalmente arrasado. Não entendi... Eu pensava, sabe como é, que você me amava.

— Eu amava você! — exclamou ela. Assim que disse isso, ela percebeu como era estranho ouvir a si mesma falando no tempo passado — amava. Tipo antigamente amava, mas agora não. Duas corujas enormes saíram de um dos imensos carvalhos e se perseguiram pelo campus. Brett se perguntou se o macho já se embolou com outras corujas fêmeas e se a fêmea era capaz de perdoá-lo.

— Bom, você tem um jeito muito estranho de demonstrar isso.

— Não se atreva a me culpar por isso. — Brett girou o corpo para ficar de frente para ele. — Foi você que estava claramente morrendo de vontade de pegar alguém. Quanto tempo esperou? Tipo assim, um dia? Dois?

Jeremiah largou o cigarro meio fumado e o pisou com a ponta dos Pumas verdes. Brett sempre odiou esses sapatos.

— Eu precisei falar sobre isso... Com as pessoas, para tentar compreender. Elizabeth foi uma amiga. Ela me deu apoio. E simplesmente... aconteceu. Eu não estava pensando... Estava arrasado demais para pensar em alguma coisa.

Brett chutou um cascalho com a ponta do pé e ele deslizou pelo terraço.

— Eu queria que você fosse o primeiro para mim. Por isso não consegui dormir com Eric... Não era certo. Eu queria que fosse você. — Claramente ele não ficou tão magoado assim com ela, se pôde transar com a primeira garota que tentou fazer com que ele se sentisse melhor. Ela esperou 17 anos para perder a virgindade — não que ela estivesse pensando nisso lá pelos 13 ou 14 anos. E quando ela finalmente se decidiu por quem amava, com quem ela queria dividir... Ele já tinha feito com Elizabeth. Será que essa garota não conhecia outras maneiras de animar um cara? Ela de repente se lembrou de como era brincar de dança das cadeiras, quando a música parava e era você que ficava de pé feito uma idiota. Era assim que parecia, multiplicado por um bilhão.

— Você tem de entender — pediu Jeremiah. — Você nunca sofreu por amor.

Brett engoliu o bolo na garganta.

— Estou sofrendo agora.

— Brett...

— E como é que foi? — Brett não conseguiu deixar de imaginar Elizabeth e Jeremiah, nus, rolando na cama dele. Beijando-se. Ela se perguntou onde eles transaram — no quarto dele? No dela? No campo? Num motel barato? O que Elizabeth estava vestindo? Ele disse que ela era bonita? Ele a chamou de gata? — Foi bom? Jeremiah não disse nada por um bom tempo. Só a fitou com os olhos verde-azulados grandes.

— Não era você.

— Agora estamos juntos de novo há duas semanas — disse Brett em voz baixa, olhando a ponta do mocassim creme. Havia uma mancha preta do cascalho que ela chutou. — Não havia um momento certo em hora nenhuma?

— Eu não queria que você terminasse comigo. De novo.

Brett olhou as estrelas, querendo que elas desabassem agora e terminassem tudo. Era como se ela estivesse sendo castigada por ter se apaixonado feito uma idiota por Eric Dalton. Ou, mais do que isso, como se ela estivesse sendo castigada por mentir sobre não ser virgem. Talvez, se soubesse da verdade, Jeremiah não teria ido tão rápido para a cama de Elizabeth.

Um poeminha pessimista de Dorothy Parker saltou em sua cabeça:

Quando você jura que é dele, Tremendo e suspirando, E ele jura que sua paixão é Infinita e imorredoura, Senhora, tome nota disso... Um dos dois está mentindo.

Era verdade — os dois mentiram um para o outro e agora estavam numa confusão que eles mesmos criaram. Ela se sentiu toda pegajosa, como se estivesse gripada, e seus joelhos estavam frouxos. Era verdade que Jeremiah tinha sido compreensivo o bastante para perdoá-la por sua indiscrição com Dalton. Ela pensou que isso significava que ele a amava. Mas se ele a amasse, poderia ter dormido com outra? Brett respirou fundo.

— Acho que você tem de ir embora.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

YvonneStidder: Ai, foi minha questão sobre sexo que acabou com a festa?

KaraWhalen: Mais ou menos, mas não é culpa sua que todo mundo minta sobre tudo.

YvonneStidder:É. Quem teria pensado que T nunca transou? Isso me dá esperanças...

KaraWhalen: Meu bem, se quiser perder a coisa, só o que tem de fazer é pedir. Os meninos daqui são todos uns galinhas.

YvonneStidder: Heath Ferro estava uma gracinha hoje com aquela blusa de mulher.

KaraWhalen: Pode conseguir coisa melhor se fechar os olhos e apontar um nome na lista telefônica.

YvonneStidder: Foi você que atirou cerveja nele, não foi??

KaraWhalen: Declaro-me culpada.

UMA CORUJA RESPONSÁVEL RESISTE — MESMO DIANTE DE UM CARA MUITO GATO.

Callie andava pela sala de estar vazia do Dumbarton meio tonta, ainda sem acreditar no que tinha acabado de acontecer. Ela sempre soube que os jogos de festa eram perigosos — era isso que os tornava divertidos —, mas em geral o perigo significava que ela tendia a fazer idiotices, como ficar de porre e dar uns amassos em Heath Ferro. Desta vez, foi um pouco pior. Ela se sentia muito, muito mal — e, pela primeira vez, não por si mesma. Por Jenny. Era meio estranho de repente se sentir tão mal pela garota por quem alimentou ressentimentos por tanto tempo, mas Jenny era legal. Ela não mencionou o fato de que todos os elásticos de cabelo tinham desaparecido misteriosamente, embora deva ter percebido. Ou o fato de que o lindo e doce desenho de Easy tinha sumido. Se fosse o contrário, Callie certamente teria ficado louca. Mas Jenny era legal demais para fazer alguma coisa. Ela ainda era meio criança e era tão obviamente apaixonada por Easy Walsh que, neste-momento, era a única pessoa na sala além dela, desabado no sofá, ninando a cerveja em que acabara de colocar meia garrafa de Jack Daniels.

Callie parou e olhou a sala. Parecia mesmo que houve uma festa ali. E tinha cheiro de festa também. Canecas da Waverly e copos de plástico abandonados com cerveja pela metade espalhavam-se pela sala. Que ótimo. Só o que Pardee precisava fazer era entrar cedo, e era bem capaz de fazer isso, e as meninas do Dumbarton ficariam trancadas ali por mais um mês. Para onde foi todo mundo? Só porque Tinsley estragou a festa, não queria dizer que elas não precisavam limpar. Ela franziu o nariz e pegou um copo de plástico.

— Sabe que o mínimo que você pode fazer é me ajudar?

Easy mal ergueu os olhos para ela.

— Hein?

— Pode parar de pensar em si mesmo por, tipo assim, cinco minutos?—Callie desapareceu no corredor para a cozinha, que consistia numa geladeira, abarrotada de caixas de papelão com sobras de comida chinesa e pizza mofada, uma pia e um microondas que sempre queimava a pipoca de alguém. Ela despejou a cerveja na pia e lavou o copo antes de jogar na lata de reciclagem. Quando voltou à sala, Easy não tinha se mexido, o que a deixou furiosa.

— Que foi? — disse ele, percebendo o olhar dela. — O que você quer que eu faça?

Ela pegou duas canecas na mesa de centro e atirou no chão aos pés de Easy.

— Pode parar de sentir pena de si mesmo e começar a npensar nas outras pessoas envolvidas.

— Talvez eu já esteja fazendo isso.

— Talvez — rebateu Callie, empilhando as canecas e encarando Easy, ainda vagabundando. — Mas você devia ter pensado nelas antes, quando importava. Foi muito insensível de sua parte.

Easy gemeu e esfregou os olhos com os punhos, a bebida equilibrando-se no joelho.

— Eu sei. Me sinto um completo babaca por isso...

Callie sabia que era verdade que Easy se sentia péssimo, mas e ela? E Jenny? Foi Easy quem deu as cartas. Era ele que as duas queriam, e ele abusara disso.

— Ah, que bom. Porque você foi mesmo um babaca completo.

Easy não disse nada, como se soubesse que Callie tinha razão. E Callie sabia disso também. De repente era bom enfrentá-lo. Ele não podia ficar sentado ali, chafurdando

em seu estupor meio bêbado, sentindo pena de si mesmo e querendo estar em Paris e não ter de lidar com todas essas meninas malucas. Não, Easy precisava aceitar a responsabilidade pela bagunça que criou.

Callie fez outra viagem à pia da cozinha e largou as canecas, depois pegou uma caixa de pizza esmagada a caminho da sala. Algumas crostas meio devoradas rolaram dentro da caixa.

— Olha, Easy. Eu não queria parecer ríspida, mas não é justo de sua parte pensar que pode conseguir as duas coisas. Se você tem sentimentos pela Jenny, não pode ter mais sentimentos por mim.

O que seria meio triste... Mas ainda assim, Callie foi sincera. Ela não queria ser uma das namoradas de Easy — ou era Aquela, ou não era nada. Por mais que tenha sido ótimo beijá-lo de novo — e foi tremendamente ótimo —, nenhum cara valia se fazer de boba. Easy se levantou.

— Mas não funciona desse jeito.

— Bom, é assim que tem de ser. Você precisa decidir o que quer. — Callie enfiou alguns guardanapos amarrotados e gordurosos (eca!) na caixa de pizza e se levantou, sentindo certo orgulho de si mesma. — E, até que faça isso, eu meio que duvido que qualquer uma de nós vá querer alguma coisa com você.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

AlanStGirard: Soube do que aconteceu na sala?

AlisonQuentin: O que, que T e Brett são virgens? Que Kara atirou cerveja na cara de HF? Que Easy fodeu tudo com J por causa de C?

AlanStGirard: Hummm, é... Como já sabe disso tudo?

AlisonQuentin: Garoto, as novidades viajam rápido quando ficamos trancadas o dia todo.

AlanStGirard: Sentindo-se presa? Quer andar nua pelos túneis?

AlisonQuentin: Nem pensar. Não percebeu que os segredos não ficam em segredo por aqui?

AlanStGirard: E o seu quarto? Os segredos ficam em segredo aí???)

AlisonQuentin: Uma Waverly Owl responsável jamais convida meninos a seu quarto... (Mas ela não os dispensa também!)

UMA WAVERLY OWL NÃO TEM MEDO DE ESCURO — E ÀS VEZES O ADOTA.

— Foi meio desastroso, não achou?—disse Elizabeth de leve, encostada com Brandon no corrimão da escada do porão, segurando um copo plástico cheio de cerveja. O casaco de couro estava amarrado na cintura e a camiseta, com o slogan hippie LIBERTEM O TIBETE, apertava-se no peito. Ele se perguntou se ela era uma daquelas pessoas que sempre estavam assinando petições para salvar baleias e enviar ajuda humanitária aos famintos de países distantes. Porque isso era totalmente sexy. Talvez ele precisasse de uma garota que não fosse egoísta, como Callie. E Tinsley. — Em geral alguém vomita quando tem muito álcool na história, então acho que nos saímos bem. — Brandon bebera mesmo alguns copos de cerveja a mais e sua língua estava pesada na boca. Heath estivera correndo com a camiseta de mulher, futucando as pessoas e dizendo a elas para beberem, porque ele precisava devolver os barris ao depósito. Mas sim, o jogo de Eu Nunca meio que saiu de controle. Ele se sentia mal por Jenny—ela era tão bacana, foi horrível vê-la arrasada na frente de todos. Mais um motivo para desprezar Easy, como se Brandon precisasse disso. O que Easy estava fazendo, levando Callie para jantar com o pai dele? Meu Deus. Um idiota podia ter dito a ele que essa ideia era horrível.

— Gosto da sua camiseta — disse Brandon, porque não conseguia pensar em outra coisa para dizer. — Você também salva baleias?

— Quando não tenho muito dever de casa — respondeu ela, passando a mão no corrimão.

Brandon sorriu. Essa garota era muito atrevida e isso era meio divertido. Se ele não estivesse meio bêbado, teria tentado ser mais espirituoso. Ele queria não ter de se esforçar tanto para pensar em algo a dizer — mas ele só ficava pensando na pintinha no lado esquerdo do rosto dela.

— Hummm... Quer ver os túneis?—perguntou Brandon por fim.

— Os famosos túneis? — Os olhos de Elizabeth se iluminaram. — Eu adoraria.

— Legal. — Brandon partiu escada abaixo, as pernas se movendo lentamente.

Elizabeth o seguiu até o depósito, onde a porta do túnel estava escancarada.

— Isso é tipo o Underground Railroad... que máximo! — sussurrou ela, claramente pasma.

Brandon pegou a lanterna no bolso e a acendeu. De imediato, Elizabeth pôs a mão na dele.

— Não tinham lanternas nos tempos do Underground Railroad... Desliga isso. — Ela entrou no túnel escuro, com cuidado ao descer os degraus e desaparecer na escuridão.

— Ei, espera. — Brandon a seguiu sem jeito. — Eles não tinham velas naquele tempo? Deviam ter alguma coisa. — Seus tênis bateram no chão de concreto do túnel e ele semicerrou os olhos na escuridão.

Uma chama minúscula ardeu no escuro, iluminando o rosto de Elizabeth, e um globo de luz a cercou.

— Não exatamente Zippos. Mas vai servir. — Como se fosse possível, seu rosto era ainda mais bonito na luz oscilante que vinha do isqueiro.

— Aonde você quer ir? — perguntou Brandon. Ele percebeu que os dois estavam falando baixinho, como se suas palavras parecessem um eco nos túneis amplos e silenciosos. Era muito mais legal aqui embaixo com Elizabeth do que foi com os amigos bobalhões.

Mas que surpresa.

Elizabeth olhou o teto de concreto e tomou um gole da cerveja.

— Deixei minha Vespa nos arbustos perto da portaria ou sei lá o que era aquilo. Você sabe, aquele prédio em ruínas na frente do campus? A gente pode ir para lá. — Ela estendeu o copo para Brandon. — Quer?

Brandon pegou o copo enquanto lampejavam em sua cabeça imagens de Audrey Hepburn em A princesa e o plebeu, eliminando os pensamentos de troca de germes. Ele bebeu a cerveja.

— Uma Vespa?

— Que foi, é hipster demais para você, Armani? — Ela beliscou maliciosamente o suéter dele. Como Elizabeth sabia que era Armani?

— Na verdade, pensei que você dirigisse um carro híbrido... Mas o casaco de couro de motoqueiro me fez mudar de idéia.

Elizabeth se inclinou para ele.

— Não fique revoltado — sussurrou ela —, mas é couro vegetal.

Brandon sorriu. Ele gostava de que essa garota fosse alguém fora de toda a incestuosa Waverly.

Elizabeth o seguiu até o depósito, onde a porta do túnel estava escancarada.

— Isso é tipo o Underground Railroad... que máximo! — sussurrou ela, claramente pasma.

Brandon pegou a lanterna no bolso e a acendeu. De imediato, Elizabeth pôs a mão na dele.

— Não tinham lanternas nos tempos do Underground Railroad... Desliga isso. — Ela entrou no túnel escuro, com cuidado ao descer os degraus e desaparecer na escuridão.

— Ei, espera. — Brandon a seguiu sem jeito. — Eles não tinham velas naquele tempo? Deviam ter alguma coisa. — Seus tênis bateram no chão de concreto do túnel e ele semicerrou os olhos na escuridão.

Uma chama minúscula ardeu no escuro, iluminando o rosto de Elizabeth, e um globo de luz a cercou.

— Não exatamente Zippos. Mas vai servir. — Como se fosse possível, seu rosto era ainda mais bonito na luz oscilante que vinha do isqueiro.

— Aonde você quer ir? — perguntou Brandon. Ele percebeu que os dois estavam falando baixinho, como se suas palavras parecessem um eco nos túneis amplos e silenciosos. Era muito mais legal aqui embaixo com Elizabeth do que foi com os amigos bobalhões.

Mas que surpresa.

Elizabeth olhou o teto de concreto e tomou um gole da cerveja.

— Deixei minha Vespa nos arbustos perto da portaria ou sei lá o que era aquilo. Você sabe, aquele prédio em ruínas na frente do campus? A gente pode ir para lá. — Ela estendeu o copo para Brandon. — Quer?

Brandon pegou o copo enquanto lampejavam em sua cabeça imagens de Audrey Hepburn em A princesa e o plebeu, eliminando os pensamentos de troca de germes. Ele bebeu a cerveja.

— Uma Vespa?

— Que foi, é hipster demais para você, Armani? — Ela beliscou maliciosamente o suéter dele. Como Elizabeth sabia que era Armani?

— Na verdade, pensei que você dirigisse um carro híbrido... Mas o casaco de couro de motoqueiro me fez mudar de idéia.

Elizabeth se inclinou para ele.

— Não fique revoltado — sussurrou ela —, mas é couro vegetal.

Brandon sorriu. Ele gostava de que essa garota fosse alguém fora de toda a incestuosa Waverly.

Mesmo que ela tivesse alguma coisa com Jeremiah, que tinha alguma coisa com Brett, que... Brandon livrou-se dessas idéias confusas, sacudindo a cabeça.

— Como você sabia que o Jeremiah estava aqui?

Ela ficou meio constrangida e fechou a tampa do Zippo, imergindo os dois na escuridão.

— Eu não sou, tipo assim, de perseguir ninguém. — Silêncio. — Ele me contou.

— Então... Vocês não estão juntos agora, estão? — De algum modo era mais fácil perguntar sobre isso no escuro.

Agora a luz da porta aberta do depósito do Dumbarton estava muito atrás deles, e os olhos de Brandon precisaram de um minuto para se adaptar ao novo nível de escuridão e conseguir distinguir o perfil de Elizabeth.

— Não! — a resposta dela foi rápida e Brandon se acalmou um pouco. — Não era nada disso, aliás. — Os dois andaram, como se soubessem aonde iam. — Só somos bem íntimos, entendeu? E depois ela... a Brett... magoou Jeremiah. E então acho que nós dois fomos presa das emoções disso tudo, embora não se tratasse bem de nós dois.

— Não precisa me dizer tudo isso, sabia? — disse Brandon, embora estivesse louco para ouvir que ela não estava querendo Jeremiah. Porque se os jogadores de futebol americano de ombros largos fossem o gênero dela, Brandon não ia ter lá muita sorte.

— Eu sei. — O Zippo se abriu novamente, banhando o rosto de Elizabeth em seu brilho quente. — Eu só meio que queria... esclarecer as coisas.

O coração de Brandon martelou.

— De qualquer modo — continuou ela, passando a mão na parede — eu tinha que dar uma olhada em Brett... Para saber se ela não estava brincando com ele de novo. — Elizabeth parou. — Infelizmente, acho que posso ter estragado tudo para ele.

— Não foi culpa sua.

— Bom, eu não precisava ser sincera... Até parece que no Eu Nunca você está sob juramento ou coisa assim. Então talvez ele pudesse ter mentido e...

— Não acho que isso ajudasse. Um dia ele teria de contar a verdade a ela. — De repente Brandon percebeu que não queria mais falar de Jeremiah e Brett — eles que se entendessem.

O que ele queria era beijar essa garota.

— E você? E aquela garota, a Jenny? — perguntou timidamente Elizabeth. — Você pulou da cadeira depois que ela saiu, como se quisesse correr atrás dela.

Ele fez isso? Brandon nem se lembrava.

— Bom, ela é gente boa. Quer dizer, ela é uma amiga. — E o matava de raiva que Easy estragasse tudo com ela também, mas isso não o surpreendia. Esse cara não tinha escrúpulos — se numa semana ele quisesse Jenny, teria a Jenny. Se quisesse Callie na semana seguinte, bom, era só tentar e a teria também. — Eu só, sabe como é, me senti mal por ela. O namorado dela é um babaca.

— Então não preciso ter ciúme de ninguém?

Ciúme? Ah, sim. Como se Brandon conseguisse pensar em qualquer coisa que não fosse o fato de estar sozinho num túnel escuro com essa garota excitante de casaco de couro vegetal e cabelo estranho que o fazia se sentir tão totalmente desinibido.

— Não quero falar mais de outras pessoas — disse Brandon, tomando outro gole da cerveja de Elizabeth como se fosse uma espécie de energético com eletrólitos.

— Ah, sim? — Elizabeth ergueu a sobrancelha direita enquanto brincava com o isqueiro, fechando-o e abrindo e fechando de novo. Ela o manteve fechado. — Do que você quer falar?

Brandon pôs a cerveja no chão e se aproximou para onde pensava que Elizabeth estava.

Não foi tão difícil encontrá-la. Ele sorriu no escuro, sentindo que o rosto dela estava a centímetros do dele.

— Sei lá... guerra nuclear?

Ele a ouviu rir e, enquanto a boca de Elizabeth se abria para dizer alguma coisa, ele a beijou. Ela retribuiu o beijo com ansiedade, e Brandon só pôde pensar em como era diferente e excitante. As mãos dele desceram pelas costas de Elizabeth. Ele nem percebeu o quanto estava escuro, porque seus olhos estavam fechados.

UMA WAVERLY OWL SEMPRE CONTA A VERDADE, A NÃO SER QUANDO NÃO É SENSATO FAZER ISSO.

Jenny se sentia meio a rainha do drama correndo da sala de estar daquele jeito, mas não conseguiu evitar. Ela teria sufocado se ficasse mais um segundo ali — com Easy, que tinha mentido para ela. E com o resto deles, todos encarando e rindo com malícia, fazendo com que ela se sentisse uma idiota por pensar que Easy podia estar apaixonado por ela. Por que tudo isso tinha de acontecer? As coisas não podiam ser mais simples? Por que, sério—por que Easy levou Callie para jantar com o pai dele se ele estava apaixonado por ela? Isso não fazia sentido nenhum. Será que ele tinha vergonha dela? Porque ela era baixa demais? Nova demais? Nova York demais para o pai dele? Só Callie, com o cabelo louro perfeito e a linhagem sulista, era boa para ele? Depois de voltar ao quarto, Jenny sentiu-se um pouquinho melhor. Pelo menos não havia ninguém a encarando agora. E pelo menos ela não precisava enganar Tinsley, que devia mesmo odiá-la se estava tão ansiosa para constrangê-la na frente de todos os amigos. Ou talvez eles não fossem seus amigos, pensou Jenny melancolicamente enquanto ligava o aparelho de som. Suas palmas tinham parado de suar, embora ela ainda sentisse que podia vomitar a qualquer momento. Houve uma leve batida na porta meio fechada — Easy? Mas Kara colocou a cabeça para dentro.

— Posso entrar? Quer companhia?

Jenny na verdade ficou meio feliz por não ser Easy — ela não estava com vontade de conversar com ele, não mesmo. Não se ele não pudesse dizer a ela que era tudo mentira, ele nunca levou Callie para jantar. Então talvez ela ouvisse. Mas como isso não ia acontecer, Jenny queria primeiro chegar a algumas conclusões sozinha.

— Pode entrar, se não se importa que eu vista roupas mais confortáveis.

Kara soltou um assovio baixo e se sentou na cama de Callie. Jenny pegou a calça do pijama de flanela Calvin Klein e o top preto na gaveta de cima.

— Tinsley sem dúvida tem jeito com as palavras, né?

Jenny quase riu ao tirar o vestido tomara-que-caia de Verena e seu sutiã de esmagar peitos. Ela rapidamente vestiu o top preto e a calça confortável de pijama. Havia algo na flanela que era tão reconfortante, mesmo que o xadrez cinza estivesse quase totalmente rasgado nos joelhos.

— Pode apostar que sim. É assim que ela consegue humilhar os outros.

Kara enfiou o pé por baixo do corpo.

— Não devia se sentir humilhada. Quem liga para o que os outros pensam?

— Acho que eu não ligo... Eu só não fazia a menor idéia do que Easy estava pensando, e é esse o problema. Quer dizer, eu perdi alguma coisa? Por que ele levou Callie para jantar? — Ela se jogou na cama e abraçou o travesseiro no peito. — E não me falou nada?

— Talvez não devesse exagerar. Ou, pelo menos, não até que converse com ele. Deixe que ele explique. Talvez ele tenha uma ótima explicação... Tipo assim, ele odeia o pai e não suportaria te submeter a ele. — Kara deu de ombros. — E como ele não gosta realmente de Callie, não se importou de levá-la.

Jenny soltou um riso seco.

— Tá legal. Só que estou começando a pensar que o problema talvez seja que ele goste demais de Callie.

— Ele é louco por você — insistiu Kara.

Houve outra batida suave na porta. Callie a empurrou, hesitante. Como se não tivesse certeza se alguém ia atirar alguma coisa nela. De imediato Jenny se tranquilizou — não era culpa de Callie, nada disso. A não ser, talvez, a saída com Easy, e ninguém podia culpá-la por isso.

— Está tudo bem... pode entrar. Não estou chateada. — Mas ver Callie na soleira da porta—tão magra, elegante e linda — deixou sua voz meio trêmula. Como se ela estivesse prestes a chorar.

— Jenny, eu sinto muito. — Callie correu para ela, parecendo que meio que queria abraçá-la mas não sabia como fazer isso. — Eu não... queria que você descobrisse desse jeito.

— Está tudo bem. Easy é que devia me contar, e não você. — Jenny deu de ombros. Ela se sentia uma criança naquele top preto, com os ombrinhos e a calça de flanela larga. — E não é sua culpa que a Tinsley seja uma cretina das grandes.

Callie mordeu o lábio.

— Eu não sei por que ela é assim. Talvez seja coisa de TPM.

— Nunca conheci ninguém com TPM o tempo todo — observou Kara.

Jenny lançou um olhar suplicante a Kara e foi para a ponta da cama para dar espaço para Callie, que ainda estava de pé diante dela.

— Então... — Sua voz falhou. Ela respirou fundo. — Então, alguma coisa, hummm... aconteceu no jantar? Com Easy?

— Não! — respondeu Callie com veemência. — Foi total uma coisa de amigos. As coisas são estranhas com o pai dele, sabe disso. — Ela deu de ombros. — Acho que só foi mais fácil porque eu já o conhecia.

Kara deu para Jenny um sorriso que parecia dizer "eu te falei". Jenny sorriu meio amarelo. Isso não a fazia se sentir melhor. Callie sempre ia conhecer Easy por mais tempo do que ela — não havia como contornar isso, a não ser que ela pensasse num jeito de voltar no tempo. Simplesmente não era justo.

Bastou uma expressão de Jenny para Callie ver que ela já estava prestes a desmoronar. Não havia necessidade de falar em suas agarradas no armário. Que sentido tinha contar a ela uma coisa que a entristeceria ainda mais? Uma coisa que ela nem precisava saber? Callie tentou parecer natural.

— A Tinsley só estava... sendo uma cretina. Ela sempre quer criar os maiores problemas possíveis, sabia? — Ela esperava não estar atraindo um carma ruim por mentir de novo. Mas era verdade. Teria sido cruel contar a Jenny sobre o beijo.

— Eu diria que ela conseguiu.—Brett entrou no quarto, os olhos vermelhos e inchados. O cabelo parecia pegajoso, como se ela tivesse passado as mãos neles repetidas vezes. Ela se atirou na cama de Jenny. Jenny pôs a mão no ombro de Brett, fazendo Callie perceber o quanto sentia falta de amigas de verdade. Não como Tinsley, que só parecia querer magoar as pessoas, ou como Benny, que só queria uma fofoca picante.

— Você está bem, Brett?—perguntou Kara, preocupada. Ela ainda estava com as roupas de festa — uma blusa romântica e calça escura cintilante. Roupas legais.

— Vou sobreviver. Por enquanto. — Brett tirou os sapatos aos chutes e eles bateram no chão. — Mas se vocês estiverem falando de como os homens são um porre, seria muito útil.

— Você atirou mesmo cerveja na cara de Heath? — perguntou Callie a Kara de repente.

— Só porque ele merecia muito, muito mesmo — respondeu ela. — Ele é tão galinha.

Foi um total babaca comigo por um ano inteiro, e agora que estou... sei lá, não sou mais gorda... ele acha que pode jogar charme pra mim e eu vou ficar caída por ele? — O rosto de Kara estava rosado de irritação.

Callie assentiu devagar, sem entender realmente. Alguém ia ter que contar essa história

a ela. Mas atirar cerveja na cara de Heath era muito engraçado. Heath sempre parecia receber tudo numa bandeja de prata — das notas, pelas quais ele não se esforçava, às meninas que não merecia. Um dia alguém tinha de atirar isso na cara dele.

Será que todos os meninos têm memória curta? — Ela, obviamente, estava pensando em Easy ao dizer isso. Teria ele se esquecido de que a largou? Que ele a teve por um ano inteiro e depois decidiu que não a queria mais? E então, duas semanas depois, pensou, Mas que diabos! Posso muito bem levá-la para jantar, e beijá-la, e quem é Jenny? Grrrr. Não estava certo tratar uma pessoa desse jeito, e Callie se sentia uma idiota por deixar que isso fosse tão longe. — Será, tipo assim, um lance da testosterona?

— Quer dizer que a testosterona faz com que eles pensem com o pênis? — Brett se sentou na cama. — Bom, isso é totalmente revoltante. Até parece que nós pensamos com os ovários. Suas mãos estavam fechadas em punhos. Na verdade, ela parecia com mais raiva ainda do que quando saiu da festa.

— Não vamos falar de nossos órgãos reprodutores — piou Callie. — Isso me deixa meio esquisita.

— Pênis. Testículos. Trompas de Falópio. Útero — Kara recitou rapidamente enquanto Callie colocava as mãos nas orelhas. Todas riram, até Jenny e Brett, que parecia meio morta.

— Não podemos só concordar que todos os homens são uns babacas? Pelo menos às vezes? — Callie esfregou a nuca, cheia de nós depois da longa noite estressante.

— Os homens só agem como babacas quando alguém deixa — observou Kara, passando o dedo pela colcha xadrez de Callie. — E se cada garota só concordasse em parar de deixar que eles se safem?

— Então eles iam ter de aprender a se comportar como seres humanos. — Brett enroscava uma mecha de cabelo ruivo no dedo.

— Vamos fazer um pacto — sugeriu Callie, de repente interessada em fazer uma coisa para garantir que não ia mais deixar que Easy fosse babaca com ninguém.

— Tudo bem — disse Jenny rapidamente, saindo de seu longo silêncio. — E se todas nós concordarmos em nos respeitar para que os homens nos respeitem? — Ela mordeu o lábio. — Quer dizer, se fizermos a nossa parte, a parte deles simplesmente... vai acontecer.

— Talvez a gente possa fazer o trabalho da Waverly Owl responsável — sugeriu Brett, batendo a unha de esmalte pêssego no queixo. — Sabe como é, uma Waverly Owl responsável não cede à pressão dos meninos etc. Pode ser uma coisa de girlpower.

— Acha que dá para ser um trabalho coletivo? — perguntou Kara, cheia de esperança.

— Quer dizer, eles devem ter visto Clube dos cinco nos cinemas quando foi exibido. Colocar a gente em prisão coletiva é meio, tipo assim, pedir por isso.

— Podia ser meio simbólico... Como se nós só tivéssemos uma resposta porque... — Jenny abriu um sorriso tímido e parou. — Estamos todas na mesma, sabe como é, por baixo.

É verdade. Embora parecesse ridículo, e parecia muito ridículo, as meninas se olharam e pensaram como era verdade. Jenny, de pijama, com os cachos escuros puxados num nó bagunçado atrás da cabeça. Brett, os olhos turvos mas decididos. Kara, que era quase uma completa estranha, com seus enormes olhos castanhos esverdeados absorvendo a cena, o rosto corado como se estivesse realmente animada com todo o fim de semana. E Callie — bom, pela primeira vez, ela não ligava para sua aparência. E todas sabiam que isso era meio legal.

— Um pacto — repetiu Callie.

Sorrindo como se concordassem, as quatro se inclinaram para a frente e empilharam as mãos, como se estivessem se preparando para começar um jogo de hóquei. Era meio

desconfortável mas, como estímulo, fez Callie achar, pelo menos por um momento, que ela fazia parte de alguma coisa. Que talvez ela não estivesse mais tão sozinha.

UM OWL RESPONSÁVEL SABE GUARDAR SEGREDO — EM ESPECIAL SE ISSO SIGNIFICA FICAR COM A GAROTA.

Nem acredito que Heath e eu arrastamos um barril até aqui! — exclamou Julian. Ele estava parado na beira do terraço, olhando por cima de um muro de pedra, pela escada de incêndio enferrujada.

— Um meio-barril — observou Tinsley de brincadeira atrás dele. — E por que vocês fizeram isso mesmo?

— Uma garota bonita disse para fazer. — Julian pegou um seixo do terraço, soprou nele e balançou o braço algumas vezes antes de atirá-lo no pátio, como se estivesse lançando uma pedra num lago.

— Você faz tudo o que as garotas bonitas lhe dizem?

— O que posso fazer? Eu fui criado direito.

Ele certamente fazia uma coisa direito. Depois que a festa se dispersou, Julian, Tinsley e alguns outros foram até a sala de estar menor no segundo andar, que abrigava a TV e o aparelho de DVD. Julian, meio tímido, pegou na bolsa de carteiro uma cópia da biblioteca de Rosencrantz and GuMenstemAre Dead.

— Já que sua reunião de cinema foi adiada — sussurrou ele. Tinsley, nesse momento, ficou grata por eles não estarem sozinhos—caso contrário, só Deus sabe o que teria acontecido. Em vez disso, enquanto Lon e Benny se aninhavam no sofá de chintz de dois lugares, os dois sentaram-se a uma distância confortável um do outro no sofá grande. Que afundava no meio, o que significava que eles aos poucos foram escorregando para o outro, e no começo de cada cena Tinsley tinha de se afastar ou acabaria no colo dele.

Não que ela viesse a ter algum problema com isso se eles ficassem sozinhos. Mas... Havia muitos fatores a considerar. Ela sabia que era uma bobeira—a idade não devia ter importância. Madonna era dez anos mais velha do que Guy Ritchie! Mas Guy Ritchie não era um calouro.

Era mais do que isso. Seus momentos preferidos eram aqueles que levavam ao primeiro beijo — quando você não tem certeza se vai acontecer ou como vai ser, quando seus nervos estão à flor da pele, esperando por isso. Às vezes—infelizmente, vezes demais para Tinsley — a expectativa era melhor do que o resultado. O beijo, e o cara, em geral a decepcionavam. E depois que o beijo acabava e ele foi mais ou menos, toda a coisa basicamente chegava ao fim.

E ela não queria que isso acontecesse com Julian. Era meio emocionante ficar sentada ao lado dele no escuro, com Benny e Lon a pouca distância, vendo um dos filmes mais divertidos do planeta e tentando não se perguntar que gosto teriam os lábios de Julian. Ele também tinha uma risada ótima—como se não se importasse de ser ouvido.

Depois que os créditos rolaram, eles escapuliram da sala de estar, a cabeça de Benny deitada no peito grande de Lon, um deles roncando alto, e foram para o terraço. Onde estavam agora.

— Venha cá — disse Julian de repente, olhando por sobre a beira de novo. Tinsley rapidamente se aproximou dele e espiou, perguntando-se se Pardee finalmente estava voltando para casa. Mas ela não viu nada, a não ser a grama escura e os arbustos bem embaixo. Nada se mexia.

— O que tenho que olhar aí?—perguntou Tinsley, ciente da proximidade de Julian. Ele estava a centímetros de distância.

— Ah, sei lá.

Tinsley olhou para ele, confusa. A certa altura da noite, ele havia tirado o gorro e a brisa agitava seu cabelo sujo. A covinha no canto dos lábios se aprofundou.

— Eu só queria que você ficasse mais perto.

— Oh — respondeu Tinsley. — O que mais você quer? — Um tremor percorreu seu corpo.

— Quero que pare de fazer perguntas para eu poder te beijar.

— Por que você não... — começou ela, sentindo-se nervosa de repente, porque as coisas estavam acontecendo rápido demais. Ela não sabia se estava preparada para abrir mão da expectativa. Mas então Julian se inclinou para ela e colocou a boca em sua face, mantendo ali por um momento, e Tinsley se lembrou do cheiro do cabelo dele — pinheiro.

Ele não tinha lhe dito nada sobre o jeito cretino com que ela terminou o jogo de Eu Nunca, e Tinsley gostou disso. Ele não parecia surpreso, nem decepcionado, nem nada — só parecia gostar dela.

E assim ela não conseguiu se reprimir mais. Deixou que o nariz roçasse o dele, e depois os lábios dela tocaram os dele, delicadamente e em seguida com mais intensidade, e as mãos de Julian envolveram sua cintura enquanto ele a puxava.

Ele pode ser novo, mas sem dúvida sabe beijar, pensou ela.

— Está vendo? — disse Tinsley quando se afastou dele, mas não muito. — Às vezes eu sei calar a boca.

Julian empurrou o cabelo dela e a beijou na orelha, ou meio que beijou, os lábios macios só tocando-a de leve. Depois sua boca desceu pelo pescoço, provocando uma explosão gelada de prazer pelo corpo de Tinsley.

— Não me leve a mal, eu gosto quando você fala demais... — As palavras dele pareciam ainda mais íntimas do que os beijos na pele de Tinsley. — Mas é bom variar. Eu to muito a fim de você, sabia?

Tinsley suspirou.

— Você mal me conhece. — Ela trouxe os braços de volta e se encostou no muro do terraço.

— Não sei não — rebateu Julian. — Sei que você depila as pernas no banho. Sei que você começa a rir antes mesmo de uma frase engraçada num filme só porque sabe que ela vem. Sei que você tem um sinal pequenininho e engraçado atrás da orelha esquerda que só as pessoas de sorte podem ver. Ou beijar. Tinsley olhou a multiplicidade de estrelas no céu, que pareciam estar piscando para ela.

— Obrigada — disse ela de um jeito sonhador, querendo que os dois pudessem dormir ali em cima. — Eu também gosto de você.

Julian passou a mão no cabelo, fazendo-o cair de lado. Ele parecia meio um daqueles astros de rock famintos. Ele podia ter alguma carne nos ossos. Tinsley pegou um maço de cigarros naturais que alguém — Callie? — deve ter deixado ali, uma caixa de fósforos ao lado. Ela acendeu um e ofereceu a caixa a Julian. Ele sacudiu a cabeça.

— Ninguém vai acreditar nisso. — Ele tinha um sorriso bobo estampado na cara.

— Peraí, o quê? — Tinsley de repente ficou muito desperta. — Não pode contar às pessoas sobre isso. Este tem de ser, tipo assim, nosso segredo.

Julian deu a impressão de ter levado um balde de água fria.

— Por quê?

Porque você é um calouro, ela queria gritar. Mas, em vez disso, ela organizou os pensamentos e falou calmamente, como se tivesse apresentado seu argumento num debate — só que este definitivamente não era para ser discutido.

— Eu não quero que leve a mal... Mas você não está aqui há muito tempo, então não viu

como todos os relacionamentos na Waverly tendem a se acabar com tanta gente de olho nele. — Ela deu de ombros com inocência, mas já estava pensando no colapso iminente de Jenny e Easy. — Só não quero que aconteça... isso, entendeu?

— Não é porque você tem medo de namorar um calouro, é? — Os olhos castanhos de Julian examinaram o rosto dela, como se procurassem por pistas.

— Não um tão gato como você — respondeu ela rapidamente. A fama de calouro fazia mesmo parte da história. Na realidade, Tinsley era meio... ruim... nos relacionamentos. Assim que ela achava que estava em um, queria sair. E os olhos xeretas das Waverly Owls não ajudavam em nada. Logo que se espalhasse o boato de que duas pessoas estavam namorando, as pessoas sempre pareciam loucas para vê-las separadas. Tinsley odiava a idéia dos outros a cumprimentando com "Cadê o Julian?". Era como se, depois de fazer parte de um casal, você deixasse de existir como indivíduo. Isso a deixava meio enjoada.

E, agora, seus sentimentos por Julian eram tão agradáveis que ela não queria estragar tudo.

— Vai ser muito mais legal se ficar só entre nós — continuou ela, vendo que Julian estava hesitando. — Não haverá ninguém para atrapalhar.

— Alguém um dia disse não a você? — perguntou Julian depois de uma curta pausa. Seus olhos cintilavam de exasperação, como se ele soubesse que estava se envolvendo numa coisa a que devia resistir, mas não conseguia.

— Raras vezes—admitiu ela, a boca curvada num sorriso.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

De: BrettMessertschmidt@waverly.edu

Para: ReitorMarymount@waverly.edu

CC: KathrynRose@waverly.edu;

Residentes do Dumbarton

Data: Domingo, 6 de outubro, 17h14

Assunto: Trabalho

Prezados reitor Marymount e Srta. Rose,

Aceitamos o fato de que tivemos de sacrificar todo um fim de semana em detenção pelo que fizemos. O que fizemos FOI errado. Mas chegamos a uma conclusão diferente depois de discutir o que achamos ser uma Waverly Owl responsável. Vocês vêem as Waverly Owls como querem ver as Waverly Owls — nos termos mais simples e de acordo com as definições mais convenientes. Vocês nos vêem como herdeiras, patricinhas, casos de hospício, delinquentes, nerds de banda e Waverly Owls responsáveis. Correto? É assim que nos víamos antes da detenção. Tínhamos sofrido lavagem cerebral.

Nem todas somos culpadas do que vocês pensavam que éramos — mas todas somos culpadas de uma coisa. Todas somos culpadas de ceder aos rótulos, deixar que eles nos sejam impostos e por tentar corresponder a eles.

Portanto, chegamos a nossa percepção coletiva do que é ser uma "Waverly Owl responsável".

Não tentar ser alguém que não é, mesmo quando veste a roupa das outras

Saber quem são suas colegas de quarto e quem elas não são

Não mentir sobre si mesmas, aos outros ou a si

Dizer o que quer e querer o que diz
Respeitar-se para que os outros também a respeitem
Esta é nossa resposta coletiva. Foi o que aprendemos neste fim de semana e é o que não vamos esquecer.
Atenciosamente,
As Meninas do Dumbarton

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

BennyCunningham: Bom trabalho, B! estou orgulhosa de chamá-la de representante da minha turma. Como chegou a toda essa besteirada?

BrettMesserschmidt: Jenny, Callie e Kara me ajudaram. E não estou convencida de ser uma besteirada...

BennyCunningham: Quer dizer que J e C não se estrangularam ainda??

BrettMesserschmidt: Não acho que isso vá acontecer — pelo menos, não mais.

BennyCunningham: Todo mundo está falando de Kara atirar cerveja na cara de Heath — essa foi tremendamente demais... Ela é uma garota engraçada. Fico feliz por descobri-la.

BrettMesserschmidt: Ela estava lá o ano todo.

BennyCunningham: B... Até parece que ela estava esperando que você a descobrisse ou coisa assim. Mesmo assim... Gosto do estilo dela. Ela tem... sei lá. Alguma coisa.

BrettMesserschmidt: Talvez todas nós tenhamos.

FIM